

BEATRIZ ZANZINI



O (RE)COMEÇO
depois daquele fim



ROUXINOL
EDITORA



Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

BEATRIZ ZANZINI



O (RE)COMEÇO
depois daquele fim

BEATRIZ ZANZINI

O (RE)COMEÇO
depois daquele fim

1ª edição

Copyright © 2017 Beatriz Zanzini

Capa: Lari Azevedo

Ilustração: Bárbara de Paulo

Diagramação: Lari Azevedo

ESTA É UMA OBRA DE FICÇÃO.

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer

meios – tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

1ª Edição

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O (re) começo depois daquele fim. / Beatriz Zanzini
Madeira. 1ª ed. – Campinas/SP: Rouxinol Editora, 2017.

Madeira, Beatriz Zanzini
ISBN: 978-85- 5994-015- 2
1. Romance. 2. Ficção. I. Título.

Índices para catálogo sistemático: CDD: B869.93 CDU:
82-134.3(81)- 31

Prefácio

Clarice, mulher com sonhos, vontades, desejos, frustrações, medo e uma grande e excessiva dose de coração partido. Como as horas, dias, meses e os anos se passam através de um calendário, assim também foram seus relacionamentos. Crises, dramas, amores (nem sempre recíprocos), arrependimentos, experiências novas e o passado lutando para ter lugar no presente (mas ora bolas, ele já teve o seu lugar, então por que não deixar ela seguir

a trilha para um novo capítulo sem o pesar das páginas anteriores?).

Seres humanos são extremamente egoístas e mesquinhos, preferem fantasiar a versão de que algumas pessoas são objetos e que nunca possuíram vontade própria, mas no mundo de Clarice, por mais confuso e devastado que possa aparentar a primeiro olho nu, tu verás que ela sabe encontrar a solução para qual seja o problema que estejas a enfrentar. Pode demorar a tomar decisões, pode perder o foco e algumas vezes até desanimar, mas é quando ela é posta em prova “de um tudo ou nada”, de que o agora tem que ser vivido exatamente agora, de que os segundos são preciosos e de que o próximo é uma verdadeira incógnita, que ela irá voltar seus olhos para sua própria vida e se olhar como se fosse a primeira vez.

Depois desta experiência vivenciada, ainda com hematomas no corpo,

na alma e principalmente no coração, ela se vê diante de uma nova fase com a descoberta e o gosto de um novo beijo. E claro, também com uma dose extra de paixão, quando ela irá descobrir que existe o (re)começo depois daquele fim.

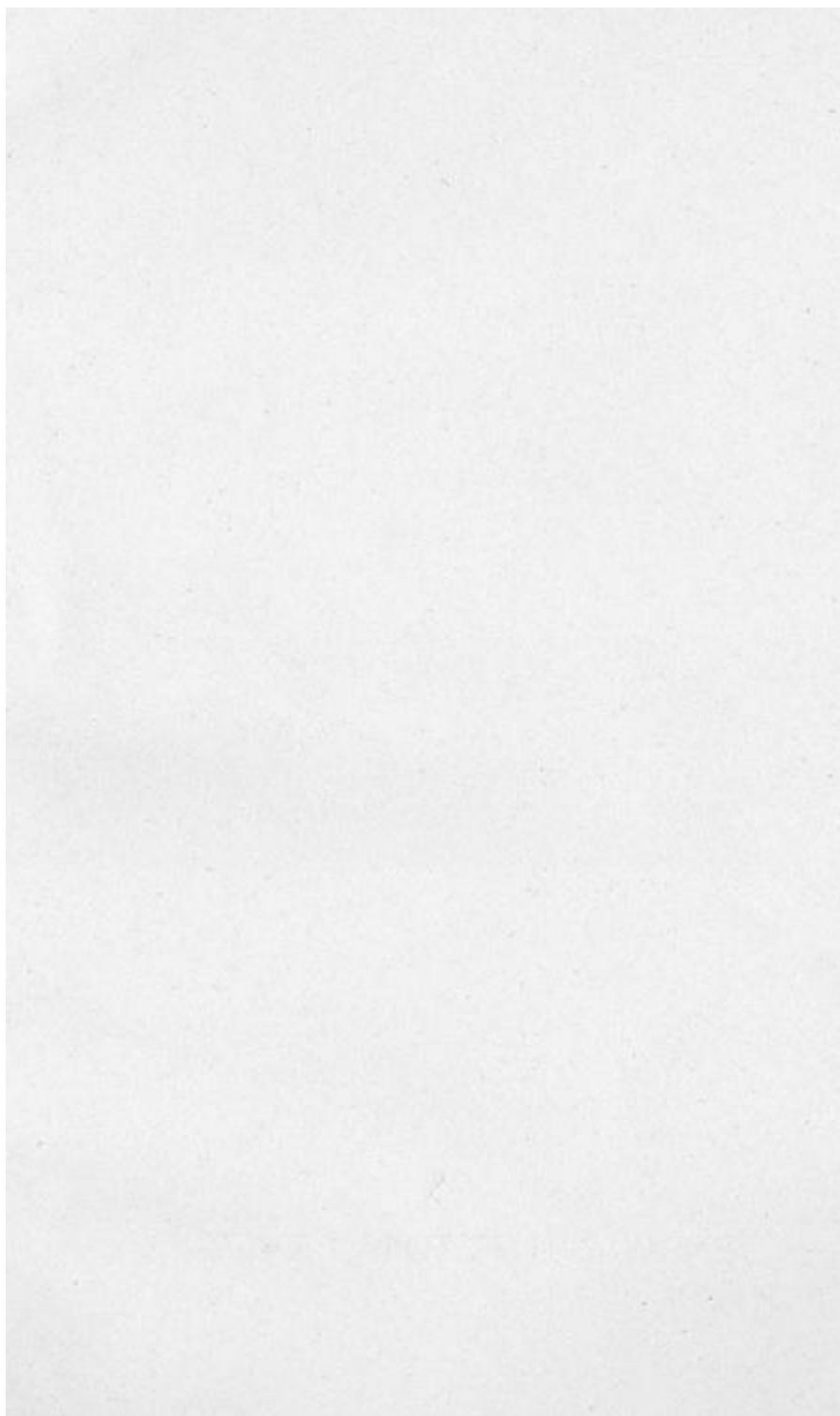
A autora lhe convida para uma aventura linda no mundo de Clarice para sentir na pele, suas ansiedades, medos, alegrias e tristezas. Ela também nos deixa a mais singela reflexão: não precisamos nos cobrar ou nos culpar por algo que aconteceu (ou até mesmo que ainda não aconteceu).

De fato, o que tem que acontecer cruzará o nosso caminho sem maiores obstáculos e depende unicamente de nós escrevermos ou reescrevermos o nosso capítulo final ou novos (re)começos.

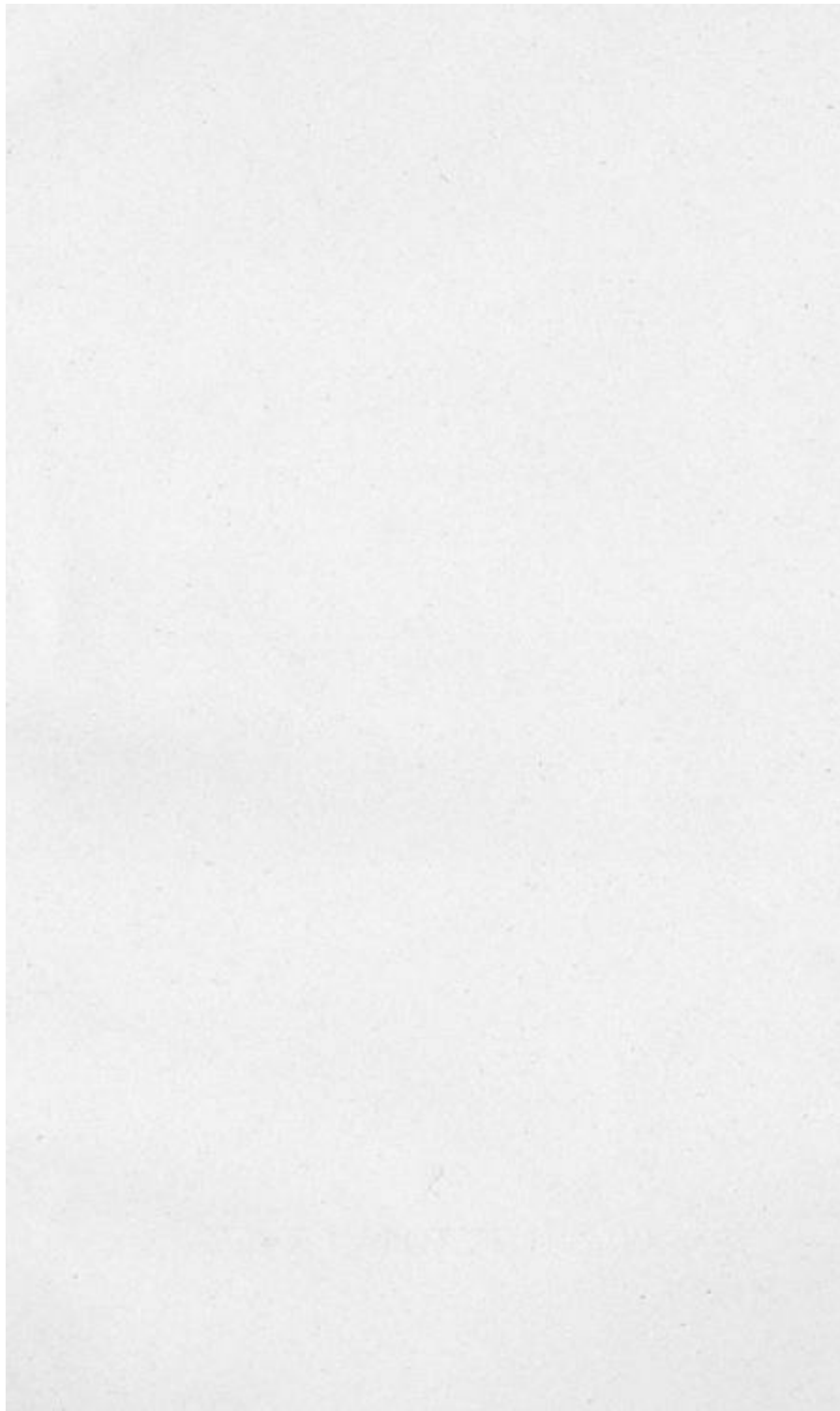
**É... Para ser feliz, basta unicamente uma dose de coragem,
Clarice!**

- Re Vieira





*Dedico este livro ao **Murillo Ferreira**, que tanto me faz
sorrir e me ajudou a chegar até aqui, e também à
Renata, minha **amada irmã** que me emprestou sua força
em todas as vezes em que a minha havia se esgotado.*



A maior injustiça que pode acontecer
é você deixar de viver a sua vida
por causa de alguém que não

merece mais fazer parte dela.





Levantei da cama, calcei meus chinelos e fui para o banheiro. Ao me deparar com o espelho, notei aquelas olheiras profundas que formam quase que uma camada extra de pele embaixo dos olhos. Eu estava horrível e qualquer um que me olhasse, saberia dizer que eu tive uma péssima noite de sono.

Uma leve dor de cabeça me incomodava e eu não sei se era pelo esgotamento de lágrimas ou pelo cansaço da minha mente, que não parava de pensar.

É engraçado porque a gente ouve tantas frases bonitas de autoajuda, a gente prega tanto que deve se amar e não se abalar por ninguém... Até que um cara parte o nosso coração e toda essa filosofia bonita desaparece. Por mais que eu tentasse lutar contra mim mesma para não me deprimir agora, a tristeza me invadia com toda força. Já não sei dizer se era por um sentimento de rejeição ou pelo simples fato de mais uma história de amor acabar.

Sabe, eu tive poucos relacionamentos e nunca fui de apostar todas as minhas fichas neles. Sempre acreditei que tudo acaba e tudo é substituível neste mundo. Acho que é por isso que, por mais envolvida que eu estivesse, no fundo eu acabava esperando sempre pelo final.

Tive o meu primeiro namorado aos dezesseis anos, quando eu nem sabia o que queria da vida. Eu não tinha o menor talento para um compromisso e achava que podia fazer e falar o que eu quisesse, sem a necessidade de considerar também o que o coitado do meu namorado queria. Eu não sabia ceder, não sabia compartilhar e fiz ele sofrer à beça por causa disso. É claro que hoje eu me arrependo, mas também entendo que eu não tinha maturidade alguma,

afinal era o meu primeiro relacionamento.

Quando terminamos, passei alguns bons anos solteira, somente com aqueles casos passageiros que não resultam em nada além de algumas noites a dois... Até que o Alex apareceu na minha vida.

Você deve estar achando que foi ele que partiu o meu coração... Bom, ele também fez isso, mas não era sobre ele que eu me referi no começo. É que talvez o meu relacionamento com ele também explique algumas coisas sobre a relação que veio depois.

Eu e o Alex namoramos por pouco mais de um ano. Nos conhecemos através de uma colega em comum, em uma festa da minha faculdade. Ele era estudante de Direito, fazia o tipo bonitão e chamava a atenção da mulherada. A Paula nos apresentou e todos nós tomamos alguns drinques. No final da noite ele pediu o meu telefone e eu dei. Desde então, começamos a sair frequentemente e tudo ia bem.

A gente conversava por horas, havia uma química forte entre nós e o interesse era recíproco. Logo ele me pediu em namoro e eu aceitei.

Depois de alguns meses, ele foi se mostrando diferente do cara que eu havia conhecido. Ele tinha ciúmes dos meus amigos e até mesmo da minha família, implicava com as roupas que eu usava, “exigia” que eu cozinhasse o prato que ele queria comer e dizia que eu deveria me empenhar mais em tarefas domésticas para ser uma boa dona de casa - como a mãe dele. Eu, que nunca fui uma mulher passiva, simplesmente cedia aos caprichos dele.

Quando brigávamos, ele me ofendia e tornava-se muito agressivo, embora nunca tenha me agredido fisicamente. Acho que como eu era egoísta e intolerante no meu primeiro namoro, me sentia na obrigação de ser flexível demais com o Alex. É absurdo e não faz sentido algum, mas na época eu não me dei conta disso.

Depois de um episódio em que eu descobri que ele estava mentindo para mim (ele me disse que estava trabalhando e, na verdade, estava com outra), eu finalmente cansei e terminei. Ele não esperava, afinal estava acostumado a me ter em suas mãos sempre. Implorou para voltarmos e prometeu que mudaria, mas eu estava decidida e não quis mais saber dele,

evitando até mesmo um contato mínimo após o término. Nada contra a ideia de ser amiga de ex-namorado, mas eu não conseguiria ter uma amizade com alguém que me desrespeitou. Na verdade, quando acabou, eu não conseguia sequer entender o que me levou a permanecer ao seu lado por tanto tempo (quase dois anos).

Acho que esse relacionamento exigiu tanto de mim, sugou tanto as minhas energias, que eu preferi ficar sozinha por um bom tempo. Eu trabalhava, estudava, saía com minhas amigas no fim de semana, me divertia e só. Não precisava dar satisfação para ninguém e isso me deixava com uma sensação incrível de liberdade. Até decidi alugar um apartamento e saí da casa dos meus pais para aumentar ainda mais essa sensação.

Um dia eu fui em um bar com as minhas amigas e conheci o Diego. Quando ele se aproximou para conversar comigo, eu achei que seria apenas mais um cara, mas percebi que ele se esforçava bastante para manter o contato.

Ele me ligava, mandava mensagem, chamava para sair... E eu decidi arriscar. Afinal, ele era uma companhia agradável e a gente se divertia à beça juntos.

Então, em uma noite ele me chamou para jantar em um restaurante que eu adoro, o Mayels. A comida de lá é maravilhosa e o ambiente é todo decorado com luzes coloridas.

Foi o lugar que ele escolheu para me pedir em namoro.

Nossa história durou quase três anos e tínhamos um relacionamento bastante tranquilo. Éramos o tipo de casal que saía de vez em quando com os amigos, que programava as férias do trabalho para viajar junto e que se divertia de qualquer forma, até mesmo quando ficávamos largados no sofá da sala sem fazer nada. A gente se dava bem e brigava pouco, geralmente por motivos banais que faziam a gente se acertar rapidamente.

Ele adorava a minha família e eu me sentia muito querida pela família dele. Tínhamos tudo para dar certo, mas de repente eu comecei a sentir ele diferente comigo. Ele mal me procurava e quando eu ligava, parecia querer desligar logo. Eu perguntei várias vezes se algo estava acontecendo, se ele não sabia mais o que queria, se havia conhecido alguém interessante... Cogitei inúmeras hipóteses e ele dizia que apenas estava cansado por causa da correria do

trabalho. Até que um dia ele me escreveu um e-mail dizendo que precisava ficar sozinho.

O que me confundiu bastante é que ele também disse para eu ter paciência, porque éramos apaixonados um pelo outro e ainda seríamos felizes juntos.

Acho que ele não teve coragem para terminar comigo pessoalmente, talvez porque ele não seria capaz de falar quando olhasse para mim, sentiria pena, não sei.

Assim que eu li, fiquei com um ponto de interrogação enorme na cabeça, porque não faz sentido alguém ser apaixonado por você e, ao mesmo tempo, não sentir mais vontade de estar contigo. E era justamente essa dúvida que me matava, que me fazia pensar uma coisa a cada hora, me bagunçando em mil achismos e opiniões.

Eu até fui conversar com um amigo dele do trabalho, o Cássio, para saber o que estava acontecendo. Ele me disse exatamente a mesma coisa que o Diego, que ele estava com muito serviço na empresa (ele atua na área fiscal de uma multinacional em expansão). Mas eu sentia que não era este o motivo do término.

Minhas amigas, que adoram palpar quando se trata de relacionamento, diziam que era apenas uma fase, que logo estaríamos juntos, que eu nem sequer deveria me preocupar. Acho que, assim como eu, elas acreditavam que nós fazíamos um bom casal. Mas, no fundo, eu sentia que podia mesmo ser um fim definitivo. O coração se recusava a encarar, mas a intuição insistia em me alertar de que havia algo errado.

E a minha intuição estava certa. Em menos de dois meses eu já soube que ele estava com outra que, por ironia do destino, era “amiga” minha. Ele estava com a Rebeca, que eu conheci na faculdade e sempre fui muito próxima. Não posso dizer que ela era a minha melhor amiga, mas era sim uma pessoa de quem eu sempre gostei muito e sempre me dei bem. Cheguei a ir na casa dela algumas vezes, ela chegou a dormir no meu apartamento depois das nossas típicas bebedeiras e vivemos bons momentos juntas. Ela saiu algumas vezes comigo, o Diego e outros amigos nossos, mas eu jamais desconfiei de algo entre eles. Nunca percebi nada, absolutamente nada, nem mesmo uma sutil troca de olhares. Se isso é porque eles eram muito discretos ou eu que era muito trouxa, não sei. Talvez sejam as duas coisas.

O mais trágico é que eu soube da relação deles por uma forma um tanto quanto constrangedora, pela minha amiga Selina, que também conhecia a Rebeca e nunca simpatizou muito com ela. Ela me mandou um áudio no Whatsapp que dizia:

“Vi hoje no Facebook e não pude acreditar! Como ele pode ser tão canalha? E ainda teve a ousadia de dizer que vocês seriam felizes juntos um dia... Que ódio! E essa vaca? Eu disse que ela não presta, você não me ouve... Tá aí a prova agora!

Ai, me perdoa? Você deve estar péssima e eu aqui dando sermão.

Espero que fique bem e, se precisar, sabe que estarei aqui.”

Eu, que estava evitando o Facebook, talvez por medo de ver o que eu já sentia que estava acontecendo, logo percebi que o Diego deveria estar com alguém. Percebi também que a probabilidade de ser com a Rebeca era grande, porque eu não me lembrava de mais ninguém que a Selina falasse daquele jeito. Na mesma hora eu relatei com o sumiço dela e o meu coração quase saiu pela boca.

Fui checar a informação, fechando discretamente a minha planilha do Excel e olhando para ver se alguém mais estava por ali, já que eu estava no trabalho. Sou redatora em um jornal da minha cidade, especificamente para os cadernos de economia e política (para a minha infelicidade, já que são assuntos que eu não aprecio muito, mas foi a oportunidade que surgiu).

Tive que entrar no perfil da minha mãe (que eu sempre tive acesso porque ela não é muito boa em lidar com redes sociais e sempre me pede para adicionar fotos), já que ele teve o cuidado de me bloquear, talvez por medo de que eu mandasse alguma coisa, surtasse ou algo assim. Como se eu fosse fazer alguma coisa, mas enfim.

Quando me deparei com aquela foto dele no perfil, sorrindo, com aqueles olhos azuis da cor do mar, aquela praia maravilhosa de fundo (onde comemoramos nossos dois anos de namoro), vestindo aquela camiseta branca que eu dei para ele de aniversário, eu desatei a chorar. E adivinha só? Chorei mais ainda quando vi o status de relacionamento sério com a Rebeca. Logo ela, uma amiga minha? Com tanta mulher no mundo, ele precisava escolher justamente uma amiga minha? Ok, de amiga ela não tinha nada e hoje eu sei disso, mas ele

poderia ter se interessado ao menos por alguém que eu não conhecesse. Também poderia ter sido mais sincero no e-mail que me escreveu, mas tudo bem.

A publicação do status estava repleta de comentários com felicitações, alguns dizendo coisas como “finalmente”, “que bom que assumiram, já era hora”, e por aí vai. Isso me fez ter ainda mais certeza de que eu fui traída.

Senti um misto de mágoa e ódio que eu acho que jamais cheguei a sentir na vida. A sensação de dupla traição acabou comigo e eu nunca havia me visto em uma situação daquela.

Passei o dia todo tentando não explodir no trabalho, mas eu não conseguia me concentrar em absolutamente nada. Aliás, eu praticamente não trabalhei neste dia e até cogitei fingir um desmaio para ir embora... Mas eu sabia que ir ao médico não resolveria o meu problema naquele momento e eu também não estava a fim de ir para lugar algum que não fosse a minha casa.

Quando finalmente o relógio marcou 17:30, saí correndo para o estacionamento. Entrei no carro, coloquei o CD da Adriana Calcanhoto que estava dentro do porta-luvas (graças à minha mãe, porque no meu carro você costuma encontrar apenas CDs de rock) e dei partida.

Ao ouvir aquela música que diz: “rasgue as minhas cartas e não me procure mais...”, as minhas lágrimas escorriam sem que eu pudesse controlá-las (sou do tipo que quando está triste, escuta uma trilha sonora fossa para deixar o clima ainda mais deprimente, como você deve ter notado).

Eu já previa que chegaria em casa com a cara vermelha e inchada, então eu passaria pelo porteiro com a cabeça abaixada para que ele não me fizesse nenhuma pergunta. Se bem que, se fizesse, eu já não seria capaz de me importar, eu só queria chegar, deitar na minha cama e chorar até os meus olhos secarem.

E foi exatamente o que eu fiz. Passei rapidamente pela portaria e subi pelas escadas para não precisar esperar pelo elevador.

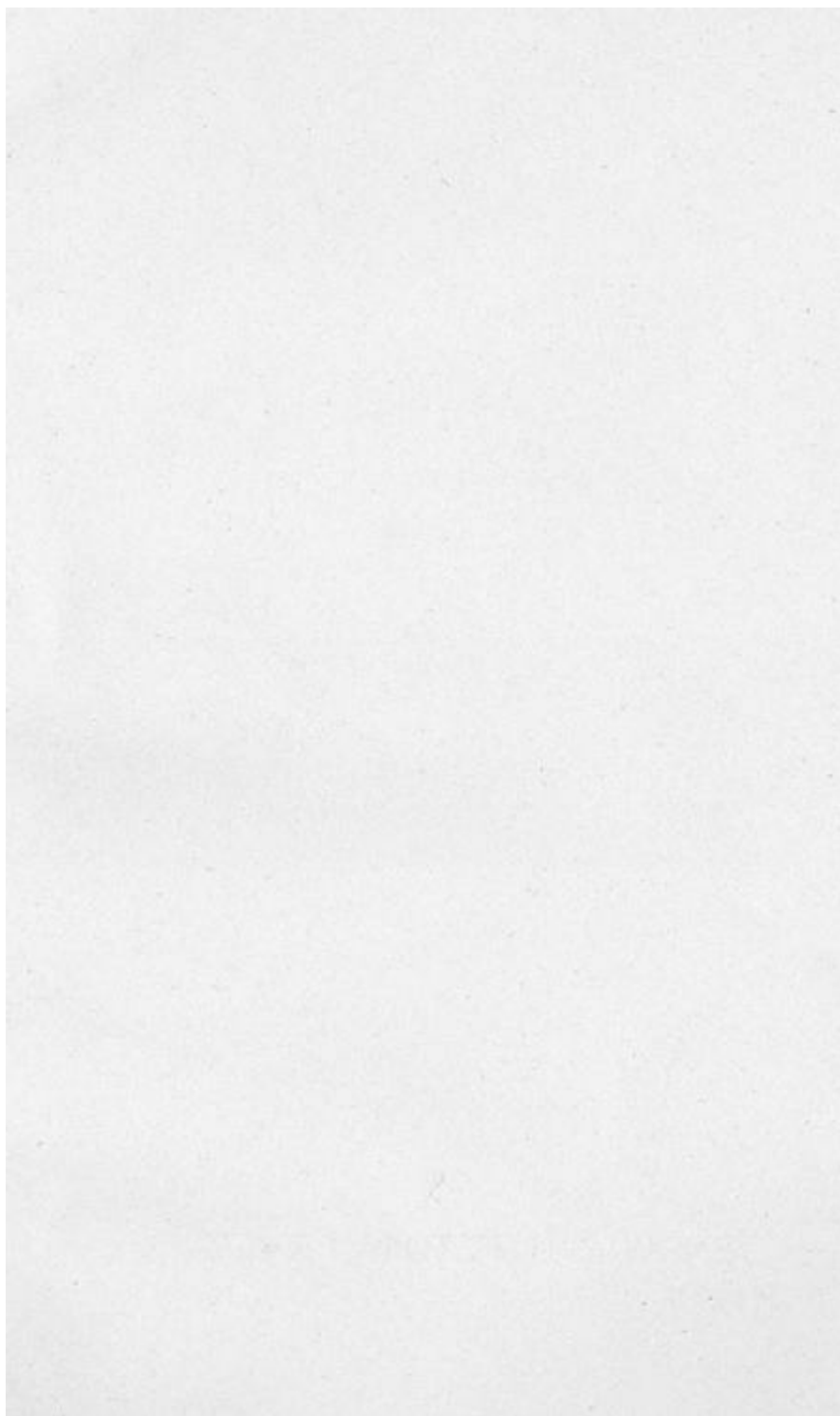
Quando abri a porta do apartamento, o Puppy, meu cachorrinho, veio para cima de mim todo feliz e abanando o rabo como de costume. Fiz um carinho nele e então ele me olhou com

um cara de pena que eu logo imaginei o quão péssima eu deveria estar. Coloquei mais um pouco de ração e água nas suas tigelas, tirei os sapatos e a roupa, entrei no banho e chorei no chuveiro.

Depois vesti apenas aquela camisola velha que o Diego odiava (juro que não foi proposital, é porque ela é realmente confortável) e deitei na cama. Tirei o telefone da tomada, peguei o meu celular, entrei no Instagram e vi uma frase que bateu com tudo em mim: “A maior injustiça que pode acontecer é você deixar de viver a sua vida por causa de alguém que não merece mais fazer parte dela”.

Chorei ainda mais, porque eu sentia exatamente isso. O Diego não merecia mais fazer parte da minha vida e escancarou isso na minha cara.

Desliguei o celular e apaguei a luz. Era uma sexta-feira, então eu poderia dormir até tarde no dia seguinte. Mas a verdade é que eu não preguei o olho por mais de dez minutos e, quando conseguia dormir, torcia para que tudo fosse um pesadelo e que eu acordasse com ele ao meu lado... Mas não, era real. Se ele fosse acordar ao lado de alguém naquela noite, não seria do meu.



“Quando fazemos tudo para que nos amem e não conseguimos, resta-nos um último recurso: não fazer mais nada. Por isso, digo, quando não obtivermos o amor, o afeto ou a ternura que havíamos solicitado, melhor será

desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis, pois o amor nasce, ou não, espontaneamente, mas nunca por força de imposição”.

- Clarice Lispector





Os dias foram passando e, ao contrário do que todo mundo dizia, a dor não passou.

Tinham dias em que eu desejava com toda a minha força que tudo fosse diferente... Que ele batesse na porta e me surpreendesse em plena madrugada, dizendo que sentiu a minha falta, que não parava de pensar em mim e que decidiu me procurar porque se arrependeu do que fez e, principalmente, porque sentiu medo de me perder para sempre.

Em outros dias eu pensava: o que eu posso fazer? Nada, absolutamente nada. Já diria a minha amada xará (Clarice Lispector): *“quando fazemos tudo para que nos amem e não conseguimos, resta-nos um último recurso: não fazer mais nada. Por isso, digo, quando não obtivermos o amor, o afeto ou a ternura que havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis, pois o amor nasce, ou não, espontaneamente, mas nunca por força de imposição”*.

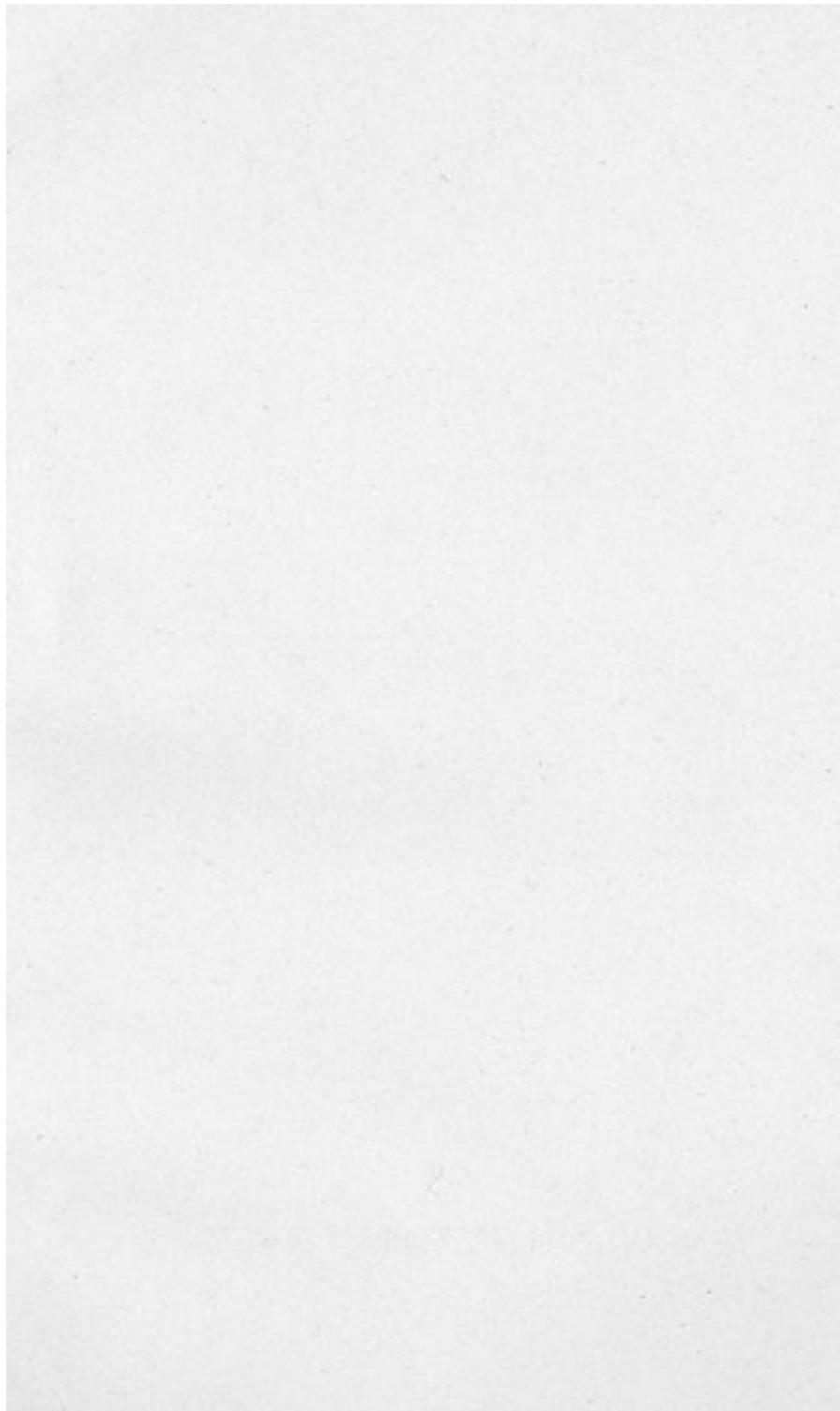
Seja em qual dia fosse, uma coisa é fato: eu não sentia vontade alguma de procurá-lo. Eu estava ferida demais e não queria que ele se arrependesse ou voltasse para mim por causa de uma iniciativa minha. Aliás, eu me culpava bastante quando me pegava sonhando com a volta de alguém que não se importou nem um pouco comigo na hora de ir embora. Também me culpava por ainda nutrir afeto por alguém que decidiu oferecer o seu para outra pessoa e que não foi capaz de ser honesto comigo.

Sobre a Rebeca, eu até confesso que sentia vontade de procurar, mas para falar coisas que eu jamais me imaginei falando a alguém. Não entra na minha cabeça como alguém pode jogar fora uma amizade de anos por uma investida em um cara. É claro que pode acontecer de você se apaixonar por alguém sem a menor explicação, mas ela não foi capaz de me dizer. Ela não

teve a consideração de me falar o que estava acontecendo, antes mesmo que acontecesse algo entre eles. Ela não parou para pensar em como eu me sentiria quando soubesse... E, na verdade, até agora eu nem sequer sei como realmente aconteceu. Mas acho que já não faria diferença.

Aí eu fiquei pensando no porquê disso ter acontecido comigo. Nunca traí nenhum namorado, nunca perdi nenhuma amizade por causa de um homem e nunca fui desonesta em um término. Pelo contrário, acho que quando você termina um relacionamento é o mínimo você ser totalmente honesto sobre os seus motivos.

É egoísta demais iludir alguém sem ter plena certeza de que você quer tentar de novo. Sei que às vezes a gente se confunde, mas aí o correto é dizer que está confuso, que não sabe o que quer. E o Diego não teve essa atitude comigo, pelo contrário, ele preferiu fingir que nada estava acontecendo e que ainda poderíamos ficar juntos. Provavelmente, se ele tivesse me dito a real desde o começo, eu não estaria sofrendo tanto quanto estou sofrendo agora.



As decepções têm o poder de
nos distanciar de muita coisa,
mas elas também têm o poder

de nos aproximar de nós mesmos.





Eu já não podia mais lidar com essa tristeza que me invadia. Fiquei pensando em como superar tudo isso o mais rápido possível e decidi procurar por um terapeuta.

Eu já havia feito terapia antes e sempre achei a ideia de autoconhecimento muito bacana, mas naquele momento eu achava que ela era mais do que necessária, justamente por eu não estar me reconhecendo. Depois do Alex, eu jurei para mim mesma que não sofreria de novo por alguém. Lindo na teoria, mas difícil demais na prática.

Como a Selina é psicóloga e tem muitos amigos, pedi para que ela me ajudasse a encontrar um bom profissional. É claro que é incrível ter uma amiga com esta profissão, mas nas nossas conversas ela não conseguiria ser apenas psicóloga, seria também uma amiga me aconselhando. E, neste momento, eu precisava de alguém neutro, alguém que me ajudasse a enxergar tudo de outra forma e, principalmente, a lidar melhor com tudo.

- Liga para o Luís. Ele é ótimo e eu nunca vi nenhum paciente dele insatisfeito, juro! Ele mandava super bem nas aulas da faculdade e eu sempre soube que seria um profissional bem-sucedido. O preço não é dos mais baratos, mas vale a pena.

Decidi seguir o conselho dela, o que prova que eu não estava bem porque eu raramente sigo conselhos. Tentei agendar uma consulta para o dia seguinte, mas ele avisou que um paciente havia cancelado a sessão das dezoito horas e eu poderia ir ao consultório para uma primeira conversa entre nós. Topei na mesma hora.

Desliguei o telefone e decidi me concentrar no trabalho, porque eu sabia que deveria adiantar tudo para não me atrasar ou perder a consulta.

Quando finalmente deu o horário, saí do trabalho e segui rumo ao consultório do Luís. Dessa vez optei por ouvir um bom rock durante o caminho, já que eu não queria assustar o psicólogo com a minha cara de choro depois de ouvir uma música triste.

Cheguei ao endereço indicado e estacionei o meu carro. Avistei o número e vi que era uma casa pequena e azul. Não havia indicação alguma de que existia um psicólogo atendendo ali, somente uma placa branca com o nome “Bem-estar”.

Toquei a campainha e uma moça rapidamente abriu a porta, me convidando a entrar. Preenchi a ficha de cadastro que ela solicitou e, enquanto eu escrevia, fiquei pensando no que eu diria e o que ele me perguntaria.

Uns cinco minutos depois, um homem chamou pelo meu nome. Entrei na sala indicada pela recepcionista. Era uma sala pequena, havia duas poltronas brancas e uma mesinha no centro com uma caixa de lenços, uma jarra de água e dois copos. Existia somente uma janela ao lado de uma das poltronas, que estava fechada com uma cortina com estampa de flores. No canto, perto da porta, havia uma estante com alguns livros e enfeites. Reparei em tudo isso até olhar para aquele moço de aparência séria que usava um óculos esquisito de armação verde. Ele parecia ter uns quarenta e poucos anos, o cabelo levemente grisalho. Ele me cumprimentou de forma gentil e agradável.

Eu já esperava pela primeira pergunta, aquela em que o psicólogo quer saber o motivo de você estar ali. Ela realmente aconteceu e as palavras saíram da minha boca antes mesmo que eu pudesse raciocinar.

- Estou aqui porque o meu relacionamento acabou e eu fui traída, não só pelo meu ex-namorado, mas também por uma amiga. Desde então, eu me sinto muito deprimida e eu mesma estou com raiva de mim por me permitir ficar assim por gente que não vale a pena.

Ele fez uma cara de quem já deveria ter escutado isso inúmeras vezes, de inúmeras mulheres, mas continuou anotando coisas em sua caderneta e me fazendo algumas perguntas básicas sobre a minha profissão, meu apartamento, minha história de vida, etc.

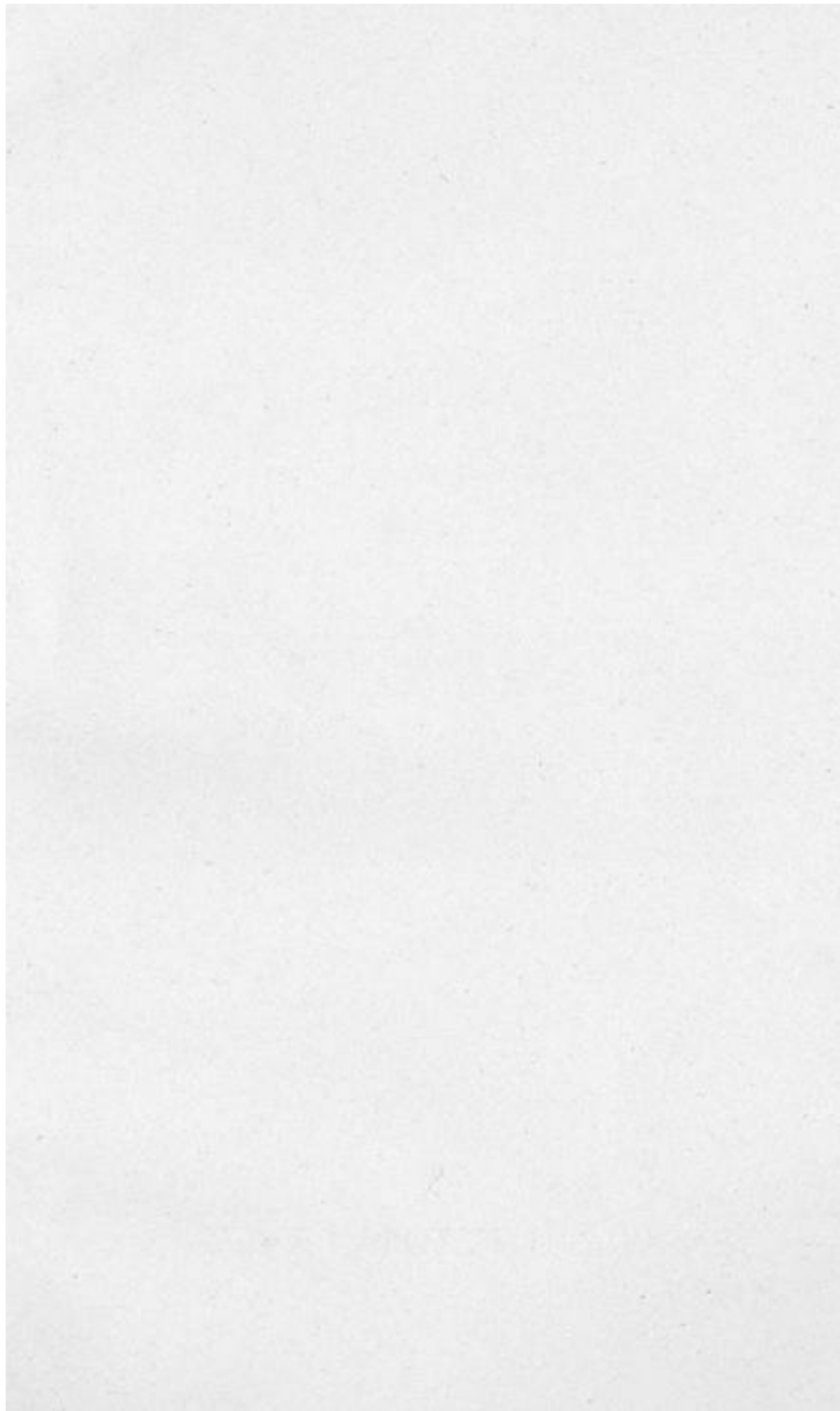
Quando o tempo já estava acabando, ele perguntou qual era o melhor dia para marcarmos as sessões. Escolhi a quinta-feira, já que ela é próxima do final de semana, quando eu me sentiria pior, pensando no que o Diego e a Rebeca estariam fazendo (é incrível a nossa capacidade de nos torturarmos quando estamos sofrendo por alguém!).

Ele checkou a sua agenda e viu que tinha o horário que eu queria disponível. Pelo menos o universo está me dando uma força, pensei.

Depois de marcar o meu nome, nos levantamos e nos despedimos.



Cheguei em casa, fiz carinho no Puppy e vi o porta-retrato que estava em cima da estante da sala com a minha foto e a do Diego. Por algum motivo, eu havia me esquecido disso. Peguei o porta-retrato, tirei a foto e rasguei ela em mil pedacinhos, com toda a minha força. Alguns laços desfeitos ainda deixam um nó dentro da gente.



Essas recordações, antes tão felizes, hoje tornaram-se tristes porque me levam a questionar onde foi que o amor acabou.

O que aconteceu para toda aquela admiração sumir? O que foi dito ou feito para que as coisas mudassem tanto? Será que existe uma forma de voltarem a ser como eram ou tudo se perdeu para sempre? Alguns laços desfeitos ainda deixam um nó dentro da gente.





Acordei com o Puppy me lambendo e me dei conta de que estava chovendo muito. Abri a janela e avistei um céu nublado, com tons amenos de cinza e branco, do jeito que eu gosto.

Eu conseguia ouvir o barulho do pneu dos carros passando pela rua encharcada.

Fazia barulho lá fora, mas o silêncio de dentro gritava mais alto.

Eu estava mergulhada em minha introspecção, ausente a tudo o que acontecia ao meu redor. Eu sentia muito e também tão pouco... Já não havia mais força para chorar e nem mesmo uma ligeira vontade de sorrir.

Os pensamentos se esgotaram, as emoções também.

A indiferença tomou conta de mim neste dia, talvez em uma tentativa de defesa contra a memória perturbadora do que me fazia falta, ou talvez era uma mera reação de cansaço. No fundo, eu sabia que não podia mudar o rumo das coisas e que não havia mais nada a ser feito. Era preciso apenas me recolher, me recompor, me refazer... E me acolher em meu abrigo, sem nenhum tipo de interferência.

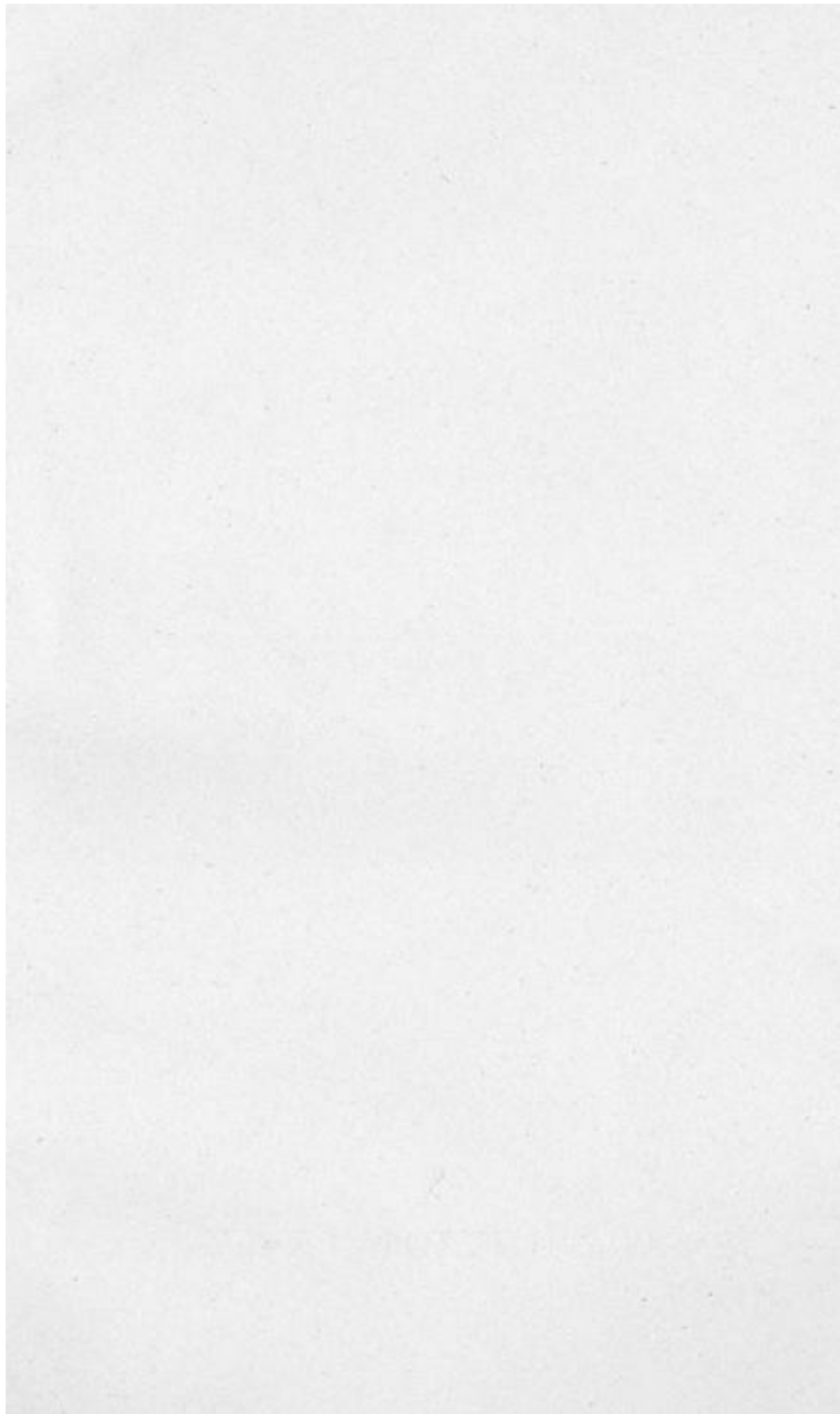
Então pensei em como tudo havia mudado e o quanto isso era desesperador para mim. Sou como alguém que tem tudo ali, anotado, planejado. E como eu achei que eu e o Diego jamais terminaríamos e que ele sempre estaria aqui comigo, boa parte de mim se entregou à dor quando as coisas mudaram.

E quando as coisas mudam de uma forma que me atinge negativamente, eu me afasto de quase tudo, talvez por preferir mergulhar em minha própria escuridão nestes momentos ou talvez porque neles fique muito mais claro para mim como as pessoas e as coisas são. Até decidi desligar o meu celular sem sequer olhar todas aquelas mensagens que eu havia recebido.

Porque hoje, eu não só percebi a minha escuridão, como decidi também me render a ela. Ela faz parte de mim e, neste momento, eu me sinto mais verdadeira assim.

Respeito os sentimentos que gritam aqui dentro porque sei que eles sempre têm algo a me dizer.

(Quem sabe, em meio ao caos, eu vá me desfazendo, me refazendo, me libertando e me acolhendo...)



Não hesito em acolher as pessoas quando elas precisam, mas hoje eu precisei fazer isso por mim mesma. Hoje, eu me permiti ignorar as exigências, as insatisfações e as dores externas, não por um ato de egoísmo, mas de urgência minha. Quando sou eu que estou aos prantos, preciso do silêncio para achar meu equilíbrio. Quando sinto que devo me libertar do choro e da dor, a minha introspecção é que me faz

companhia...

Porque aprendi a contar com
o meu próprio apoio em
tempos de ventania.





***“Aprendi com as primaveras a deixar-me
cortar e a voltar sempre inteira”***

CECÍLIA MEIRELES

Dois meses haviam se passado.

Depois de uma semana monótona (exceto pelo final de semana em que eu decidi sair com a Selina, enchi a cara e fiquei com o primeiro idiota que apareceu, chegando em casa com uma sensação de vazio imensa), finalmente a quinta-feira veio.

Acordei um pouco mais disposta neste dia, acho que por saber que eu conseguiria desabafar com alguém, já que ultimamente eu não conseguia fazer isso nem mesmo com a Luíza, minha melhor amiga.

Ela e a Selina insistiam que eu deveria sair, conhecer gente nova e me distrair. Quando decidi fazer isso, percebi que nada me afastaria da dor que eu sentia. Aliás, acho que eu ficava até melhor sozinha do que rodeada de gente, para ser sincera. Assim eu não precisava fingir sorrisos e podia chorar em paz, sem ouvir aqueles conselhos clichês que dizem para nos deixar melhor e sem precisar gastar todo meu salário em vodka para tentar esquecer tudo.

Então, depois de um dia cheio no trabalho, o Luís estava me esperando no consultório.

Iniciamos a sessão e eu comecei a falar sem parar sobre o Diego e a Rebeca, gastando todos os lenços que ele havia deixado em cima da mesa.

Eu estava inconformada por nenhum deles me procurar para tentar explicar tudo, para pedir perdão, para darem uma desculpa qualquer e, ao mesmo tempo, me darem a oportunidade para

desengasgar tudo o que eu estava pensando e sentindo, já que meu orgulho ferido jamais me deixaria fazer isso sem qualquer aproximação deles.

Quando terminei, ele pediu para eu beber um copo de água para me acalmar um pouco. Fiz isso e, em seguida, ele pediu para eu ficar em pé, de costas para ele e com os olhos fechados. Achei bizarro, mas fiz. Quando ele pediu para eu abrir os olhos, notei que havia dois lápis na minha frente, um laranja e outro marrom. Permaneci em silêncio e ansiosa por uma explicação.

Então ele me pediu para escolher uma cor. Escolhi a cor laranja, porque o marrom parecia triste e de triste já bastava eu. Em seguida, ele tirou o lápis marrom e repetiu o pedido. “Laranja”, eu disse rapidamente. Ele pediu novamente para que eu escolhesse uma cor e eu insisti no laranja. Então, ele pediu para que eu olhasse ao meu redor. Atrás de mim havia uns trinta lápis de cores diferentes, além da outra porção de cores dos objetos que faziam parte daquela sala.

“Enquanto você só voltar o seu olhar para o lápis laranja, não será capaz de conhecer e enxergar as outras cores e objetos”.

Uma lágrima caiu pelo meu rosto na mesma hora. Ele tinha razão, o meu foco era todo voltado para o rompimento e a traição, não existia mais nada em minha vida porque eu me recusava a reparar em qualquer outra coisa.

Saí de lá refletindo e quando cheguei em casa com fome, notei que não havia quase nada na geladeira. Eu tinha me esquecido completamente de ir ao mercado.

Pedi comida chinesa pelo telefone, abri o meu vinho e fiquei sentada no sofá com o Puppy, esperando a comida chegar. Fiquei pensando no quanto eu preciso me resguardar mais agora e decidi deletar todas as minhas redes sociais, assim eu conseguiria me afastar de tudo. Eu não queria ver nem saber de absolutamente nada sobre o Diego e a Rebeca, e também não queria expor a minha vida. Eu precisava me cuidar e ter um tempo só meu.

Então eu aproveitei para abrir o meu e-mail pessoal, que há tantos dias eu não acessava (para não me deparar com aquele e-mail do Diego). Quando eu acessei minha conta, a primeira coisa que fiz foi deletá-lo. Eu não precisava mais ler, reler e tentar entender, já estava tudo

muito claro.

Havia somente um e-mail novo. Era da Luíza.

“Vai passar. Eu sei que você não acredita, que acha que o tempo está devagar demais para curar essa ferida, mas vai mesmo passar.

Sei que você acha que não tem mais força, que cansou de tanto se machucar e que não consegue levantar agora, mas uma hora você também vai cansar de ficar no chão e vai se levantar.

Não importa se alguma mão te empurrou e te levou a cair, porque você não precisa de nenhuma outra além da sua para se reerguer. Mesmo que doa, mesmo que no começo pareça impossível, você vai seguir em frente.

E sabe, talvez você veja que nem sequer era amor.

Talvez veja que tudo isso foi fundamental para você aprender a viver por si própria, para despertar para os seus próprios sonhos e para um amor maior, um amor que realmente importa: o seu pela sua vida.

E então, você finalmente vai entender que até mesmo os dias mais tristes possuem seus propósitos, que as maiores dores e marcas são indispensáveis para enriquecer a sua história, para você amadurecer.

Eu te garanto, vai passar. E quando acontecer, você vai enxergar que precisou de tudo isso para alcançar o seu melhor. Como diria Cecília Meireles: “aprendi com as primaveras a deixar-me cortar e a voltar sempre inteira”. Afinal, mesmo com algumas cicatrizes, mesmo com algumas despedidas, mesmo com algumas lágrimas, jamais deixe de lembrar que você é inteira.

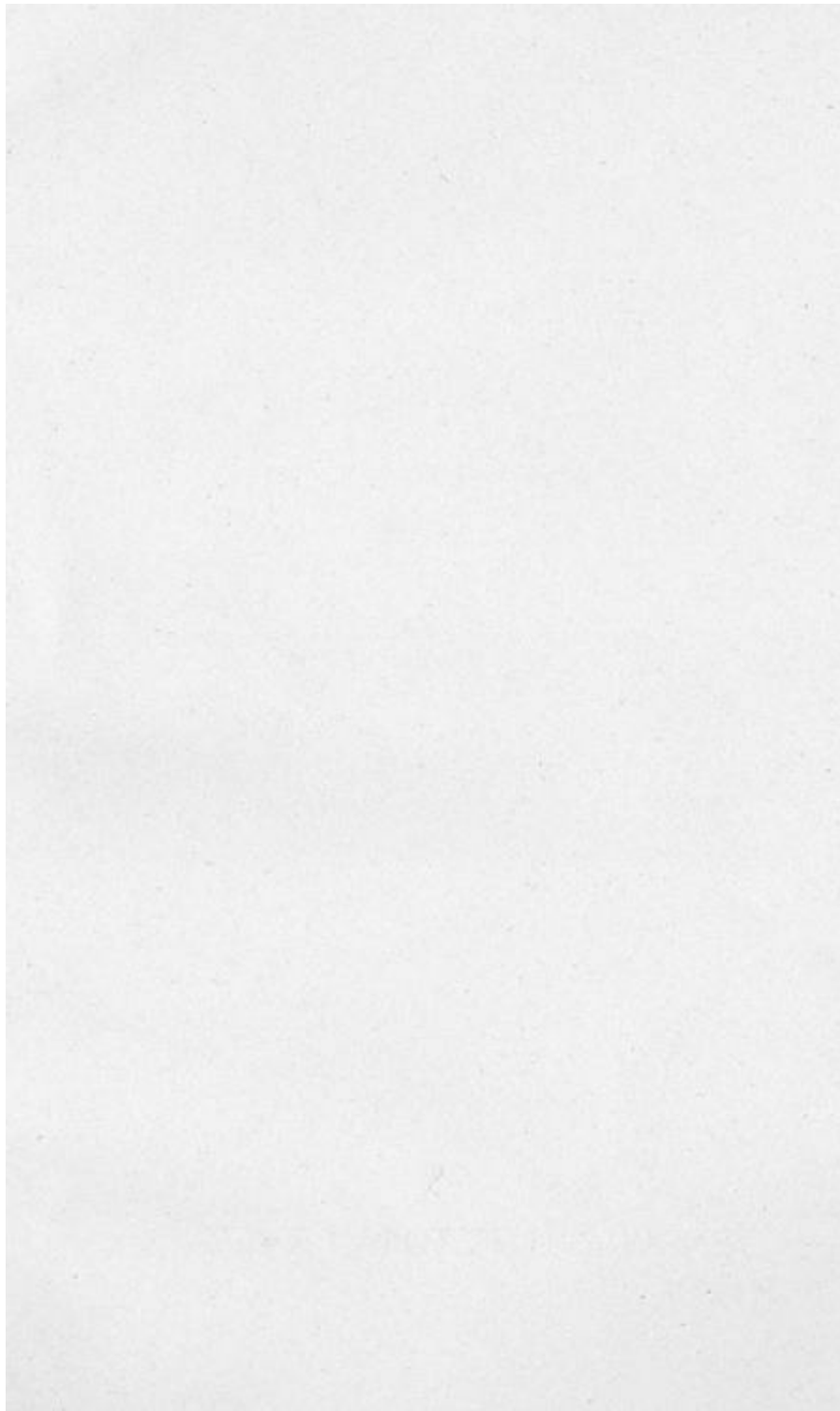
Dê um tempo para si mesma e pense mais em você, no que o seu

coração diz (e não sobre o que ele sente por tudo o que aconteceu, e sim sobre o que você realmente merece).

Te amo!”

Chorei ao ler o e-mail dela e só consegui responder com uma única frase: “você é mesmo a melhor amiga que alguém pode ter!”.

Acho que ela escreveu porque quando eu estou realmente abalada, passo a evitar qualquer tipo de comunicação com o mundo. Saio das redes sociais, me afasto do celular e por aí vai... Mas o e-mail eu tenho que checar, ao menos de vez em quando, por causa do trabalho.



Não importa se alguma mão te empurrou e te levou a cair, porque você não precisa de nenhuma outra além da sua para se reerguer.





Depois de um certo tempo de baladas com muita bebida, caras idiotas e alguns quilinhos extras por culpa das inúmeras vezes em que me joguei no brigadeiro, decidi viajar com a Luíza, a Selina e a Débora (uma amiga da Selina) no Carnaval. Eu precisava mesmo de uma distração e de um lugar novo, já que havia passado as festas de final de ano na fossa, imaginando que o Diego estaria comemorando estas datas com a Rebeca.

Eu ficava imaginando os dois trocando beijos e presentes, celebrando o fato de estarem juntos e isso ainda me doía e me deixava com raiva. Mesmo sendo totalmente absurdo, no fundo eu acabava desejando que eles terminassem, que ela sacaneasse ele para que ele sentisse exatamente o que eu senti, que os dois se lascassem. Mas a vida nem sempre é justa, ou talvez ela até seja, a gente que não é capaz de enxergar isso.

A minha ideia de justiça era ver ele e ela passando pelo que me fizeram passar, mas talvez a vida soubesse melhor o que eles realmente mereciam.

Mas sabe como é, quando a gente leva uma rasteira, fica difícil ser racional. A gente fica ali, na espera de uma revanche, de uma espécie de “vingança” plantada pelo próprio destino, sem que a gente precise fazer ou dizer qualquer coisa... Mas tudo continuava do mesmo jeito.

Pelo pouco que eu sabia, eles ainda estavam juntos e pareciam felizes (ok, eu confesso que fui olhar o perfil de ambos no Facebook e só vi abraços, beijos, troca de elogios e sorrisos radiantes em algumas fotos, o que me fez chorar por horas, como eu já previa). Neste dia, eu percebi que não havia indício algum de que a tal justiça (a minha) seria feita, nem nenhum sinal de que a minha dor seria recompensada. Mas, dizem por aí que a compensação de qualquer dor é o aprendizado que ela traz para gente... Talvez seja verdade.

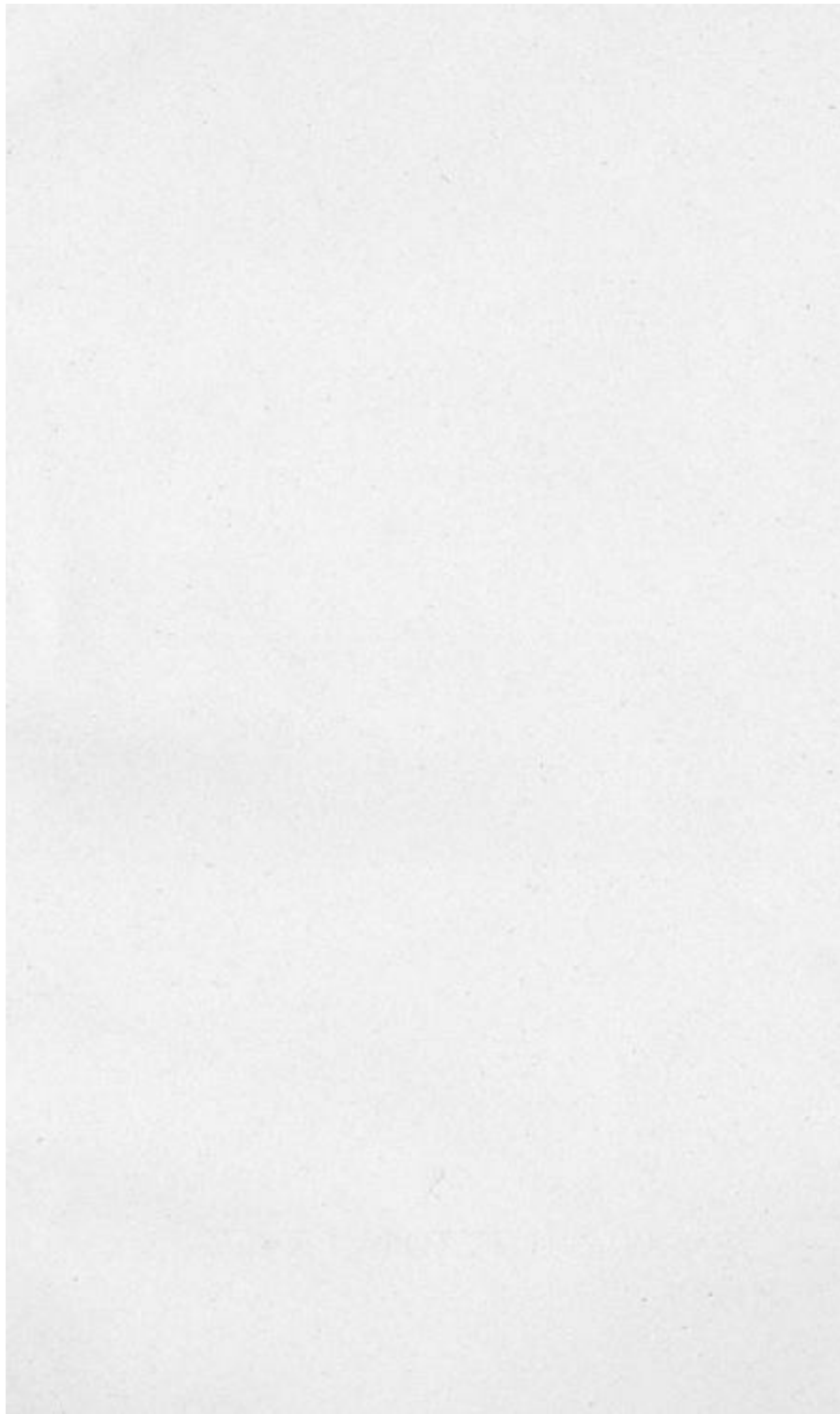
Enfim, reflexões e dores à parte, fechei o pacote de Carnaval para Salvador (logo eu, que

sempre gostei de tranquilidade, não sou nem um pouco fã de muvuca, solzão na cabeça e toda aquela pegação) com as meninas. Era uma fuga, isso era bastante óbvio para qualquer um que me conhecia, mas me parecia a única opção. Estar perto das amigas era o que eu precisava, mesmo que fosse em um cenário em que eu nunca imaginei ou desejei estar.

Quando o grande dia chegou, deixei o Puppy na casa da minha mãe e segui para o aeroporto em um táxi. Lá eu encontrei as meninas e logo embarcamos no avião.

A Débora não parava de falar dos homens lindos que estariam por lá, do quanto ela iria beber, do quanto os blocos de rua eram divertidos. E tudo o que eu conseguia sentir nessa hora era preguiça (dela e dos papos).

Para piorar, a Selina e a Luíza logo entraram na onda e tentaram me empolgar, mas eu não estava mesmo animada. Pensei que uma boa saída seria encher a cara assim que eu chegasse para ver se eu me esquecia de tudo e, quem sabe, eu encontraria algum sinal de diversão ali.



A compensação de qualquer dor é o
aprendizado que ela traz para a gente.





Chegamos ao hotel e nem sequer tiramos as coisas das malas e já fomos direto para um bloco de rua que estava acontecendo (claro que foi a Débora que recomendou).

Me deparei com aquela montanha de gente suando, bebendo, gritando, pulando e logo pensei que eu só poderia estar louca para aceitar essa viagem.

Comprei a primeira cerveja, depois a segunda, aí a Luíza trouxe a terceira e fomos bebendo como se não houvesse amanhã. Depois de umas dez cervejas (talvez mais) eu já estava me sentindo fora de órbita, tanto que fiquei dançando e cantando na maior agitação (nunca duvide do poder do álcool!).

Quem olhava para mim achava que eu era uma das pessoas mais felizes do mundo e mal sabia o quanto o meu coração estava partido e o quanto eu tive que beber para disfarçar a minha tristeza.

Em questão de uma hora eu já havia me perdido das meninas. Depois eu descobri que todas se perderam, na verdade.

Quando comecei a procurá-las no meio da multidão, um rapaz se aproximou de mim. Era loiro, tinha olhos verdes... E mesmo sendo o perfil que você deve estar imaginando um gato, devo confessar que ele era bem estranho. Se eu enxerguei isso estando alcoolizada, prefiro não pensar em como eu enxergaria se estivesse sóbria.

Ele perguntou o meu nome (como se ele fosse lembrar depois), se era a primeira vez que eu estava em Salvador e se estava sozinha. Pelo menos é o que eu lembro da nossa conversa, até que a gente se beijou. Foi o beijo mais sem sentido da minha vida, porque enquanto ele acontecia, eu só conseguia pensar “o que eu estou fazendo?”. Quando paramos, eu disse que iria buscar uma bebida e já voltava (a clássica desculpa que tantos caras já usaram comigo na balada, e dessa vez eu agradei a eles por me darem essa ideia). Saí quase que correndo para

que ele me perdesse de vista.

Embora o cenário todo fosse propício para qualquer pessoa se divertir, depois daquele beijo no desconhecido eu só conseguia pensar que preferia mil vezes estar com o Diego em casa, sem fazer absolutamente nada, além de desfrutar da companhia dele. Quando estes pensamentos vinham à tona, eu me sentia a mais idiota do universo, porque eu sabia que tudo o que eu deveria fazer era esquecê-lo e curtir a minha vida, mas os meus sentimentos não conseguiam acompanhar esse raciocínio.

Depois de andar por quase uma hora, encontrei a Luíza. Ela estava completamente bêbada e me abraçou como se não me visse por muitos anos. Perguntei se estava tudo bem e ela começou a chorar, o que realmente me deixou surpresa, afinal quem estava deprimida era eu (ou eu achava que era só eu).

Fazia uns seis meses que ela havia levado um fora do ex-namorado, que disse que ela é muito pegajosa e carente. De fato ela se apegava facilmente às pessoas, mas eu achei um tanto quanto indelicado ele dizer isso para ela.

Ela chorava e dizia que sentia a falta dele, que via ele no rosto de todos os outros caras. Entendi completamente como ela se sentia, porque eu estava passando pela mesma situação. Mas sabe como é, quando são os outros que precisam de ajuda, a gente consegue enxergar as coisas com uma clareza que a gente não sabe ter quando o problema é nosso.

- Eu poderia dizer que ainda dói porque existe uma admiração, um carinho ou um desejo de ter ele por perto, mas acho que você só conheceu o Gustavo de verdade quando vocês terminaram. E é deste Gustavo que você precisa lembrar, porque o que você gostava não existe mais, se é que um dia chegou a existir.

- Eu achava que ficaríamos juntos para sempre, sabe? Eu sentia que ele era o homem da minha vida!

A Luíza é do tipo que pode ser considerada como gato, porque ela deve ter várias vidas, já que toda hora encontra um cara que diz ser o amor da sua, mas achei que não era bacana eu fazer piada sobre isso naquele momento.

- Durou o tempo que precisava durar. Ninguém é de ninguém e nada é eterno.

Se for para acreditar no “para sempre”, que ele seja válido para a sua fé na vida, para a

capacidade de entender e aceitar que as coisas são como devem ser e, principalmente, para o seu amor por si própria, a ponto de querer por perto apenas quem realmente deseja ficar. Você merece ser feliz, seja com alguém que realmente te ame ou até mesmo sozinha.

Nossa, como eu sou boa com as palavras e péssima em segui-las! Mas tentei não pensar sobre isso porque a Luíza precisava mesmo de mim naquele momento.

Abraçamo-nos, mesmo bêbadas e naquele calor de quarenta graus que fazia a minha pele torrar e o suor escorrer pelo meu corpo.

Então ouvimos alguém gritando o nosso nome e logo a Selina e a Débora chegaram. Graças a Deus a Selina estava com fome, então decidimos ir para o hotel para comer no restaurante de lá e depois pegar uma piscina.

A ideia me pareceu ótima porque eu não aguentava mais lidar com aquele mar de gente... A rua estava cheia, mas a sensação que ela me trazia era de um vazio imenso. Um vazio que eu sei que, na verdade, encontrava-se dentro de mim.

Chegamos ao hotel, comemos e fomos para o quarto para arrumar as coisas e tomar uma ducha. Aproveitei o momento para checar meu e-mail, já que sempre tinha algo do meu coordenador inconveniente. Mas, para a minha sorte, o único e-mail novo que tinha era do Paulo.

O Paulo é o meu melhor amigo, estudamos juntos desde a quinta série. Ele estava fora do Brasil por conta de um projeto da sua agência nos EUA. Eu sabia que ele voltaria poucos dias antes do Carnaval, mas fazia um tempo que a gente não conseguia conversar com calma e eu sabia que o assunto “Diego” viria à tona.

O Paulo é do tipo racional demais e acabaria comigo ao ver o meu estado. Por isso, nos falamos poucas vezes desde que tudo aconteceu.

“Cla, acredito que esteja sem vontade de falar sobre a história da Rebeca com o Diego, mas eu preciso saber se você está bem mesmo. Acho difícil que esteja, mas enfim, o que eu posso te dizer é que já vi muitas promessas de amor eterno virarem indícios de uma mentira, vi casais apaixonados virarem desconhecidos, vi amizades de anos

acabarem em um só dia e vi companheiros inseparáveis virarem inimigos. Mesmo sabendo que faz parte da vida lidar com decepções, mudanças, idas e partidas, sei que a gente se questiona sobre estes laços que possuem mais força para se romper do que para se manter. Sei que a gente cansa de passar por isso e que, hoje em dia, muitos envolvimento são temporários, enfraquecidos pela ideia de que tudo é substituível. Mas olha, independente dos motivos que fizeram os dois ficarem juntos, acho que o mínimo era eles terem sido honestos com você, coisa que sabemos que eles não foram. É, a vida é assim mesmo... o que é verdadeiro sempre encontra um jeito de permanecer e o que não é, o tempo sempre encontra um jeito de romper.

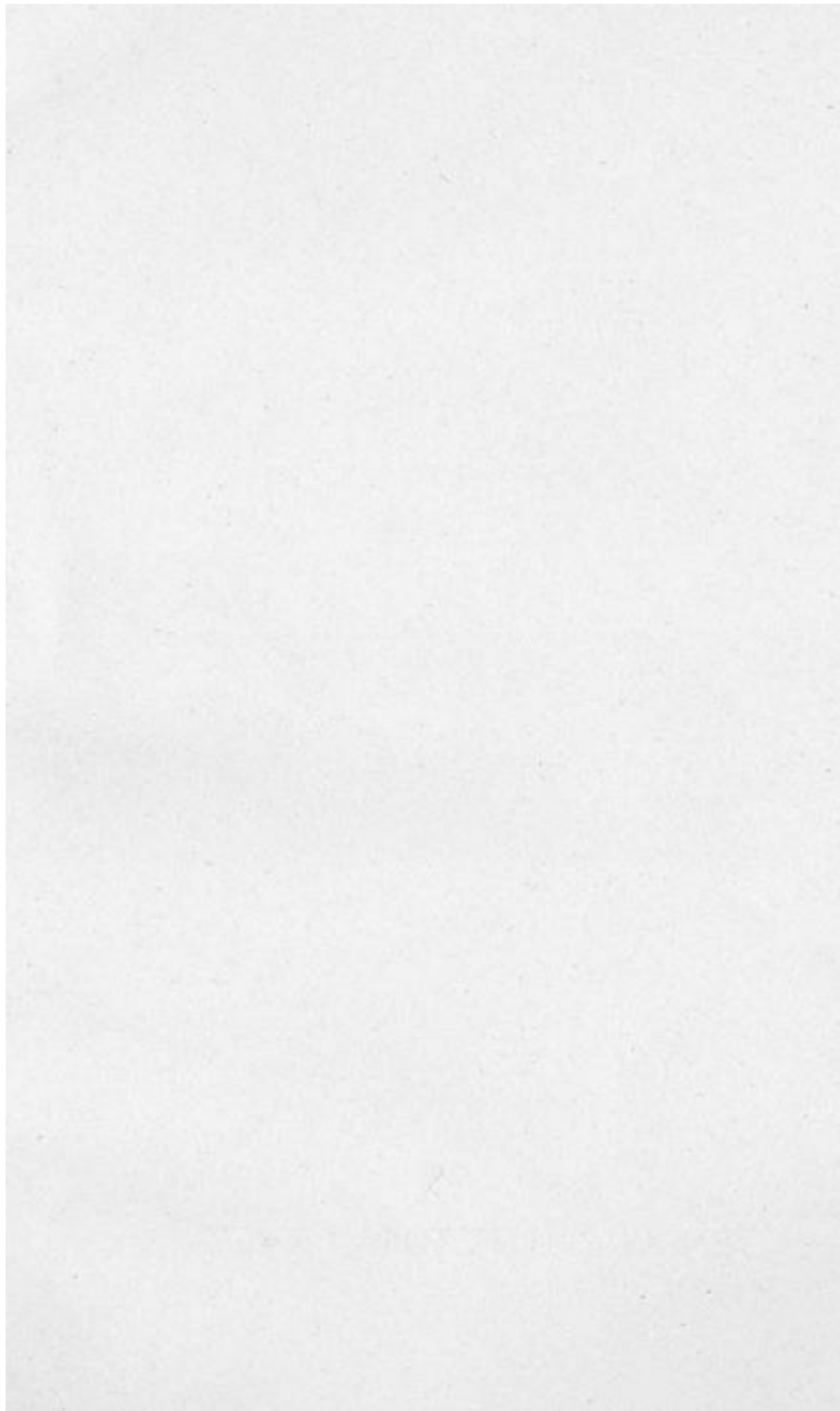
Espero que esteja bem, dentro do possível. Sabe que se precisar, pode contar comigo!

Um beijo cheio de saudade...

PS: Carnaval em Salvador? É sério? Chocado com a foto que vi no Instagram da louca da Débora!”

Eu estava tentando disfarçar as lágrimas, mas acho que a última frase me fez parar de chorar na mesma hora. Fui conferir o Instagram da Débora e vi que ela havia postado uma foto de nós quatro rodeadas de homens desconhecidos atrás. Parecíamos felizes para caramba ali e quem não nos conhecia pensava que éramos todos uma turma enorme de amigos, mas eu não fazia a menor ideia de quem eram aqueles rapazes e nem elas. Isso me fez pensar no quanto uma imagem é capaz de passar uma ideia totalmente diferente da realidade.

Eu estava com um enorme sorriso no rosto, mas com uma dor muito maior no coração (o que, para a minha sorte, era imperceptível naquela fotografia).



Mesmo sabendo que faz parte da vida lidar com decepções, mudanças, idas e partidas, a gente se questiona sobre estes laços que possuem mais força para se romper do que

para se manter.





As meninas me chamaram para ir para a piscina, mas eu disse que iria depois. Queria ficar sozinha para responder o e-mail do Paulo, o que eu fiz assim que elas saíram do quarto.

“Desculpe por não tocar muito no assunto, mas ainda é difícil falar sobre. O que aconteceu é o que você já sabe, ele está feliz com a Rebeca. Tenho certeza que já vinha rolando algo entre eles desde quando estávamos juntos, o que torna tudo ainda pior para mim.

Você sabe que eu já acreditei em muito “para sempre” que não se concretizou. Hoje eu sei que quase nada é certo nessa vida, principalmente quando se trata de sentimentos. Mas é difícil lidar com o fim quando ele acontece com o cara que você sentia que era o seu grande amor e, ao mesmo tempo, com uma “amiga” sua. E o mais triste é que agora eu nem sei quem eles são, se é que um dia eu soube. O que parecia ser um conto de fadas com final de “felizes para sempre” e uma amizade sincera, teve o seu fim.

Chorei muito e às vezes ainda choro, sofri, me decepcionei e voltei a achar que nunca mais vou amar alguém de novo. Lembro que me diziam desde quando eu comecei a lamentar o término que tudo passa, mas eu não consigo acreditar que desta vez vai passar.

Mesmo assim, eu sei que as coisas são como devem ser. Os dias vão

passando e às vezes eu até consigo dar lugar aqui dentro para aquela vontade de cuidar de mim, para aquela pontinha de força necessária para recomeçar a minha vida. Mas ainda é difícil.

Saudade enorme de você, podemos nos ver quando eu chegar em São Paulo, se você estiver livre.

Sobre o carnaval em Salvador: já estou arrependida! rs”

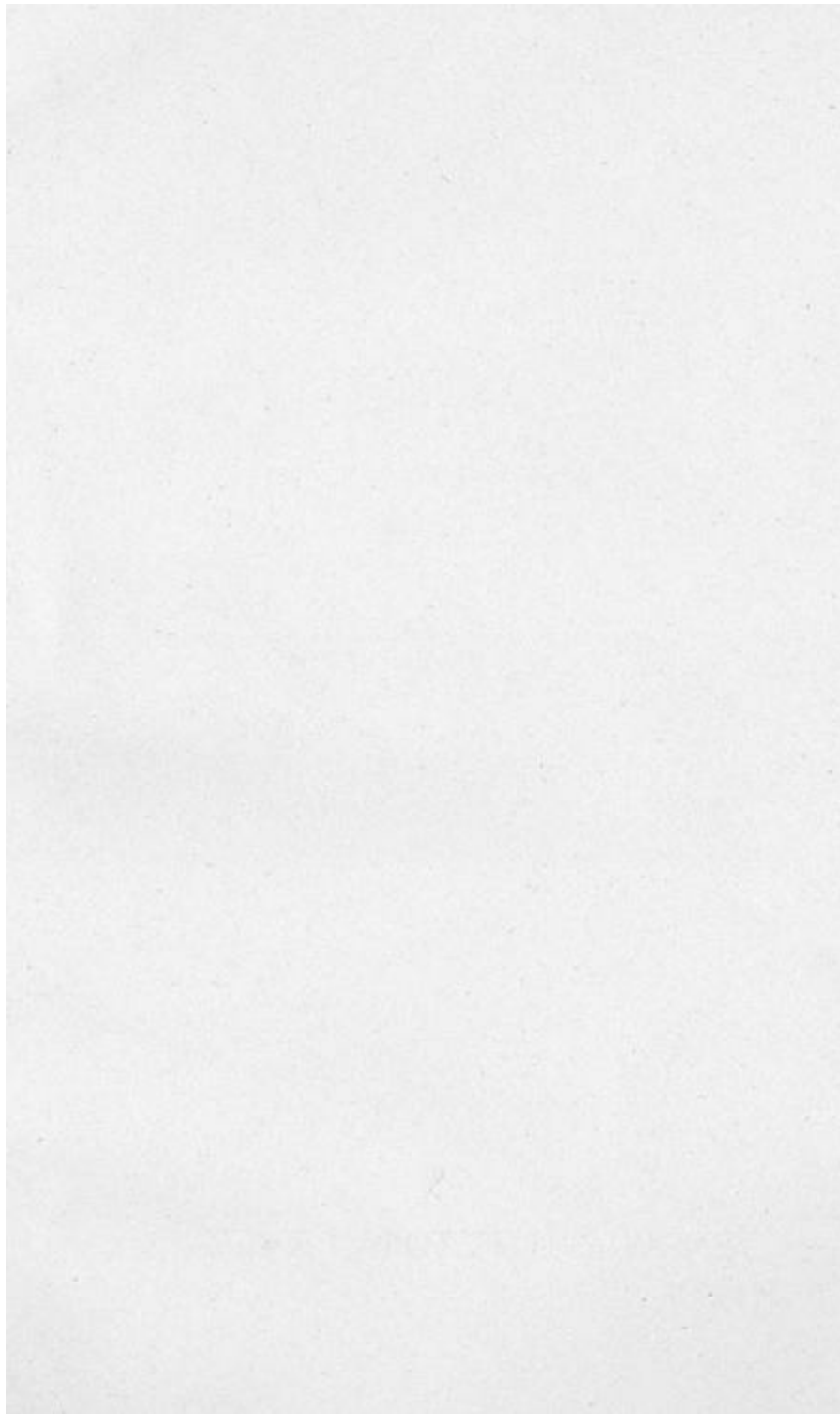
Larguei o notebook na cama e fui tomar uma ducha. Chorei um pouco no chuveiro e percebi que eu não me sentia feliz, por mais que quisesse me sentir. Eu tinha que me esforçar para pelo menos aproveitar a viagem e a companhia das meninas.

Quando saí do banheiro, fui olhar o notebook e vi que o Paulo já havia respondido o e-mail. Deveria estar à toa ou realmente preocupado comigo, porque ele não costuma ser rápido assim.

“A verdade é que a gente ganha mais sabedoria a cada relacionamento que tem e a gente também aprende a se gostar mais a cada decepção que sofre (você vai perceber isso ainda). E assim a gente passa a amar de forma mais livre e saudável, com os pés no chão, porque já sabemos que nada é para sempre e que não existe garantia de eternidade para relações. Por isso, se hoje está doendo, acredite: passa. Geralmente, aquilo que um dia te fez feliz e hoje te faz chorar é exatamente o que você precisa para transformar algo dentro de você. Foi “seu” enquanto trazia algo de bom e deixou de ser pelo mesmo motivo. E então, você vai perceber que a sua dor foi fundamental para que você aprendesse algo importante: a amar alguém de uma forma muito mais harmoniosa e/ou a amar a si própria sempre em primeiro lugar, entendendo que algumas coisas saem para que outras melhores possam entrar.

Estou do seu lado e quero vê-la quando você voltar.

PS: Se está no inferno, abraça o capeta! Vai curtir o seu Carnaval! :)”



A verdade é que a gente ganha mais sabedoria a cada relacionamento que tem e a gente também aprende a se gostar mais a cada decepção que sofre.





Eu poderia narrar todos os dias da viagem para vocês, mas a única coisa relevante que aconteceu é que eu conheci um cara chamado Lucas. Ele também é de São Paulo e mora relativamente perto de mim.

Acho que nem preciso dizer que não queria conhecer ninguém interessante agora e jamais achei que isso aconteceria, mas aconteceu.

Eu estava com as meninas em uma balada de Salvador. Como eu estava um pouco introspectiva naquele dia, fiquei quieta e no meu canto, observando aquele lugar apertado e cheio de gente.

Em uma rodinha perto de mim havia um grupo de mulheres que ria sem parar, mas uma delas ria de um jeito nada espontâneo, sempre olhando (com um olhar triste, diga-se de passagem) para os lados. Não sei se ela estava tão desanimada quanto eu, mas feliz ela não parecia estar. Talvez a risada fosse planejada para disfarçar um choro guardado, uma raiva entalada ou uma angústia abafada.

O excesso de maquiagem que preenchia o seu rosto parecia querer esconder o vazio que ela sentia lá dentro. Provavelmente ela estava ali, assim como eu, em uma fuga para esconder algum sofrimento que fazia morada lá no peito.

No meio da pista, com aquelas luzes coloridas e aquelas músicas altas que quase me deixavam surda, eu também fiquei observando aqueles casos vazios de uma única noite, onde corações dilacerados contavam com aquela frieza forçada, quase que obrigatória para sobreviver. Percebi muitos olhares melancólicos, aparentemente de quem já acreditou em algo que não deu certo.

Também notei a armadura que outra mulher vestia, convencendo-se a si própria de que o

amor é só uma invenção para quem não é capaz de lidar com a solidão, seguindo com a certeza de que ela não precisa de nenhuma companhia, depois que se permitiu ter tantas que, atualmente, não fazem parte de nenhum dos seus dias.

E, por fim, esbarrei naquele homem que preferia acreditar que para “curtir a vida”, a quantidade é mais importante que a qualidade, até porque seria mais fácil ele não se envolver e, conseqüentemente, não se machucar, impedindo qualquer chance de que alguém ficasse e fizesse ele se entregar de novo.

É claro que eu carregava um pouco de tudo isso dentro de mim também. Eu bem sei que a gente para de acreditar nas pessoas e que fica difícil dar um voto de credibilidade ao amor quando a gente tem o coração partido, quando a gente se decepciona, quando a vida mostra que tudo aquilo que planejávamos não vai acontecer porque nem sequer tínhamos aquilo que confiávamos ter.

E aí eu pensei em quantas vezes me lamentei por ter a sensação de que não conseguiria mais confiar, em quantas vezes vesti a minha armadura para não ser atingida por nenhum encanto que pudesse me despedaçar depois, em quantas vezes preferi agir com frieza e evitar o sorriso para que eu não corresse o risco de me doar a alguém que me levasse a chorar.

E então, no meio deste cenário de medos e defesas, fiquei quieta no meu canto, torcendo para que ninguém invadissem o meu espaço a ponto de me fazer acreditar que um outro alguém merecia fazer parte dele.

Mas na verdade, acho que lá no fundo eu torcia para que algo me fizesse voltar a acreditar que ainda valia a pena me entregar e me arriscar pelo que fizesse o meu coração acelerar outra vez. Talvez tenha sido por isso que eu dei uma chance para o Lucas.

O Lucas é moreno, tem os olhos castanhos, um sorriso maravilhoso e um jeito muito simpático. Foi inevitável as quatro se interessarem por ele logo de cara, mas eu notei que ele se esforçava para puxar assunto apenas comigo. Isso me fez perceber o quanto a história com o Diego havia me deixado insegura, porque eu não conseguia acreditar que era a escolhida ali, entre tantas outras mulheres interessantes. Aliás, eu me sentia extremamente desinteressante, mas parece que ele não sentiu o mesmo.

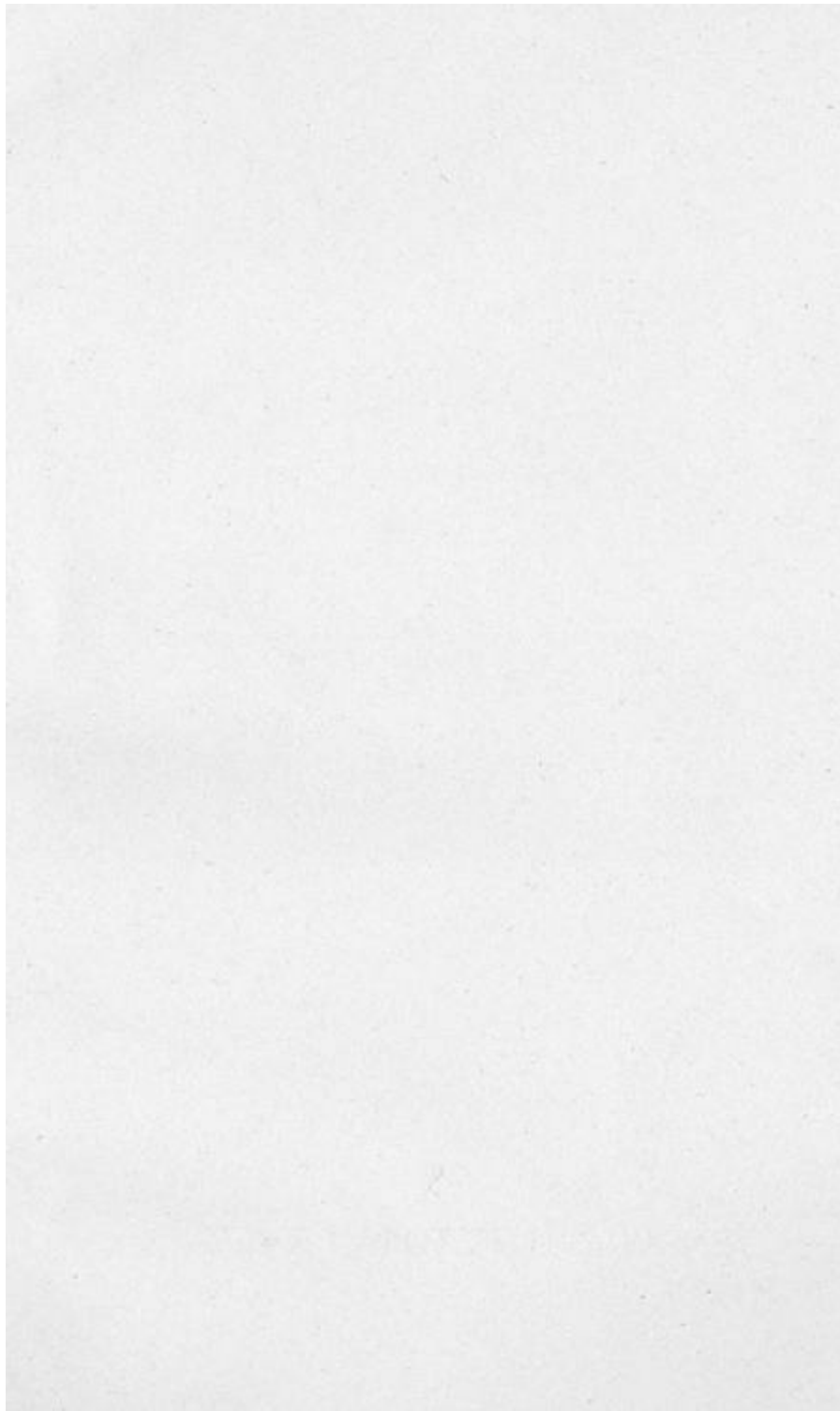
Ele me puxou de canto com a desculpa de que queria me pagar uma bebida. Entendi que era para nos afastarmos das meninas e ficarmos a sós. Conversamos sobre o trabalho, a família, a vida... E, para ser sincera, não tínhamos nada em comum. Mesmo assim, algo fazia eu me sentir atraída por ele e parecia ser recíproco.

Depois de conversarmos por quase uma hora, nos beijamos. Foi um beijo bastante natural. Sabe quando simplesmente acontece? Foi exatamente assim. E, pela primeira vez em alguns meses, eu realmente me entreguei a um beijo.

Não pensei em nada na hora, somente na vontade que eu estava de ficar ali com ele. Ele parecia ser um cara bacana, chamou a minha atenção logo de cara e eu achei que seria uma boa oportunidade para esquecer um pouco a história com o Diego.

A gente ficou junto nos dois últimos dias da viagem, já que o hotel dele ficava a menos de dez minutos do meu. Parecíamos um casal de namorados, porque não nos desgrudávamos. Foi gostoso de um jeito que eu pensei que nunca mais seria.

Na quarta-feira chuvosa de cinzas, trocamos telefones e combinamos de nos encontrar novamente em São Paulo. As meninas tiravam sarro e diziam: “para alguém que não está bem, você até que aproveitou bastante o Carnaval, né?”. Eu dava risada e concordava, porque eu mesma não imaginava que eu ficaria com alguém lá, ainda mais de um jeito relativamente intenso.



No meio deste cenário de medos e defesas, fiquei quieta no meu canto, torcendo para que ninguém invadisse o meu espaço a ponto de me fazer acreditar que um outro alguém merecia fazer parte dele.





Quando cheguei em São Paulo, busquei o Puppy e minha mãe nos levou para o meu apartamento. Ganhei uma porção de lambidas e brinquei bastante com ele quando chegamos em casa.

Decidi procurar pelo Lucas no Facebook (que eu reativei assim que liguei o notebook). Provavelmente ele também me procurou, porque eu havia dado o meu cartão pessoal para ele, o qual tinha o meu nome completo. Mas como eu havia desativado o meu perfil, ele não conseguiria me encontrar.

Eu não sabia o sobrenome dele, então dei uma de stalker e fui procurá-lo em um grupo que montaram para os “foliões” que passaram o carnaval em Salvador com a companhia de viagem que fechamos.

Depois de alguns minutos, finalmente achei o perfil dele. Ele estava de camisa social na foto do perfil, lindo de morrer! Estava com aquele sorriso maravilhoso e aquele olhar um tanto quanto expressivo.

Pedi para ele me adicionar e, quase que imediatamente, ele me aceitou. Conversamos um pouco por mensagem e ele me chamou para sair. Como eu estava cansada, sugeri que a gente fizesse isso no dia seguinte. Ele topou.

Então no dia seguinte eu saí do trabalho e segui para um barzinho com a Luíza, a Selina e mais cinco amigos dele.

Ficamos juntos e foi muito bom. A única coisa que eu estranhei é que, ao ir para o banheiro, um amigo dele se aproximou de mim e disse: “toma cuidado, tá?”.

O cara disse isso e saiu, me deixando com a sensação de que estava acontecendo algo que eu não sabia. Como ele fez isso longe do Lucas, eu entendi que ele não poderia saber do

ocorrido. Fiquei mais calada durante o resto da noite e o Lucas percebeu, mas eu disse que era apenas sono.

Ele me deixou em casa e eu fui deitar pensando sobre o que o amigo dele me disse. Era como se uma voz falasse em meu ouvido que algo estava errado. Depois de tanto pensar, peguei no sono e dormi.

Eu continuava encontrando o Lucas, mas não era algo que acontecia sempre. Às vezes íamos ao cinema, em algum restaurante, um barzinho ou algo do gênero.

Embora a gente se conhecesse pouco, eu me sentia confortável na presença dele. Éramos bem diferentes e tinham coisas que ele falava ou fazia que eu jamais me veria falando ou fazendo, mas dizem que os opostos se atraem e neste caso fazia muito sentido.

Não rotulávamos a nossa relação, mas era claro que não estávamos namorando. Eu não conhecia a família dele nem ele a minha. Não tínhamos compromisso algum, combinávamos de nos ver quando ambos estavam disponíveis.

Nas poucas vezes em que falamos sobre namoro, ele se mostrava quase que incapaz de ter um envolvimento sério com alguém. Disse que nunca sentiu vontade de “se amarrar” e que sempre gostou de ser solteiro e livre. Eu desconfiava que ele já havia passado por alguma grande decepção, mas ele é do tipo que não se abre muito sobre a sua intimidade. Só comentou, vagamente, que uma vez se apaixonou por uma mulher mais velha que acabou ficando com um amigo seu, mas que aquilo foi “normal” para ele.

Acho que uma das coisas que me atraía no Lucas era esse seu ar misterioso. Por mais que a gente conversasse muito, eu sentia que não sabia nada sobre ele e isso me instigava a querer conhecê-lo cada vez mais.

Além disso, rolava uma química forte demais entre a gente. O beijo combinava, o sexo era bom e quanto mais a gente se tocava, mais desejávamos um ao outro. O engraçado é que depois que a gente se encontrava, cada um seguia para a sua casa, ficando alguns dias sem falarmos sequer um “bom dia”. Era como se fosse uma amizade colorida, talvez porque no fundo sabíamos que não combinávamos para sermos um casal para valer, sei lá. O que sei é

que quando eu estava com ele, eu vivia o momento e não pensava em mais nada, em mais ninguém.

Confesso que eu não queria enxergar, mas eu estava mais envolvida do que gostaria. Provavelmente, havia uma esperança de aceitarmos o risco da nossa incompatibilidade para deixar a nossa relação mais séria.

Então, depois de uma noite maravilhosa com o Lucas, regada a vinho e um delicioso nhoque que ele preparou especialmente para mim, passamos uns três dias sem que eu tivesse qualquer notícia dele. Embora não fosse algo incomum, eu me senti preocupada e mandei mensagem perguntando se estava tudo bem, a qual ele visualizou e não me respondeu. Senti que havia algo de errado, mas achei melhor ficar na minha.

Abri o meu notebook enquanto tomava o meu café, coloquei o Puppy no meu colo e entrei no Facebook. Ao rolar a tela para visualizar as publicações, me deparei com algo que me deixou perplexa: “Lucas está em um relacionamento sério com Patrícia”.

Eu fiquei em choque. Como é possível o cara estar saindo com você, transar contigo há dias atrás e, logo em seguida, assumir namoro com outra? Comigo isso é totalmente possível.

Em meio às várias mensagens de felicitações ao casal no status de relacionamento, segui o meu impulso de comentar: “*O amor é lindo, parabéns!*”.

Não sei o que me deu para fazer isso, mas eu fiz e não me arrependi.

As meninas me ligaram várias vezes e eu não quis atender, provavelmente porque viram tudo. Não estava a fim de lidar com o fato de que mais um cara havia me feito de palhaça. A sensação era de como se eu estivesse assistindo ao mesmo filme pela milésima vez, mas, ainda assim, esperasse por um final diferente daquele que já foi gravado.

Mais uma vez, eu me peguei interessada por um cara que é incapaz de ser sincero. Começo a cogitar que talvez eu só consiga me sentir atraída por este tipo porque no fundo eu sei que jamais daria certo.

Acho que já sofri tanto por amor que acabo tentando me proteger dele sofrendo logo de cara. O medo de construir uma história e ter que desconstruí-la depois de muito tempo é maior

que o medo de acabar com ela antes que crie um número relevante de páginas, entende?

Não sei até que ponto isso é bom. Aliás, não é bom, porque eu acabo sofrendo do mesmo jeito, ainda que em menor intensidade. Mas dessa vez eu precisava assumir que corri o risco porque finalmente aprendi a bancar o que eu sinto, sem medo da opinião alheia e sem medo de não ser correspondida. Posso até sofrer por alguns dias, lamentar que o final não fosse o que eu gostaria, mas ao menos eu não engano ninguém, muito menos a mim mesma. Assumo o que eu sou e tudo o que faz parte de mim.

Enfim, seja lá qual for o motivo de eu sentir de novo algo que eu não queria e por quem não deveria, sei que não está ao meu alcance controlar isso.

Depois de algumas horas, o Lucas teve a cara de pau de me mandar uma mensagem questionando o motivo do meu comentário e dizendo que as coisas aconteceram de uma forma que ele não esperava. Disse que a Patrícia pressionou ele, que ele não teve escolha e que realmente estava mal porque sabia que eu não ficaria mais com ele.

Não consegui sentir sinceridade em nada do que ele disse e preferi não responder.

Pra mim nós fomos uma breve história, que foi interrompida porque jamais vingaria. Mesmo um ao lado do outro, acho que estávamos separados por quilômetros de uma distância invisível, porque as diferenças foram notadas logo no primeiro dia. A vontade era realmente grande a ponto de não considerarmos nada disso e nos entregarmos, por isso que tudo aconteceu.

No calor da vontade não existia empecilho, o grito das diferenças era abafado pelo desejo e não existia mais ninguém, nenhum porém. Éramos só eu e ele, com nossas bocas que não se deixavam, nossos corpos que se entrelaçavam, nossas conversas sem sentido que denunciavam ainda mais a nossa nítida incompatibilidade e nossos olhos que se encontravam e se desviavam com a mesma facilidade, assim como os nossos caminhos.

Ali no calor da vontade não era preciso disfarçar aquela química surreal que nos dominava, aquele incêndio que nada nem ninguém controlava... Mas agora só restaram as cinzas desse fogo. No fundo eu sabia que jamais teríamos, de forma plena, segura e absoluta, um ao outro.

Vai ver somos como água e óleo, como personagens que se repelem e se ferem.

Somos inimigos não declarados, corpos que não se misturam, bocas que nunca mais se tocam, olhares que nunca mais se buscam.

Somos um quase que perdeu a chance de ser real, um começo que não aconteceu porque morreu em um inevitável final.

Mesmo sendo um caso breve, confesso que ele havia mexido mais comigo do que eu gostaria de admitir.

Talvez eu tenha me apegado à ideia de “ter” alguém para finalmente esquecer o Diego, talvez eu nem sequer gostava mesmo do Lucas, não sei. O que eu sei é que eu me via, mais uma vez, decepcionada com um cara por ele não ser honesto comigo. Aliás, acho que grande parte das decepções acontecem por isso, pela falta de honestidade, pelo medo de machucar com a verdade.

Para um cara não dizer que já não quer mais nada com a garota e que está a fim de outra, ele acaba falando todos aqueles clichês de que o problema não é com ela e sim com ele. Fala que se deu conta de que ela merece alguém melhor, que ele está atarefado demais no trabalho e não tem tempo para um relacionamento... E aí ela fica lá, com um ponto de interrogação na cabeça e uma pontinha de esperança no coração, chegando a sentir pena dele por estar em um momento conturbado.

Até que os dias vão passando e aquela verdade que ele tinha medo de declarar (talvez por saber que iria machucá-la), vem à tona. Ela fica sabendo porque ouviu alguém dizer ou porque viu com os próprios olhos, não importa. A questão é que ele mesmo podia ter deixado tudo claro desde o início, evitando todas aquelas dúvidas e aquela pontinha de esperança que ela tinha – que agora deu lugar para uma mágoa enorme dele.

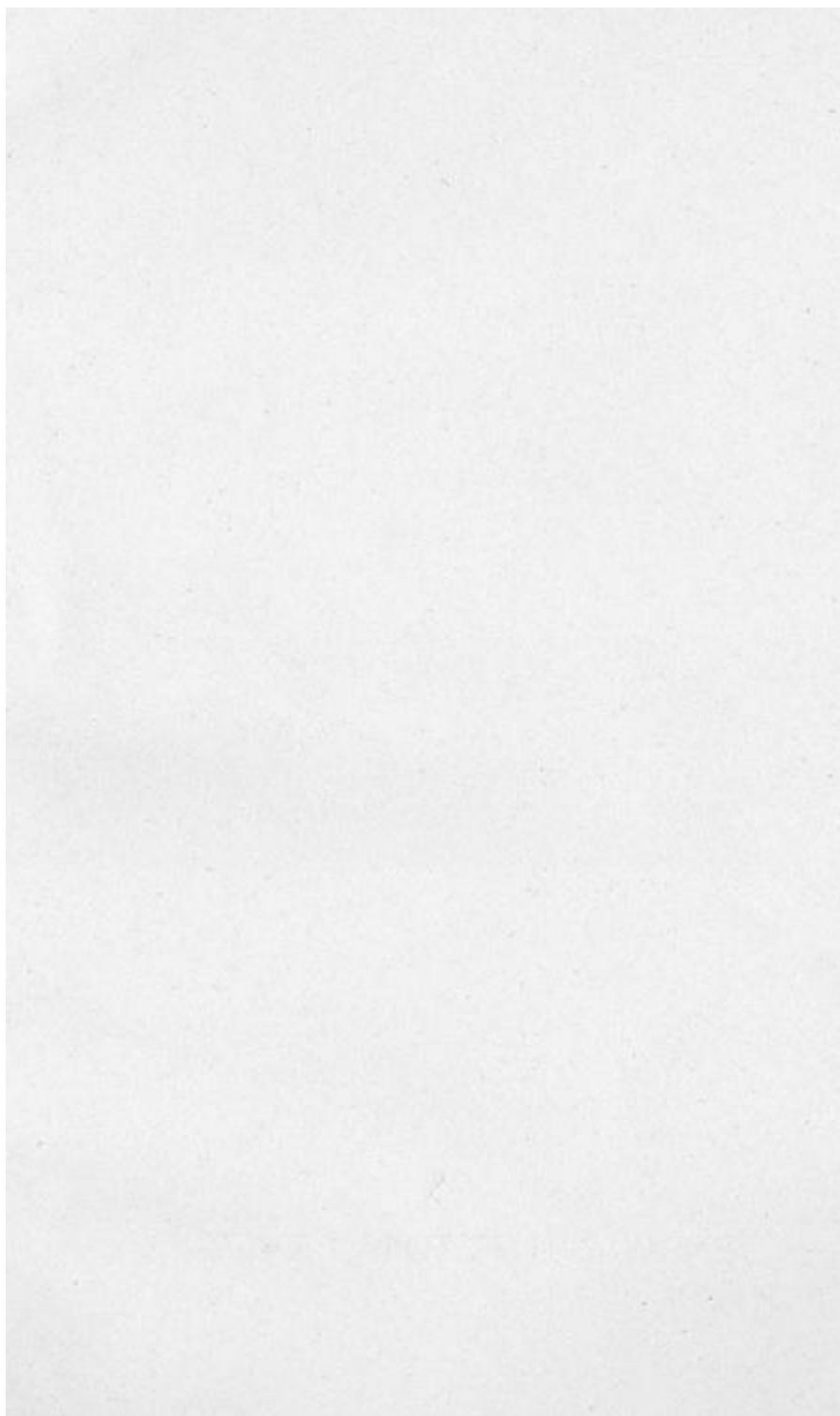
Ninguém manda no que sente. Acontece mesmo de o amor acabar, de uma outra pessoa aparecer e te balançar, de as coisas tomarem um rumo totalmente diferente do que foi planejado. Isso faz parte da vida e resulta em alguns corações partidos, mas um dia eles entendem que foi melhor assim. Afinal, quem é que – em sã consciência – vai querer alguém

ao seu lado que não quer mais estar ali?

Mas assim como o cara merece respeitar os seus sentimentos e seguir o que acredita ser o melhor para ele, a garota também merece saber a verdade, por mais dolorosa que seja. Aliás, acho que a dor acaba sendo muito maior quando envolve omissões e/ou mentiras. E quer saber? Às vezes a verdade é justamente o que dá força para a gente se desligar de uma história e aceitar o seu fim.

É por isso que eu prefiro não deixar nada mal resolvido, meio dito ou pouco esclarecido. É claro que é difícil para quem coloca o ponto final, porque não é nada legal ferir uma pessoa que foi importante em sua vida, assim como para a outra pessoa também, que vai precisar de um tempo para digerir tudo. Mas depois a gente entende que a sinceridade é o melhor caminho. Essa é a única forma de não deixar que apenas um final inevitável torne-se mais uma decepção irremediável.

(Mesmo triste, eu agradei por saber a verdade nua e crua, sem censura. A lágrima que cai é a mesma que abre os meus olhos. A dor que me corta é a mesma que me regenera. Então eu sei que logo estarei bem).



Somos como água e óleo, como personagens que se repelem e se ferem. Somos inimigos não declarados, corpos que não se misturam, bocas que nunca mais se tocam, olhares que nunca mais se buscam. Somos um quase que perdeu a chance de ser real, um começo que não aconteceu porque morreu em um inevitável final.





Para a minha sorte, era o dia da sessão com o Luís e eu tinha muita coisa para fazer no jornal.

Não é nem de longe o trabalho dos meus sonhos, mas o salário é justo e com ele eu consigo ter uma vida mais confortável. Além disso, eu já dominava o serviço e me dava bem com a maioria da equipe.

Cheguei a cogitar procurar por algo que eu realmente gostasse algumas vezes, mas acabei deixando a ideia passar, talvez por puro comodismo. Acho que esse é um grande defeito meu: mudanças me dão medo. Sou insegura e fico pensando que tudo pode dar errado, que eu posso não conseguir, que é melhor não “trocar o certo pelo duvidoso”. Mas como pode ser o certo se já não empolga, se não toca o coração, se não faz a gente feliz?

Enfim, quando deu o meu horário, saí do trabalho e segui para o consultório. O Luís me atendeu logo que eu cheguei, ele já estava me esperando.

Contei a ele tudo sobre o Lucas. Senti vontade de chorar enquanto narrava a história, mas por algum motivo eu não consegui fazer isso.

- Você sempre disse que você e o Lucas jamais teriam algo sério porque são opostos. Mesmo assim, se machucou quando viu ele assumir um compromisso com outra pessoa. Sabe me dizer o motivo?

- Não sei dizer se é só porque não podemos mais ter os nossos momentos juntos, que eram muito bons. Talvez eu sinta algo mais forte do que eu pensava por ele. Eu senti ciúmes quando soube do namoro e, confesso que também senti vontade de estar no lugar da Patrícia. O Lucas sempre me pareceu inatingível e ela conseguiu quebrar isso. Conseguiu fazer ele se apaixonar por ela e abandonar aquela pose de solteiro convicto e desapegado. E eu? Eu consegui me

decepcionar, mais uma vez, com um cara que não teve a capacidade de ser sincero comigo.

Não tínhamos compromisso algum e isso sempre ficou muito claro para ambos, mas ele poderia ter me falado que existia outra pessoa. Poderia ter evitado uma aproximação maior, como aconteceu quando jantamos na casa dele e passamos a noite toda agindo como um casal feliz e apaixonado. Poderia, mas ele preferiu agir como mais um Diego no mundo.

Falamos mais um pouco sobre o Lucas e eu fiquei pensando no que ouvi a minha mãe me dizer esses dias. Segundo ela, eu preciso encontrar um cara decente para formar uma família logo, já que eu estou ficando velha.

Minha mãe é do tipo que acha que todo mundo só pode ser feliz se seguir aquele roteiro clássico: estudar, escolher uma profissão que renda dinheiro, entrar em uma boa faculdade, noivar e formar uma família com um bom rapaz. Então eu refleti sobre isso e comecei a falar:

- Você acredita mesmo que a graça da vida está em seguir aquele roteiro predeterminado para a felicidade e o sucesso?

Você estuda e escolhe uma profissão que lhe proporcione uma boa condição financeira. Então tenta entrar em uma universidade de boa reputação no mercado de trabalho, faz de tudo para conseguir um cargo importante em uma empresa reconhecida, junta um dinheirinho para comprar ou alugar aquele apartamento legal e se arruma sempre que sai para encontrar o amor da sua vida, se casar, formar uma família feliz como a do comercial de margarina e pronto, você será mais um exemplo de *“alguém que deu certo na vida”*! Será mesmo?

Eu acho que se tudo isso fizer parte do seus objetivos e do que você REALMENTE quer, pode ser. Mas e se não for? E se a sua vontade é a de viajar sozinha pelo mundo, conhecer novas culturas, novos lugares, novas pessoas? E se você não quiser cursar uma faculdade e sim fazer aquele curso de música para investir no seu talento artístico, independentemente da grana que vai te render? E se você não quiser formar uma família, se quiser apenas encontrar um cantinho seu ou até mesmo não criar raiz em nenhum lugar, porque o que você quer é cada hora estar em um cenário diferente?

Eu me peguei pensando nisso tudo esses dias e confesso que não concordo com essa ideia

de que devemos seguir determinadas crenças e padrões à risca como uma fórmula para ser feliz.

- O que é ser feliz para você?

- Ser feliz é ter a liberdade de ser você mesmo, de se deixar levar pelo que te move, te emociona, te conquista.

Acho que calar a sua própria voz, deixar de seguir suas vontades e abandonar a si próprio para se encaixar em um padrão, por uma busca insensata por aprovação, tem 100% de chance de frustração. E é por isso que me sinto frustrada. É claro que eu achava que com esta idade eu já estaria casada, sendo uma profissional bem-sucedida e muito feliz.

Mas agora eu acho que preciso parar de pensar nisso. Quero ser livre para aceitar o que eu sou.

Depois de me ouvir em silêncio, ele me perguntou de quem eu buscava aprovação e eu não soube responder. Sou do tipo que se cobra tanto que talvez a aprovação que eu esteja buscando seja a minha. Então ele começou a falar.

- Você entra na escola e “aprende” que também deve ter aquele brinquedo legal que, o coleguinha, aquele que senta ao seu lado, tem. Afinal, todo mundo quer brincar com ele por causa disso.

Aí você chora, faz birra e deixa de comer para convencer os seus pais a te darem o tal brinquedo. E assim vai sendo com o passar dos anos, cada vez com uma coisa nova.

Então você se torna adolescente e “aprende” que, assim como aquela garota linda da sua sala, você também precisa usar aquela blusa bacana de marca. “Aprende” que se toda a galera vai naquela festa, você não pode ficar de fora. E não basta só ir, tem que estar impecável para chamar a atenção dos meninos e ser admirada pela turma toda.

Estou falando isso porque, sem se dar conta, alguns pequenos detalhes e situações fazem a gente criar essa necessidade de competir, de ser presente, de se adaptar às exigências alheias, de se comprometer a agradar os outros e de ter o que “todo mundo” tem. Só que o tempo passa e a gente vai se cansando dessas exigências todas... A gente aprende a valorizar o que tem, sem

ter tempo para olhar para a cor da grama do vizinho. A gente também aprende a não se preocupar com o que pensam e o que falam, porque a gente finalmente se aceita como é. Talvez você esteja exatamente neste processo, querendo respeitar as suas próprias vontades, aquelas que, por tanto tempo, você deixou de lado.

- Você tem razão. A gente se preocupa muito com a aceitação que vem de fora e, conseqüentemente, não conseguimos nos aceitar verdadeiramente por dentro.

Nos conectamos com o mundo com muita facilidade, mas somos incapazes de nos conectar conosco.

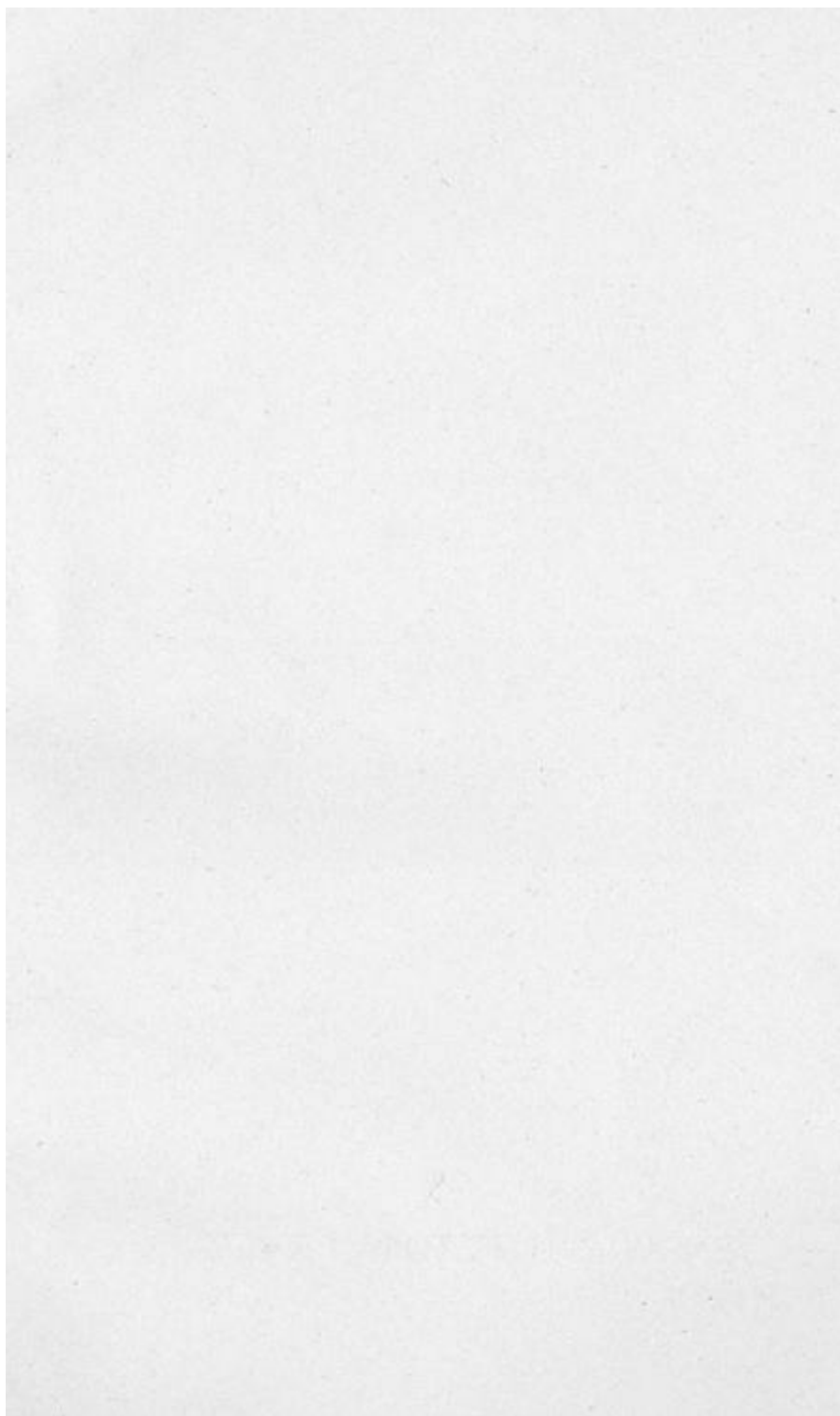
Não percebemos que passamos o tempo todo buscando algo que nos faça feliz, quando já seríamos capazes de ser, se deixássemos de nos importar com estas tolas exigências e seguissemos tudo aquilo que vem da nossa verdadeira essência.

Ele começou a escrever algo em um papel, dobrando-o em seguida. Ele me entregou e pediu para que eu lesse somente quando chegasse em casa. A minha vontade era de abrir o papel ali, na mesma hora, mas achei melhor seguir a recomendação.

Fui para casa pensando em tudo o que eu havia acabado de dizer, sem sequer me dar conta de qual era a música que estava tocando no rádio.

Ao chegar no prédio, chamei o elevador e fui logo tirando o papel da minha bolsa. Já não aguentava mais de curiosidade e precisava saber o que ele havia escrito. Como foi rápido, imaginei que fossem poucas palavras. E era mesmo, apenas uma frase: *“Enquanto você for o que os outros querem que você seja, você não será ninguém”*.

- Caio Fernando Abreu



Preocupam-se muito com a aceitação que vem de fora e, conseqüentemente, não conseguem se aceitar verdadeiramente por dentro.

Se conectam com o mundo com muita facilidade, mas são incapazes de se conectarem consigo mesmos.

E não percebem que passam o tempo todo buscando algo que os façam

felizes, quando já seriam capazes de ser, se deixassem de se importar com estas tolas exigências e seguissem tudo aquilo que vem das suas verdadeiras essências.





Seria mais um dia normal de trabalho, se não fosse pelo fato de eu ser demitida. Eu já sabia que as coisas não iam bem no jornal, já que muita gente estava recebendo a carta de demissão nos últimos dias, mas eu preferi acreditar que isso não aconteceria comigo. Afinal, eu trabalhava ali há anos, não faltava um dia sequer (nem mesmo quando eu estava doente) e me dava muito bem com a minha chefe.

Mas a verdade é que não tinha mais como eles arcarem com o meu salário. Era necessário fazer uma boa redução de custos para se manter no mercado e não havia outra opção que não fosse a minha demissão.

Como fui avisada pouco antes do horário da saída, peguei minhas coisas e fui direto para um boteco que eu, Selina e Luíza sempre frequentamos. Lá a cerveja é barata, não tem aquele som alto de balada e nem caras inconvenientes tentando se aproximar. Éramos só nós, comendo alguns petiscos, tomando nossa cervejinha gelada em paz e nada mais.

Logo que cheguei, abracei as duas e nos sentamos. Já havia uma garrafa de cerveja na mesa com três copos. Quando comecei a me servir, a Selina disse que tinha algo para nos contar.

- Recebi uma proposta de trabalho e decidi aceitar. No ano que vem eu me mudo para o México. É uma oportunidade que eu sempre quis ter e finalmente terei a chance.

Eu estava disposta a dividir com elas o fato de ter sido demitida, mas não consegui fazer isso diante da novidade da Selina. Ela merecia ao menos um momento mais feliz ao nos contar a novidade.

Como ela sempre teve a ideia de sair do Brasil, sei que ela jamais deixaria a oportunidade passar.

- Sabe, a gente sente quando chegou a hora de sair de cena, trocar de lugar, mudar de

atitude. E já não há mais nada que me segure aqui agora que não estou mais com o Pedro (um cara com quem ela tinha um caso de constantes idas e vindas). Eu gosto dele, mas percebi que não é recíproco, pelo menos não da mesma forma. E eu cansei de investir em histórias que não vão dar em nada.

Me sinto mais realista, madura e consciente daquilo que quero e mereço agora. E, nesse momento, eu quero mesmo é seguir um novo caminho.

Ela disse tudo isso chorando, mas não me parecia ser um choro triste. Ela estava mesmo decidida a ir e eu me peguei pensando em como seria lidar com a ausência dela e no quanto aquela conversa parecia proposital para me fazer investir, agora mais do que nunca, na ideia de buscar um emprego que me fizesse feliz.

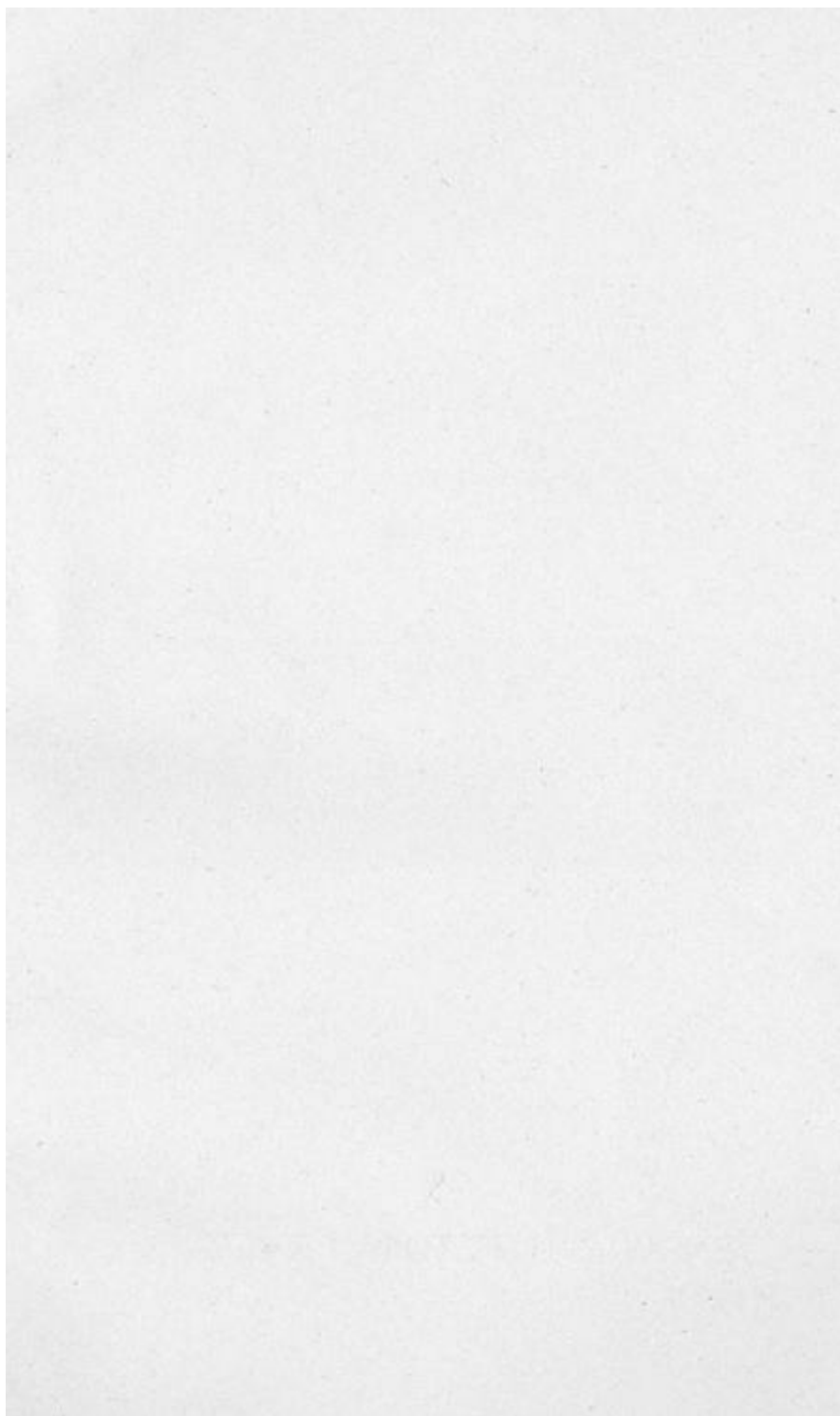
- Se é isso o que você realmente quer, se é isso o que vai te fazer feliz, eu só consigo te apoiar. Você vai fazer falta, mas o fato de saber que você estará bem será o que vai me consolar nessas horas de saudade.

E aí a Luíza começou a falar também:

- Sei que quem gosta mesmo da gente dá um jeito de se manter presente, seja por mensagem, e-mail ou pessoalmente. Você vai fazer falta, mas eu vou dar um jeito de conversar com você, esteja onde estiver. Você é importante nas nossas vidas e sabe disso.

Ainda que não esteja mais tão próxima quanto gostaríamos, você sempre será lembrada, como se estivesse aqui com a gente. Não há distância que seja suficiente para tirar do nosso coração quem já mora nele.

Nós três nos abraçamos, todas com aquela cara de choro. Sentíamos como se fossemos amigas de colégio nos despedindo na formatura e percebendo que era hora de crescer. E era mesmo.



Não há distância que
seja suficiente para
tirar do nosso coração
quem já mora nele.





Cheguei em casa e fui recepcionada pelos pulos e lambidas do Puppy. Sentei no sofá e imediatamente me lembrei da demissão. Embora eu estivesse bastante insatisfeita, eu não pretendia e nem podia ficar desempregada.

Isso me fez pensar que, na ingenuidade dos meus quinze anos, eu sonhava em estar completamente estabilizada, feliz, bem sucedida e talvez até mesmo com uma nova família nesta altura da vida. Mas aqui estava eu, com pouco mais de trinta anos, o coração despedaçado por causa de mais um babaca, sem emprego e com medo do que viria pela frente. Por mais que eu soubesse que a culpa não era minha, a ideia de ficar sem trabalho fazia eu me sentir uma completa inútil. O pior é que eu já vinha acompanhando as desanimadoras notícias sobre o aumento da taxa de desemprego e o alto número de empresas indo à falência.

Por isso, eu não cogitava pedir demissão até que eu encontrasse uma nova oportunidade. Mas eu segui em meu comodismo e nem sequer estava procurando por um trabalho novo, e agora eu estava pagando caro por isso.

O tempo foi passando e, mesmo enviando cem currículos por dia, olhando todos os sites de vagas possíveis e investindo um pouquinho do meu dinheiro contado naquele curso bacana de atualização, nada aparecia. Eu já estava frustrada e preocupada, a ponto de considerar salários mais baixos, cargos menores e até mesmo funções que eu não gostaria de exercer. Nessas horas aquele clichê lindo que todo mundo diz, “você precisa ser feliz fazendo o que gosta”, vai por água abaixo. E foi exatamente sobre isso que eu e o Luís falamos em nossa sessão.

- Você não dá as suas contas para ninguém pagar e assume as suas responsabilidades, não para que não precise escutar nada de ninguém, mas porque acredita que é a sua obrigação e é isso o que deveria manter a sua consciência tranquila. É claro que nem todo mundo consegue

isso, muita gente na sua situação acaba precisando de ajuda e pode ser que isso até aconteça com você, mas se acontecer, tenho certeza que não será por irresponsabilidade ou escolha sua. Você não teve culpa na sua demissão para se torturar tanto.

- Eu só queria estar empregada na minha área, fazendo o que gosto, com uma situação financeira estável. Mas a vida nem sempre segue o rumo que a gente planeja, tudo depende das oportunidades que nos aparecem e das escolhas que fazemos.

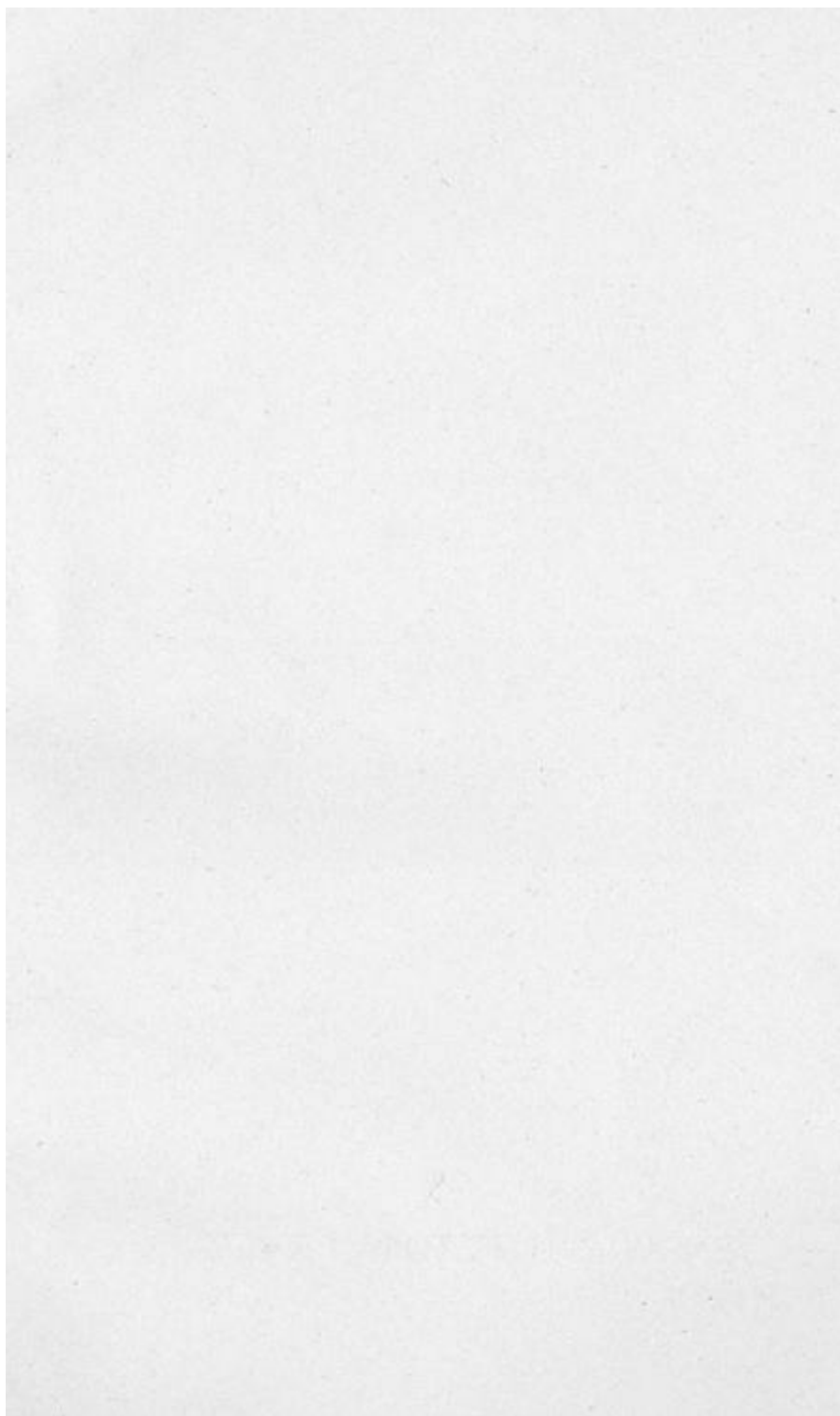
- E qual é a sua escolha agora?

- Eu escolho buscar por uma oportunidade que não só pague minhas contas (e, quem sabe, até mesmo os meus sonhos), mas também aquela que realmente me dê prazer em exercer, que me deixe com a sensação de que valeu a pena encarar os quatro anos de faculdade e todos os outros cursos que já fiz. É claro que se a necessidade bater na minha porta eu vou usar toda a força que há em mim para dar um jeito e ganhar dinheiro de alguma forma digna, mesmo que exija muito de mim, porque sei que a maioria passa por isso em algum momento.

- Sabe, eu acredito que no fim da vida o nosso acerto de contas não é com o banco, com os palpitadores profissionais nem com os nossos chefes. O nosso acerto de contas é com nós mesmos, na hora de olhar para trás e ver se fizemos o que podíamos para contribuir com o mundo e, ao mesmo tempo, contribuir com a nossa felicidade. Pense nisso.

Quando cheguei em casa, liguei a secretária eletrônica, logo após ser recebida com as lambidas e pulos do Puppy. Havia um recado. Era de uma moça, dizendo que gostaria de agendar uma entrevista comigo para a vaga de colunista em uma revista feminina, a Ella. Essa foi uma das vagas que eu mandei o currículo pensando que jamais me chamariam, mas o interesse me fez tentar.

Ela disse para eu aparecer na editora no dia seguinte, às dez horas da manhã para uma entrevista. Desde então, a ansiedade tomou conta de mim e eu mal consegui dormir.



No fim da vida o nosso acerto de contas não é com o banco, com os palpitadores profissionais nem com os nossos chefes.

O nosso acerto de contas é com nós mesmos, na hora de olhar para trás e ver se fizemos o que podíamos para contribuir com o mundo e, ao mesmo tempo, contribuir com a nossa felicidade.





Acordei às oito horas em ponto, tomei banho e brinquei um pouquinho com o Puppy. Fiz o café (que eu bebi rapidamente assim que ficou pronto) e peguei o papel com o endereço da editora. Saí de casa me sentindo de um jeito que parecia que era a minha primeira entrevista de emprego.

Quando cheguei na editora, fui recebida por uma recepcionista alta, loira, arrumada e super bonita. Ela pediu para eu aguardar que logo a Joana, a editora-chefe da revista, chegaria para me entrevistar.

Esperei por cerca de dez minutos. Enquanto não me chamavam, eu tentei me distrair com as revistas que estavam ali, até para conhecer melhor o trabalho deles e me mostrar interessada.

Li algo em uma coluna que tocou minha alma e caiu como uma luva para o meu momento:

Olhos cansados

Pensamentos esgotados

Coração dilacerado

Pouco ou nada fazia sentido

Nem mesmo aquele velho e conhecido caminho

Sentia tudo, percebia o mundo

Mas calava-se e fazia-se de surdo

Até não aguentar mais lidar com tudo

Quando explodiu o que vinha lá do fundo

Pegou as chaves, se destrancou

Descalço sobre a terra, caminhou

*Chorou, gritou, secou
E seu maior medo, enfrentou*

*Saiu da gaiola
Colocou o lixo pra fora
Mudou de endereço
Trocou de roupa
Pintou o cabelo
Queria mudar até aquilo que via no espelho*

*Se transformou, se reinventou
Deixou a liberdade florescer
Sentiu o prazer de se reconhecer
Fez tudo o que queria fazer
E tornou-se aquele que sempre quis ser.*

Quando a Joana chegou, notei que ela era um pouco baixinha, tinha o cabelo enrolado e os olhos verdes. Era bonita e parecia jovem demais para ser uma editora-chefe. Acho que no fundo eu cheguei a invejá-la por já estar neste cargo com tão pouca idade.

Entramos em sua sala, que era toda de vidro, e nos sentamos nas poltronas que cercavam uma enorme mesa cheia de papéis e revistas.

Ela fez todas aquelas perguntas básicas de uma entrevista de emprego, onde você já ensaiou as respostas e aparenta ser a melhor profissional do mundo. Aí ela disse:

- Clarice, a nossa revista é para o público feminino. É uma revista lida por mulheres de 18 a 50 anos, o que nos leva a ter o compromisso de publicar matérias que possam agradar a diversas faixas etárias. Nós tínhamos uma colunista muito boa, a Fernanda.

Logo associei com a autora do texto que li pouco antes de entrar na sala, mas deixei ela continuar.

- Como ela recebeu uma proposta de trabalho em outra cidade, ela pediu demissão. O trabalho dela aqui consistia em responder algumas perguntas enviadas pelas leitoras e, às vezes, publicar alguma crônica de reflexão. Por isso, eu não posso somente entrevistá-la,

preciso ver como você escreve.

Então quero que você disserte sobre um tema delicado, polêmico e que está em pauta atualmente: relacionamento abusivo. Explore o que ele é capaz de fazer com uma mulher, como ela deve lidar, enfim, escreva o que quiser.

Você pode usar experiências próprias e dizer claramente a sua opinião sobre o assunto, contanto que não seja desrespeitosa com aqueles que pensam o contrário. Vou deixar você na sala com a caneta e o papel por aproximadamente trinta minutos. Pode ser?

Eu estava tremendo um pouco e pensando que jamais ganharia o cargo, mas decidi arriscar. Fiz um sinal afirmativo com a cabeça e esperei ela se retirar. Não faço ideia do que me deu na hora, mas eu comecei a escrever no mesmo momento em que ela colocou os pés para fora, inspirada por tudo o que passei com o Alex.

“Com tantos debates sobre feminismo, machismo e abuso, me veio à tona o quanto eu já sofri em um relacionamento abusivo.

Eu me apaixonei por um rapaz que estava encarando o término de um namoro. Ele parecia estar sofrendo, ser alguém sensível e cativante. Desde que nos aproximamos, não nos largamos mais. Então iniciamos um namoro que, no começo, parecia perfeito. Ele era educado, parceiro e romântico.

Mas o tempo foi passando e ele foi mudando, ou melhor, se revelando. Ele se mostrava cada vez mais agressivo. Tudo, absolutamente tudo, o deixava insatisfeito - desde a comida que pedíamos até o que eu dizia, vestia ou fazia.

Lembro-me que era tão frequente vê-lo emburrado, me criticando ou reclamando, que eu chegava a estranhar os raríssimos elogios ou sinais de contentamento que apareciam. Basicamente, quando você se acostuma a “apanhar”, fica confusa ao receber um carinho.

O pior é que, quanto mais ele demonstrava suas frustrações, mais eu insistia nas tentativas de agradá-lo.

Não medi esforços: enfrentei o medo de dirigir porque ele havia vendido o seu carro, tentei aprender a cozinhar porque ele “precisava” comer arroz e feijão em todas as refeições, me distanciei dos meus amigos para que a minha atenção fosse toda dele e por aí vai. Eu nem sequer parava para pensar e sentir se eu queria mesmo fazer tudo isso, eu simplesmente fazia porque sabia que era o que ele precisava e queria.

Foram muitas as humilhações que encarei.

Vivi por quase dois anos pelos caprichos de alguém, tentando salvar uma relação que já estava fadada ao fracasso desde o começo, por inúmeras e gritantes diferenças, mas, principalmente, pela falta de amor mútua por mim. Hoje eu enxergo que ele nunca me amou e que, infelizmente, eu também não me amava naquela época. O medo da solidão era o que me motivava a ficar com ele, sem que eu me desse conta de que ao seu lado eu me sentia muito mais sozinha.

No fundo, eu já sabia que um dia teríamos o nosso fim decretado, mas eu tinha certeza de que jamais conseguiria lidar com ele.

Depois de algumas mentiras, eu finalmente decidi dar um basta. Lembro-me que eu assisti ao filme “Alice No País das Maravilhas” e prestei muita atenção na cena em que ela decide fazer a sua própria escolha, ainda que desagradasse a grande maioria. Ali eu entendi que estou neste mundo para buscar o melhor de tudo e o meu melhor, por mim. Ali eu entendi que ninguém deveria decidir como eu me sentiria, o que eu diria, o que eu faria. Ali eu enxerguei que o amor estava muito

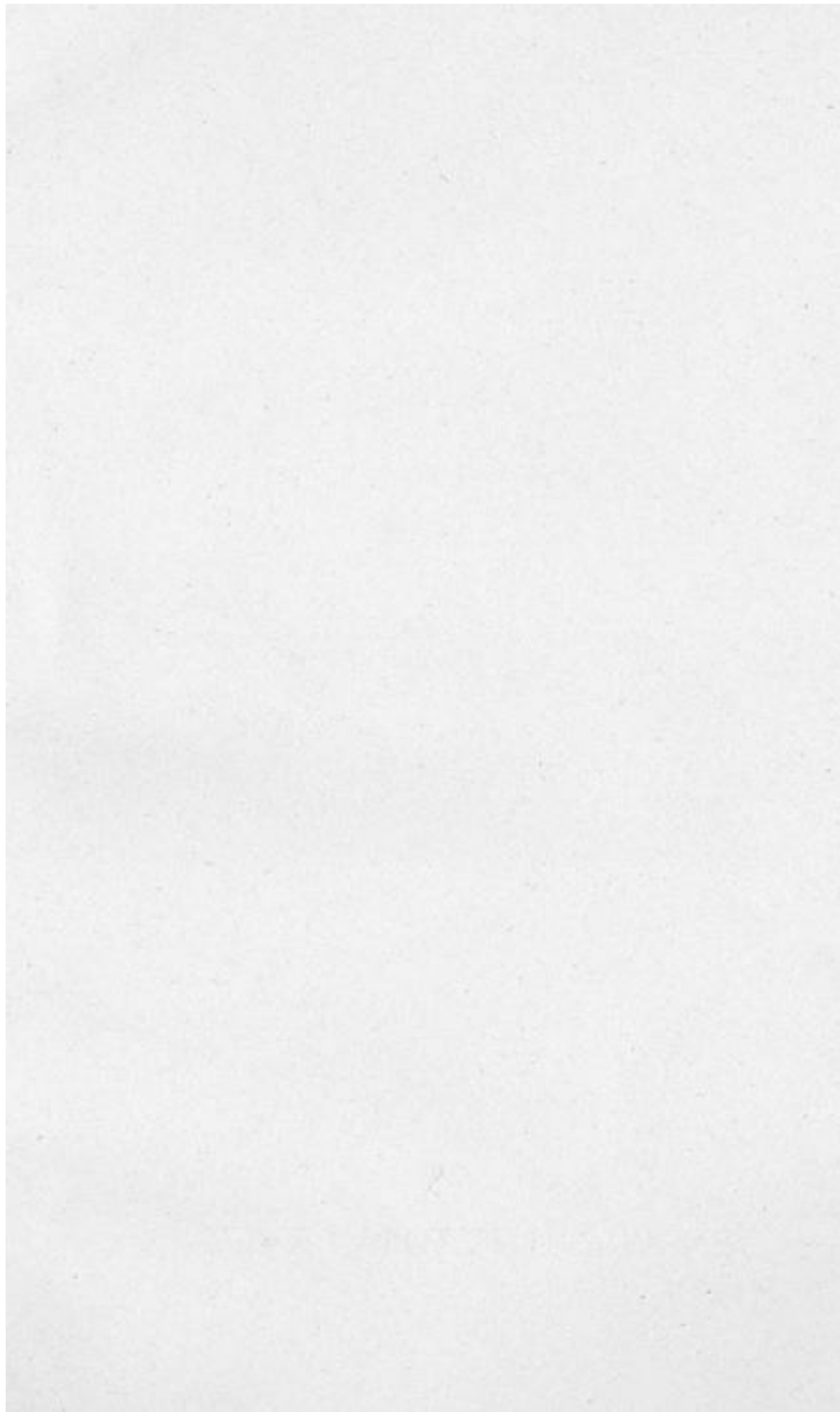
além daquilo que eu estava vivendo, e que quando uma relação não é saudável, ela não merece existir ou permanecer. Ali eu finalmente compreendi que qualquer pessoa deve chegar para somar, nunca para (me) diminuir. Então eu juntei a minha coragem, o restinho de força que estava ali dentro e coloquei um fim naquela relação.

Não foi fácil me curar daquele apego. Aos poucos, fui cuidando da minha mente, do meu coração, de mim.

E agora que já se passaram alguns anos, percebo que esse relacionamento foi fundamental para me ensinar a selecionar melhor as pessoas que devem entrar em minha vida, para me fazer enxergar o verdadeiro significado do amor e para me mostrar que já sou completa.”

Passaram-se vinte minutos e eu entreguei o papel para ela sem reler o que eu havia escrito. Ela me agradeceu e disse que, caso eu fosse aprovada, entraria em contato por telefone ou e-mail.

Saí de lá desejando intensamente que eu conseguisse a vaga, afinal o salário era razoável e seria algo desafiador para mim. Seria difícil porque certamente haveriam escritoras e jornalistas muito mais qualificadas para o cargo do que eu, que nunca fiz mais do que escrever em um blog pessoal (ao qual ninguém tinha acesso além de mim).



Finalmente compreendi que qualquer pessoa deve chegar para somar, nunca para (me) diminuir.





Quando cheguei no prédio, dei de cara com o Diego. Ele havia engordado um pouco e parecia cansado, com olheiras enormes. Ele carregava um buquê de flores e eu me recusei a achar que seriam para mim, afinal eu sempre dizia que achava clichê ganhar flores e que parecia que, assim como elas, o relacionamento também morreria cedo.

Eu não consegui dizer nada e ele me perguntou se podia entrar. Fiz um sinal para que ele me seguisse e fui em direção às escadas, já que a ideia de permanecer sozinha em um elevador com ele parecia constrangedora demais.

Seu Zé, o porteiro, começou a conversar com ele, dizendo que ele estava sumido e comentando sobre o time de futebol deles. O Diego sempre foi muito simpático e acabava encantando a maioria das pessoas logo de cara. Antes isso era um ponto positivo, mas agora era algo que me irritava.

Abri a porta do apartamento e fui direto para a cozinha para beber água. Meu coração estava batendo acelerado e eu me sentia completamente perdida. Aquela visita era inesperada, eu jamais achei que ele me procuraria de novo, ainda mais agora.

Quando enchi o meu copo, ouvi o barulho da porta fechando. Fui até a sala e ele estava brincando com o Puppy, que logo saiu para comer a sua ração. Então ele permaneceu de pé, olhando aquela estante que antes guardava a nossa foto. Agora ela tinha apenas um retrato com uma foto minha e do Puppy no parque.

Ele se aproximou, direcionou as flores para os meus braços e disse: “são para você”. Eu peguei, agradei e disse que depois colocaria em um vaso com água. Certamente ele não se lembrava do que eu dizia sobre flores... Acho que ele nem sequer prestava atenção em nada do que eu dizia.

Permaneci em silêncio e ele também, por pelo menos uns dois minutos. Foi quando ele decidiu dizer, entre lágrimas, que havia se arrependido, que trocou uma relação com uma mulher maravilhosa por outra que não passava de uma aventura.

Embora eu tivesse desejado ouvir isso em quase todos os dias depois do término, eu não me senti feliz ao ouvir as palavras dele como achei que me sentiria. Ver ele triste e, aparentemente derrotado, não fez eu me sentir melhor.

- Imaginei você passando por essa porta mil vezes, pedindo perdão. Idealizei (de forma muito egoísta, eu sei) você implorando para que eu não desistisse de nós, repetindo – de forma convincente – que realmente queria fazer tudo diferente. Imaginei você dizendo que queria estar ao meu lado, que queria tentar, porque viu que não existe nada igual ao que acontece entre a gente, porque sente a minha falta a cada segundo e porque esse silêncio entre nós virou um veneno para você.

E aí eu achava que daria uma última chance para você lutar por mim... Mas o tempo foi passando e eu me acostumei com a sua ausência. Eu entendi que eu precisava mesmo deixar você ir, exatamente como você quis.

Sabe, alguns finais são inevitáveis, alguns laços são rompidos de forma definitiva e algumas sintonias ficam no passado. E quando a admiração já não existe mais, não há nada que faça voltar a ser como era.

Você me decepcionou e não foi por aparecer com uma amiga minha pouco tempo depois do fim. No começo isso me machucou muito sim, não posso negar. Me perguntei mil vezes porque você havia se interessado logo por uma amiga minha, com tanta mulher por aí no mundo. Mas eu sei que a gente não manda no que sente e que, por mais absurdo que pareça, esse tipo de coisa pode acontecer.

O que não podia ter acontecido é vocês dois esconderem isso de mim. Eu te dei milhares de vezes a chance de me falar a verdade. Você ignorou todas elas, usando a desculpa de que estava ocupado, me fazendo acreditar que era apenas uma fase e que logo estaríamos juntos de novo, como você mesmo disse em seu e-mail, já que foi covarde demais para falar olhando em meus olhos. Hoje eu entendo o porquê. Mentir olhando para mim seria muito mais difícil.

- Eu errei e assumo. Tive medo de te encarar, estava confuso e não tinha certeza alguma do que eu queria naquela época.

Antes que ele continuasse, eu disse que não me interessava mais saber o que havia acontecido.

- Agora já não há nada que possa fazer voltar a ser como era porque eu já não sou mais aquela mesma que um dia acreditou em você... E em nós.

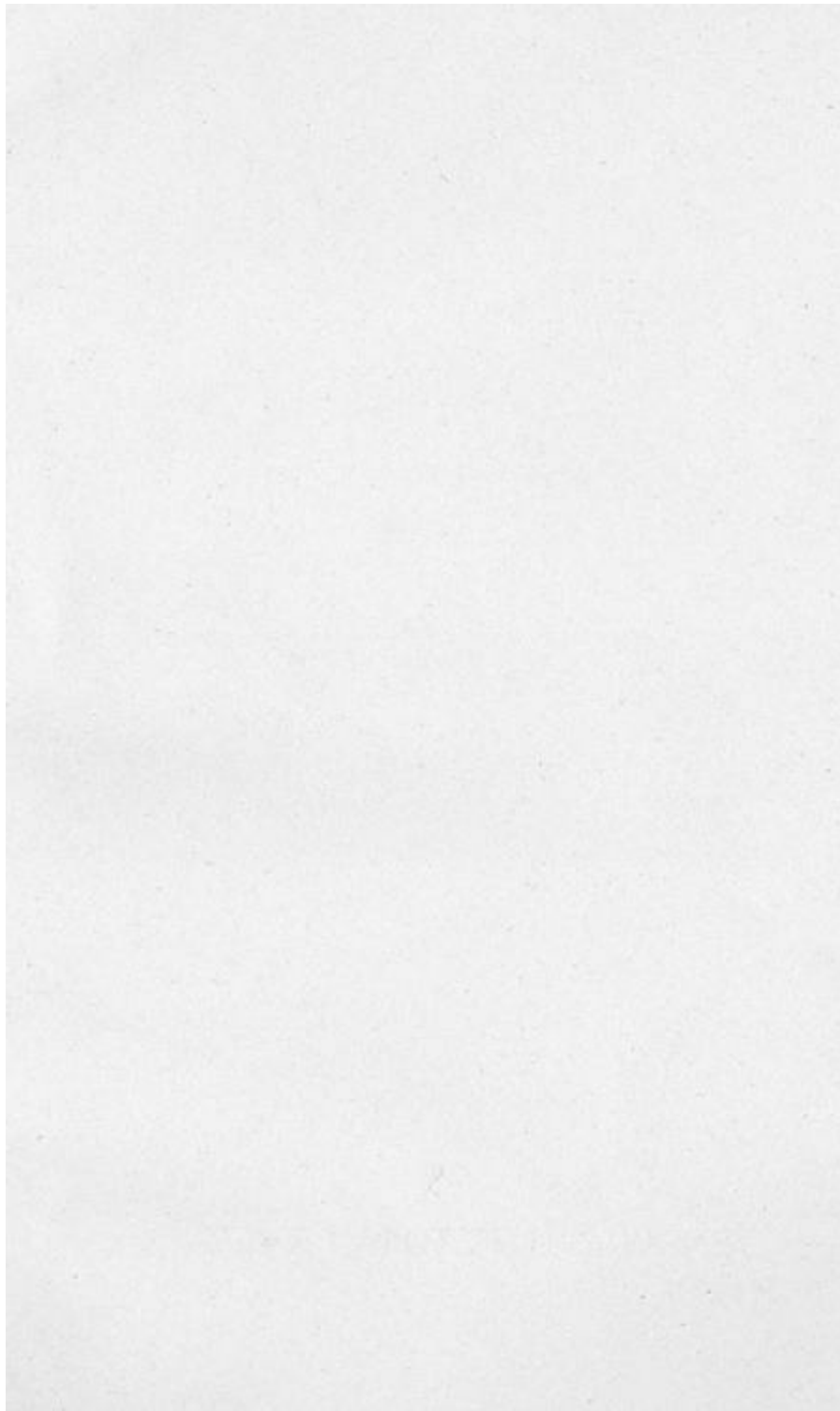
Eu senti vontade de chorar, mas não por ele, nem por mim. Acho que foi porque ali o fim era mesmo definitivo, era mais uma história que terminou de um jeito triste, mais uma decepção que acabou com qualquer possibilidade de restar um carinho.

Ele chorou muito e praticamente implorou para voltarmos, mas eu estava mesmo decidida e não sentia vontade alguma de reatar. Eu já não confiava mais nele e não sentia vontade de estar ao seu lado.

Quando ele percebeu que eu não mudaria de ideia, abriu a porta, virou para mim e disse:

- Se algum dia conseguir me perdoar, por favor, me procure.

Quando ele saiu, finalmente eu deixei as lágrimas escaparem.



Agora já não há nada que possa fazer voltar a ser como era porque eu já não sou mais aquela mesma que um dia acreditou em você...

E em nós.





Quase uma semana (monótona) depois, eu estava novamente no consultório do Luís. Como cheguei um pouco mais cedo, peguei uma revista na recepção para ler. Por ironia do destino era a revista da editora para a qual eu fui fazer a entrevista. Eu não obtive nenhum retorno e, por mais que soubesse que a chance de dar certo era pequena, lamentei.

Quando o Luís chegou, fomos para a sua sala. Me sentei na poltrona e contei que o Diego havia me procurado, relatando todos os detalhes. Quando terminei, comecei a refletir sobre:

- Decepção é uma coisa engraçada. Você sente tristeza por enxergar quem a pessoa realmente é, mas, ao mesmo tempo, sente-se em paz por saber que você é totalmente diferente dela. E sabe, acho que depois de me deparar com algumas decepções e ter quebrado a cara algumas vezes, eu finalmente aprendi a não criar expectativas sobre os outros. Acho que se hoje eu percebesse que o sentimento não é recíproco na relação, que a pessoa tem um gênio difícil com o qual eu não consigo lidar ou se notasse qualquer sinal de que algo está errado, eu até sofreria, mas acabaria entendendo que isso faz parte da vida. Acho até mesmo que eu conseguiria enxergar e aceitar que foi melhor assim com mais facilidade... Diferente das vezes em que eu decidi não sair do quarto por uns dias, me matar de chorar no meu travesseiro todas as noites e me perguntar a cada minuto o motivo de não ter dado certo. Acho que eu simplesmente seguiria em frente. Talvez com o coração um pouquinho machucado, mais realista e até um pouco mais desiludida, mas, ainda assim, decidiria seguir adiante com a minha vida. Porque já não seria a primeira vez que eu me envolveria e teria o meu coração partido, e talvez nem fosse a última. Eu sei que já passei por isso e consegui superar, cada vez mais forte. É como diz uma frase que gosto muito: “ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontra as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou”¹.

Nenhuma história consegue ser idêntica a outra e eu também já não sou a mesma de antes, então sei que não vou encarar as coisas como encarei das outras vezes.

- Por que você não conseguiu perdoar o Diego?

- A falta de perdão com o Diego não acontece por ego ferido, por necessidade de vingança ou qualquer coisa do tipo. Eu só não consigo entender ainda a falta de consideração dele no término. Passamos anos juntos e fomos grandes companheiros. Se eu me interessasse por outra pessoa quando estava com ele, eu jamais conseguiria deixar de ser honesta sobre isso porque sei que iria magoá-lo, fora que não existia a menor probabilidade de eu me interessar por um amigo dele.

Quando eu disse tudo isso, o Luís narrou tudo o que eu contei sobre a conversa com o Diego. Me dei conta de que ele havia dito e feito tudo que alguém poderia fazer para ser perdoado, pelo menos no nosso caso. Acho que na hora eu não quis enxergar isso porque foi a minha única oportunidade de falar como eu me senti para ele. E quando você relembra algo ruim, parece que isso te domina e te faz ficar no mesmo clima de quando aconteceu. Mas não era o que eu sentia agora na sala. Pelo contrário, eu senti uma vontade grande de dizer ao Diego que eu não queria mesmo ele de volta, mas que eu o perdoava.

Saí da consulta com isso na cabeça e, mais uma vez, com um papel que trazia uma mensagem escrita pelo Luís. Desta vez eu decidi ler assim que entrei no carro.

“Então, é possível, que tenhamos raiva ou que tenhamos ódio, é possível, sem termos direito para isso.

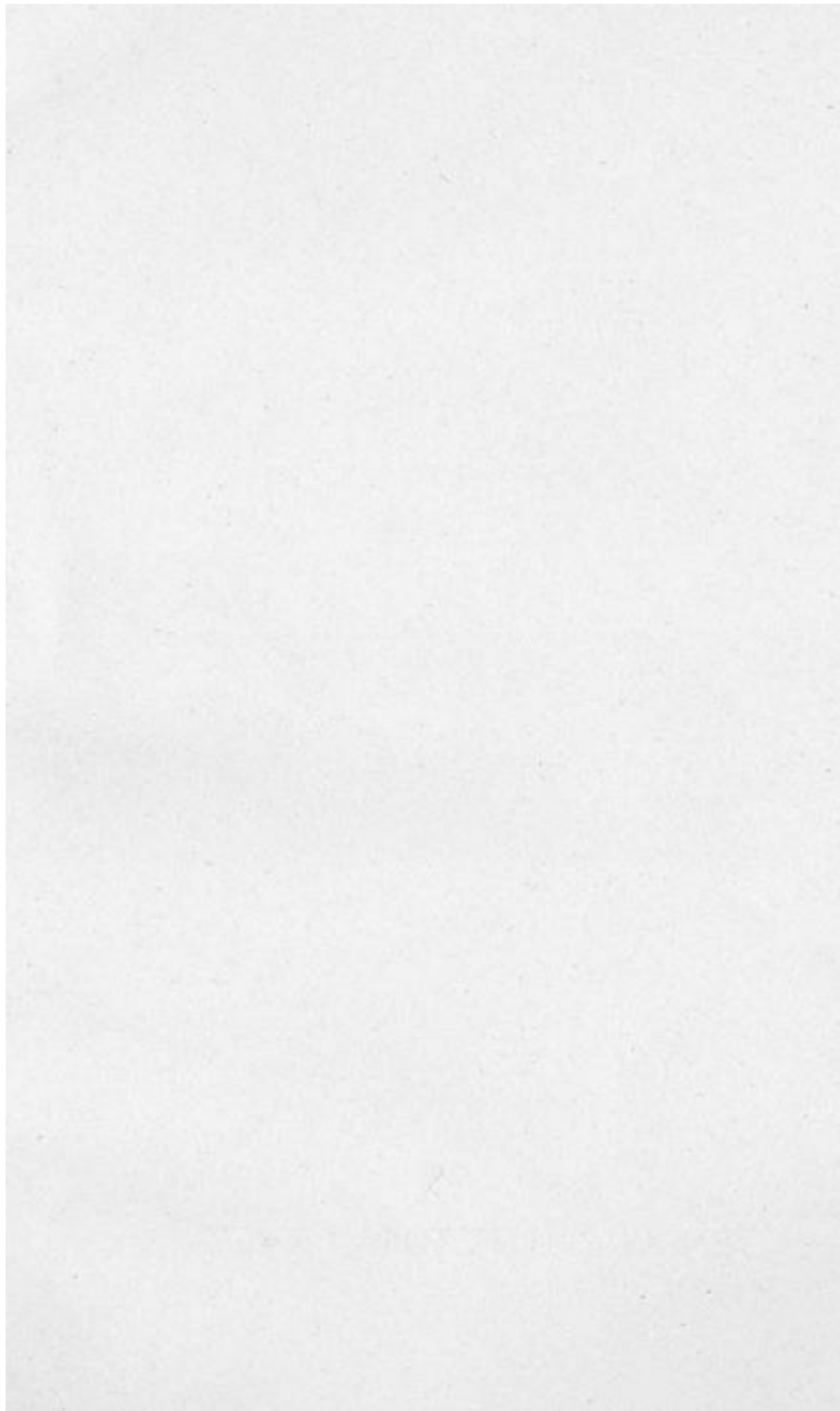
Porque o ódio que sentirmos ou a cólera que alimentemos recai sempre sobre nós, no sentido da doença, de abatimento, de aflição e só pode nos causar mal, já que deixamos, há muito tempo, a faixa da animalidade para entrarmos na faixa da razão.

Somos criaturas humanas e por isso devíamos sentir a verdadeira fraternidade de uns para com os outros, sem possibilidade de nos odiarmos, porque os irmãos verdadeiros nunca se enraivecem, uns contra os outros.” - Chico Xavier.

Dei partida no carro e a mensagem não saía da minha cabeça. Fiquei pensando no quanto eu mesma me sentia mal por toda a raiva que eu carregava do Diego. Eu não conseguia

entender como alguém que passou tanto tempo ao meu lado foi capaz de ser tão desonesto comigo. Sei que as pessoas erram, mas o erro dele, em particular, eu tinha mesmo uma grande dificuldade em perdoar... Mas acho que, pela primeira vez, percebi que isso fazia mal somente a mim.

De repente, vi um carro se aproximando do meu no cruzamento e tudo ficou escuro.



Decepção é assim, você sente tristeza por enxergar quem a pessoa realmente é, mas, ao mesmo tempo, sente-se em paz por saber que você é totalmente diferente dela.





Acordei e percebi que estava em um hospital. Meu braço esquerdo estava com alguns fios e eu vi que estava recebendo algum tipo de medicamento pelas veias. Me senti assustada.

Apertei o botão que estava ao lado da cama para chamar uma enfermeira. Uma senhora, que aparentava ter uns sessenta e poucos anos, apareceu. Ela sorriu para mim e disse: “Que bom que acordou! Como está se sentindo?”.

Eu estava me sentindo confusa para caramba, mas só consegui perguntar para ela o que estava acontecendo.

Ela sentou na poltrona ao lado depois de trazê-la para perto de mim. Disse que eu havia sofrido um acidente e que, possivelmente, eu havia apagado pelo choque que sofri com a batida. Então ela começou a fazer perguntas sobre o meu nome, idade, profissão, etc. Acho que era para avaliar se eu havia perdido a memória ou coisa do tipo. Dizem que isso pode acontecer em casos de trauma.

Respondi perfeitamente tudo o que ela me perguntou. Na mesma hora, pedi para que ela chamasse a minha mãe, que logo entrou no quarto.

Depois de um longo abraço, ela perguntou como eu estava me sentindo. Eu sentia uma forte dor de cabeça e um ligeiro cansaço. Perguntei se o meu quadro era grave e ela disse que não, que havia sido apenas um susto e que, por um milagre, eu não havia quebrado nada.

Então um médico moreno e alto entrou no quarto. Disse que logo eu já apresentaria sinais de melhora com a dor de cabeça, que iria me prescrever alguns remédios para dores musculares também e que eu deveria permanecer lá até o dia seguinte só para termos certeza de que tudo estava bem. Assenti com a cabeça e ele saiu.

Tive alta logo pela manhã e minha mãe me levou para casa. Ela havia acionado o seguro e eu ficaria alguns dias sem o carro por causa do conserto.

Assinei alguns papéis que ela me deu e disse que ela não precisava se preocupar, que eu ficaria bem sozinha e precisava descansar. Depois de insistir para ficar comigo, ela finalmente entendeu que eu precisava mesmo ficar só e foi embora.

Entrei no apartamento e fui recebida com muitas lambidas do Puppy. Depois de encher a sua tigela de ração, lembrei que precisava checar o meu celular. Ele estava desligado, provavelmente porque minha mãe o desligou lá no hospital para ninguém me incomodar. Assim que ele ligou, recebi um monte de notificações. Eram mensagens preocupadas da Selina, Luíza, Paulo e Diego. A dele dizia:

“Quando senti você entre o ficar e o ir, entre o permanecer e o partir, me dei conta do quanto a vida é frágil, do quanto a sua ausência iria me doer, do quanto eu sabia que seria insuportável te perder, mesmo sabendo que eu já perdi. Me dei conta de que é preciso viver cada segundo com toda a intensidade possível. Me dei conta de que posso não ter tempo para declarar a importância de algo ou de alguém. Me dei conta de que posso não ter a oportunidade de agradecer, demonstrar, fazer ou falar, porque a todo instante tudo pode mudar, tudo pode acabar.

Dessa vez eu tive a sorte de te “ver” voltar... Mas sei que nem sempre é possível contar com essa sorte. E então eu decidi pensar menos e viver mais... Se amanhã eu não estiver aqui ou se eu for obrigado a te ver partir, ao menos estarei em paz por ter deixado você saber o que significa para mim. Acho que estamos em um mundo que precisa de mais perdão e menos orgulho, mais resoluções e menos complicações, mais olho no olho e abraços apertados.

Precisamos de um mundo com menos medo de mostrar lá fora o que

se passa aqui dentro, para que sobre amor e não arrependimento. E de arrependimento já basta o meu por ter perdido você.

Espero que esteja bem e que saiba que eu continuo te amando.”

Respondi a todos que eu estava bem, que já estava em casa e que precisava descansar.

Deitei em minha cama e achei que dormiria instantaneamente, mas não. Acho que eu já havia dormido demais no hospital e estava apenas me sentindo cansada.

Então fiquei pensando no pânico que me invadiu na hora da batida e no medo que eu senti ao acordar no hospital. Acho que me senti perto da morte em ambas as situações, porque não sabia ao certo o que estava acontecendo. É uma coisa que nem sequer faz sentido, principalmente porque eu sentia pouca dor no hospital para acreditar que foi grave, mas, mesmo assim, passou pela minha cabeça que pudesse ser.

Isso me deixou com uma vontade ainda maior de viver mais a minha vida, de correr atrás das coisas que eu queria, de me deixar levar pelo impulso de achar que amanhã eu poderia já não existir mais, de querer resolver tudo o que parecia mal resolvido. Decidi começar com o Diego.

Abri a minha caixa de e-mail no notebook e comecei a digitar.

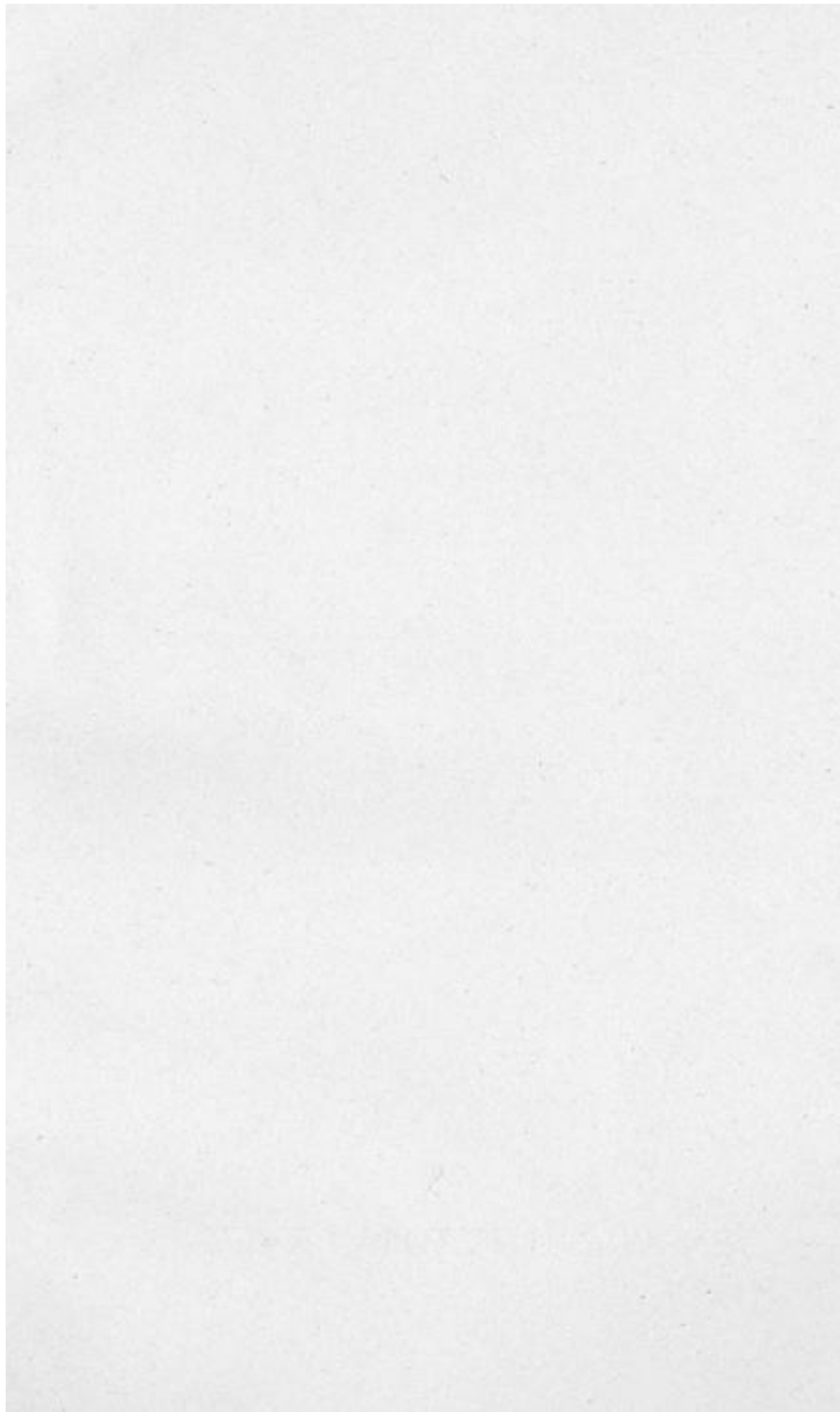
“O ódio é um veneno que toma conta da gente e é difícil demais controlá-lo, principalmente porque, para um coração machucado e uma mente decepcionada, é quase impossível encontrar uma cura imediata. É claro que o senhor da razão, o tempo, é um grande aliado para esta enfermidade, mas às vezes ele não é o bastante. Às vezes é preciso mais do que o tempo para que a gente finalmente consiga se libertar da mágoa, do rancor. Quando a gente não consegue, a vida insiste em dar o seu jeitinho de fazer isso acontecer, possivelmente nos fazendo encarar justamente aquilo que tanto nos assombra.

E o jeito que ela encontrou para o nosso caso foi fazer você vir até

aqui para me pedir perdão. Na hora eu não consegui pensar nisso e eu sei que não seria sincero se eu dissesse que te perdoava, ao menos naquele momento.

Mas agora, colocando a cabeça e o coração no lugar, depois de sentir um medo enorme de partir e deixar qualquer coisa mal resolvida por aqui, tudo o que eu quero é me livrar de emoções negativas. É por isso que eu digo, com toda certeza, que você tem o meu perdão. Só espero que não confunda as coisas, porque a nossa história acabou mesmo. Só quero que você siga o seu caminho em paz, como eu pretendo seguir o meu. Se cuida.”

Cliquei em “*enviar*” e abaixei a tela do notebook, sentindo uma calma que há muito tempo eu não sentia. Aquela calma que vem de conflitos sendo resolvidos, mágoas sendo perdoadas e pessoas seguindo em frente por entenderem que a vida é breve demais para guardarem desamor (pelo bem das histórias com final feliz ou ao menos em paz).



Precisamos de um mundo com menos medo de mostrar lá fora o que se passa aqui dentro, para que sobre amor e não arrependimento.





Cinco dias se passaram depois que eu recebi alta e eu ainda sentia um pouco de dor de cabeça. Mesmo assim, combinei com a Luíza de pedir uma pizza em meu apartamento. Eu não podia beber ainda e seria difícil demais resistir a uma cervejinha gelada em um bar.

Quando ela chegou, já trouxe consigo a pizza, o que fez o Puppy correr até ela. O combinado era a gente pedir quando ela chegasse, mas ela adora tomar a frente de tudo e ser gentil. Sentamos à mesa e ela perguntou como eu estava me sentindo e como tudo aconteceu.

- Sinto dor de cabeça ainda, mas acho que é normal. Se não passar, volto ao médico. Bom, posso te dizer que eu fiquei bastante assustada com tudo e tive medo de morrer. Logo eu, que achei que nunca sentiria esse medo... Mas senti. E foi bom. Acho que eu precisava disso agora. Eu ando insatisfeita com muita coisa e eu fui me acomodando, deixando tudo permanecer como estava e deixando de viver a minha vida do jeito que eu gostaria. Mas, depois de passar por essa experiência, depois de não saber se o amanhã chegaria, depois de tanto sufocar incômodos, percebi que não devo mais esperar por uma mudança externa. Amanhã eu vou acordar e o mundo estará exatamente como sempre foi, as pessoas ao meu redor serão as mesmas com os seus mesmos modos de agir, o cenário será igual ao de hoje e as coisas estarão no lugar em que sempre estiveram. O que precisa e deve mudar para que tudo possa se transformar é somente o meu olhar, o meu jeito de enxergar as situações e, principalmente, de levar e de sentir a vida.

Acho que passou da hora de dar importância àqueles sonhos que ficaram escondidos, de falar as palavras que deixei guardadas, de perceber a beleza daquilo que não pude enxergar, de colocar em prática o que deixei passar.

Preciso seguir um caminho que me faça feliz, que me traga alegria dentro do coração e paz para a minha mente.

Me sinto pronta para despertar, ampliar meus horizontes. Quero descobrir novas paisagens, novas pessoas, novas ideias. Quero abandonar os hábitos que já não me fazem bem, deixar para trás tudo aquilo que deixou de fazer sentido. Sei que parece clichê para alguém que acabou de sofrer um acidente, mas é exatamente assim que eu me sinto.

- Puxa, você está bem melhor do que eu esperava! Acho incrível tudo o que disse e você faz muito bem em buscar o melhor para você, é isso o que você merece!

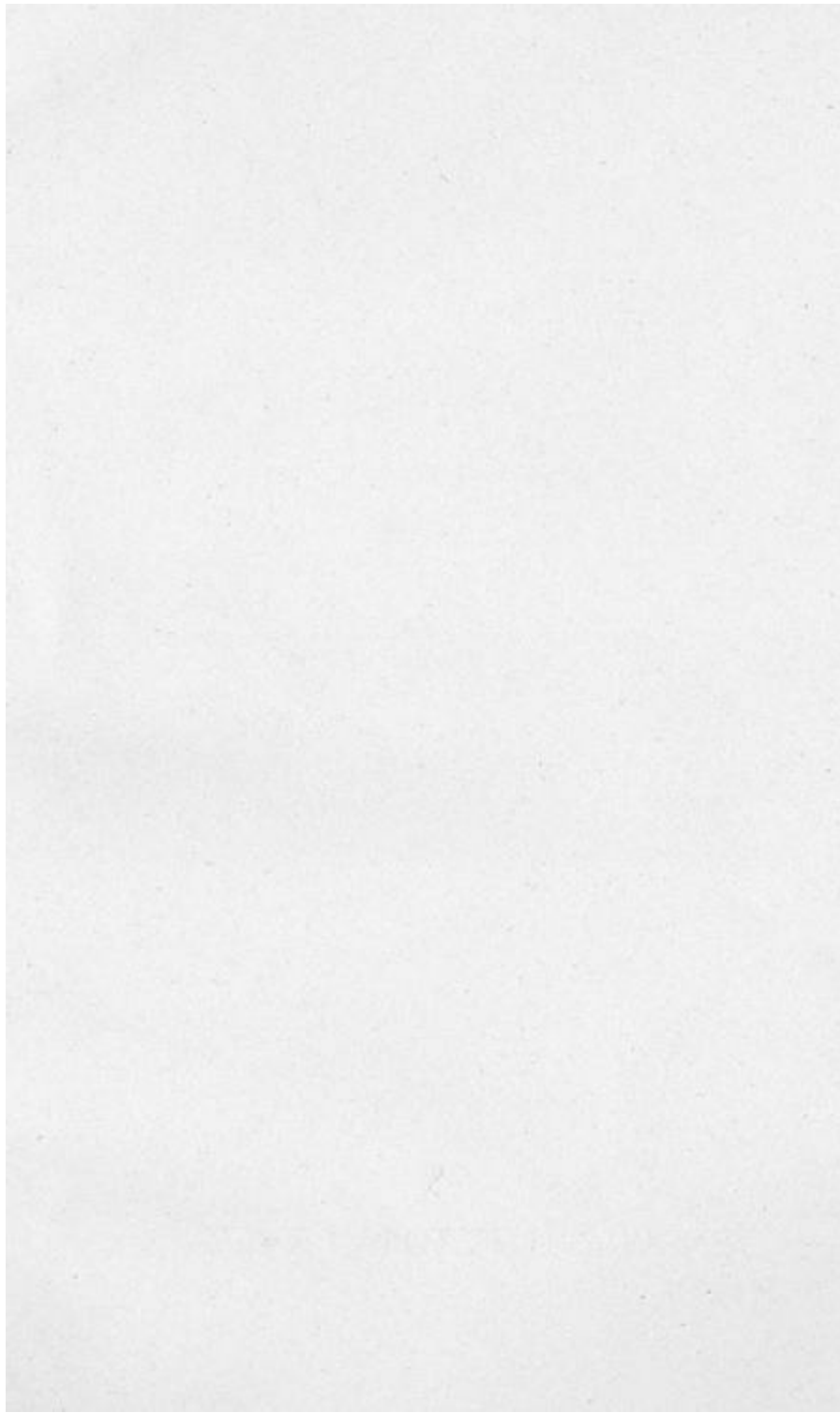
Continuamos conversando e ela me contou que havia reatado com o Gustavo, aquele que fez ela ter uma crise de choro no Carnaval.

Embora eu acreditasse que mais uma vez ela iria sair decepcionada, decidi não falar nada. Respeitei por ser a vontade dela e me peguei refletindo sobre eu e o Diego. Afinal, eu estava ali, ouvindo sobre um casal que, depois de um rompimento turbulento, decidiu reatar e se deixar levar pelas promessas que foram feitas durante todos aqueles anos, pelos bons momentos que já haviam vivido, pelo que ainda poderiam viver e, principalmente, pelo amor que sentiam. Me deparei com uma dor incômoda aqui dentro, a qual logo eu consegui entender. Me peguei pensando no porquê de não ter sido assim com a gente... Por que o tempo não foi suficiente para percebermos que valia a pena tentar de novo, que nada da nossa história foi em vão e que merecíamos mais uma chance? A resposta é tão óbvia que eu quase que me recusei a repetir a pergunta em minha mente: não era amor. Se um dia chegou a ser, também deixou de ser. Talvez nunca tenha sido, mas já não importa... O eco do fim fez barulho por muitos dias em minha memória, minha mágoa, minha falta. Aliás, nem sei do que eu sentia falta... Não era dele, da sua risada, das nossas brincadeiras, dos nossos momentos a sós. Tudo isso se perdeu junto com a gente. Talvez eu sentisse falta daquela fé que eu tinha de que daríamos certo, de que seríamos para sempre. Talvez eu sentisse falta de uma história que me fazia acreditar em tantas coisas que antes eu me recusava.

E então, de repente, vi tudo desabar perante os meus olhos... Posso dizer que perdi o rumo, perdi a força. Fiz o que achava que nunca faria, me permiti experimentar coisas que eu nunca sequer havia me interessado e me fiz nova para esquecer da dor que pulsava aqui dentro. Só eu sei o quanto foi difícil sobreviver, principalmente quando tropecei em verdades que me machucaram mais que o próprio fim. Mas o tempo havia passado e muita coisa mudou, menos

a ausência de nós dois.

Só que agora, o que importa mesmo é que, depois do nosso fim, iniciou-se o meu começo e a eternidade de um amor pela minha vida, pelas minhas conquistas e por mim. E isso era maior do que qualquer sinal de tristeza por mais um relacionamento acabar.



Depois do nosso fim, iniciou-se o meu começo e a eternidade de um amor pela minha vida, pelas minhas conquistas e por mim.





Acordei novamente com dor de cabeça, dessa vez um pouco mais intensa. Decidi ir ao hospital e procurar pelo Dr. Júlio, o médico que acompanhou o meu caso. Liguei antes para saber se ele estaria por lá e a atendente disse que sim, mas que provavelmente eu teria que aguardar a saída de algum paciente da sala para conseguir um encaixe.

Quando cheguei, vi que a sala de espera para consultas estava um pouco lotada, então imaginei que demoraria para eu ser atendida.

Depois de quase uma hora checando o celular para o tempo passar, uma enfermeira chamou pelo meu nome e me levou até a sala do doutor.

Nos cumprimentamos e eu me dei conta de que ele era realmente bonito. É claro que paquerar o meu médico estava fora de cogitação, primeiro porque seria antiético para ele e segundo que eu não estava nem um pouco a fim de me envolver com alguém. Mas não pude deixar de notar que ele não tinha aliança alguma, que era cheiroso pra caramba e... Enfim, deixa pra lá.

Ele me perguntou o motivo da minha volta e eu falei que a minha dor de cabeça não passava. Ele solicitou um raio-x, o qual eu consegui fazer no próprio hospital. Assim que ficou pronto, levei direto para ele ao ver um paciente saindo da sua sala.

Ele disse que estava tudo bem e perguntou se havia a possibilidade de eu estar estressada ou preocupada. É óbvio que eu andava estressada, porque estava difícil demais conseguir um emprego. Achei melhor dizer que não havia nenhum problema e pedi para ele trocar ou aumentar o medicamento, o que ele fez sem questionar.

Enquanto ele escrevia a receita, me perguntou qual era a minha profissão e o que eu fazia, talvez para checar se eu realmente não era alguém com tendência ao estresse. Então ele me deu

a receita e nos despedimos.

Ao sair da sala, olhei para o papel e vi que ele havia não só prescrito um novo medicamento: ele havia deixado o número do seu celular para qualquer emergência e indicado também uma “dose de paciência”, com o desenho de um sorrisinho ao lado.

Achei ele um pouco atrevido, mas confesso que eu dei risada ao ler.

Quando eu estava voltando para casa, o meu celular tocou e era um rapaz marcando uma entrevista para uma vaga de assessoria de imprensa.

Eu mal poderia imaginar que depois desta, eu ainda faria mais quatro entrevistas para diferentes funções, já que havia enviado o meu currículo para diversas oportunidades.

Para a minha surpresa, logo no começo de dezembro eu recebi uma ligação inesperada. Era a Joana da editora. Ela perguntou se eu estava disponível para um rápido bate-papo e eu aceitei na mesma hora.

Cheguei na editora e a Joana já estava me esperando. Entramos em sua sala e ela falou:

- Demorei para dar um retorno porque tivemos alguns imprevistos por aqui. Eu gostaria de saber se você ainda se interessa pela vaga de colunista. Sei que não tem exatamente a experiência necessária, mas acredito que você consiga pegar o jeito em alguns dias. Eu mesma estarei disposta a ajudá-la, se precisar.

Eu não conseguia acreditar, porque já havia desistido completamente da ideia de conseguir o cargo. É claro que eu me senti feliz para caramba, porque não havia melhor hora para começar uma nova vida, mas eu precisava me controlar para não parecer uma desesperada e louca.

Respondi que o interesse permanecia o mesmo e que eu iria me dedicar ao máximo para corresponder às expectativas dela. Ela sorriu, me deu um aperto de mão, nos levantamos e ela me deu um abraço e me parabenizou.

Assim que saímos da sala, me dirigi ao departamento de Recursos Humanos para saber o que eu precisava fazer exatamente. Eles me deram alguns documentos com o contrato de trabalho, a solicitação de um exame médico e um papel com tudo o que eu precisava levar até

a semana seguinte para eles.



- E então quer dizer que você conseguiu o seu tão sonhado novo emprego?

Era mais uma sessão com o Luís e eu não consegui esperar até ela para contar sobre a minha mais nova conquista. Ele soube antes por mensagem no Whatsapp, me parabenizou e eu fiquei de falar melhor sobre no nosso encontro.

- Sim, eu consegui. Eu estou feliz pra caramba, mas confesso que também estou com um baita medo... Dizem que a maior luta é aquela que acontece dentro de nós, contra nós mesmos. Eu concordo. Ir a tantas entrevistas e agora aceitar este novo cargo foram algumas das lutas que travei comigo mesma, por puro medo de encarar algo novo, por puro comodismo. Muitas vezes eu pensei em desistir, em simplesmente deixar pra lá, principalmente nos dias em que eu acreditava que nem tinha mais chance de eu conseguir um novo emprego.

- Não é fácil chegar até onde você deseja quando você mesma se paralisa, não é fácil tornar-se quem você quer ser quando quem você sempre foi está ali, fazendo-se presente com toda a força.

- Não é fácil, mas eu sei que seria ainda mais difícil se eu ignorasse qualquer tentativa pelo medo de errar. Acho que o fracasso não é não conseguir, mas não se permitir tentar... E quando eu vi que essa luta toda estava acontecendo dentro de mim, senti que era porque uma nova visão merecia ser despertada, ou talvez porque uma nova força estava prestes a explodir dentro de mim.

E sabe, está valendo a pena, porque eu finalmente conquistei algo que fez o meu coração vibrar.

Ele sorriu para mim, como se aprovasse o que eu fiz e concordasse com tudo o que eu havia dito.

Depois de um pouco mais de conversa, a sessão terminou e eu fui encontrar a Selina, o Paulo e a Luíza em um restaurante italiano para comemorarmos o meu novo emprego. É claro que se não fosse pelo meu exame médico no dia seguinte, faríamos isso em um bar.

Quando cheguei, os três vieram me abraçar e eu me senti emocionada. Parecia que finalmente tudo estava dando certo e eu tinha muitos motivos para comemorar: eu havia sobrevivido a um acidente naquele ano, havia conquistado um novo emprego onde eu faria o que realmente gosto e estava com o meu coração finalmente em paz.

Sentamos em uma mesa e já fizemos o pedido porque todos estávamos com fome. A Selina ficou falando sobre os planos para a sua viagem, a Luíza ficou trocando mensagens com o namorado enquanto fingia prestar atenção no que dizíamos e o Paulo disse que queria me apresentar um amigo dele que havia ficado solteiro. Dei risada e disse que não estava interessada em conhecer alguém agora.

- Mas o que está acontecendo com você? Bateu a cabeça com força mesmo nesse acidente e não quer mais saber de ninguém?

- É assim que a gente fica, não depois de sofrer um acidente, mas depois de sofrer uma porrada de decepções, meu amor. Aí a gente vai se adaptando à realidade. Talvez, para quem está do lado de fora, tornei-me mais fria, mais distante, mais desapegada. Para mim, que sinto tudo aqui dentro, tornei-me apenas mais protetora comigo mesma e mais cautelosa com as pessoas.

A Selina disse que eu estava certa, que eu precisava mesmo ficar sozinha e logo foi falando:

- Eu mesma já não sou mais capaz de insistir em relações em que a confiança foi quebrada, não sou mais capaz de me reaproximar de quem já foi desleal e já não sou mais capaz de manter na minha vida quem já me provou que não merece fazer parte dela. Minha energia eu gasto agora somente com o que vale a pena e, neste momento, estou fechada para balanço. Se para alguns isso me torna uma pessoa menos tolerante e menos amorosa, eu digo que depois de tanto me doar, perdoar e transbordar amor por gente que me apunhalou, eu aprendi a não aceitar menos do que sei que mereço. E agora eu mereço é ter apenas o meu tempo, sem espaço para ninguém.

- Tá bom, mulherada. Já entendi que o desapego em massa atingiu vocês, menos a outra aí que não sai do celular.

Todos rimos do humor típico do Paulo e a Luíza foi logo explicando que ela e o namorado haviam brigado, por isso ela estava respondendo tudo o que ele mandava para evitar maiores problemas. Ou seja, mal tinham reatado e já estavam em uma crise, o que reforçava a minha ideia de que não daria certo. Ela merecia um cara mil vezes melhor que ele, mas enfim.

Depois de horas comendo e conversando, nos despedimos e cada um seguiu para a sua casa.

Quando desci do carro ao chegar no meu prédio, vi o Diego conversando com o seu Zé na portaria. Desconfio que eles haviam se falado e que o Diego sabia que eu estava fora, o que o fez esperar pela minha chegada. Ele sabia que se tentasse marcar um encontro comigo, eu certamente não apareceria.

- Oi!

- Oi! Jantei por aqui e resolvi dar uma passada para bater um papo com o Seu Zé. É claro que eu também queria aproveitar para te ver, mas ele me avisou que você não estava em casa.

Balancei a cabeça afirmativamente e não disse nada. Ele me perguntou se poderia subir um pouco para falar comigo, mas eu disse que estava exausta e que seria melhor fazer isso em outra hora. Então ele me pediu para acompanhá-lo até o seu carro, que estava no estacionamento do prédio, graças à gentileza do Seu Zé.

Respirei fundo e pensei: seja educada, ele já está indo embora.

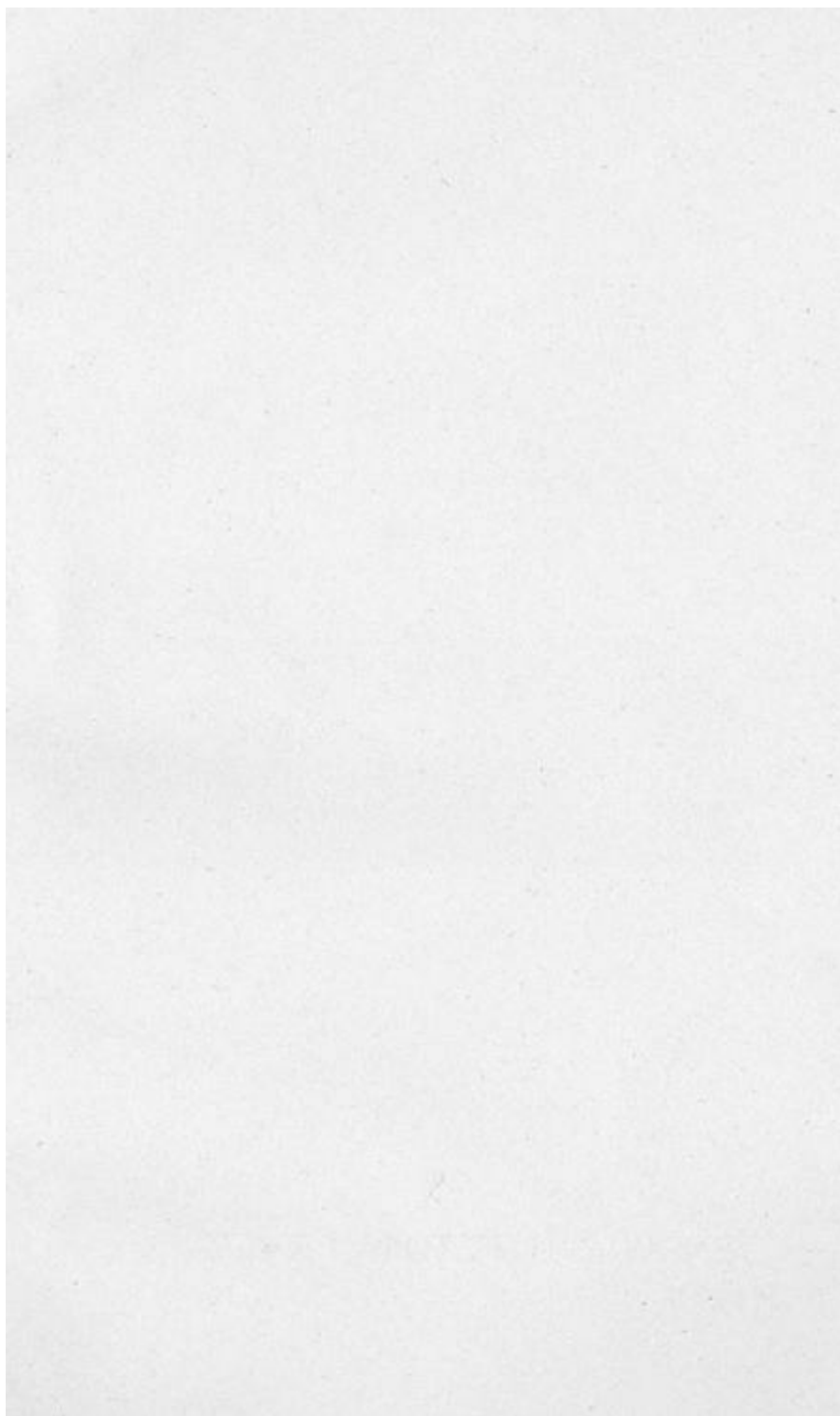
Fomos até o seu carro e quando eu fui me despedir com um beijo no rosto, ele se virou para que as nossas bocas se encontrassem. Não relutei e acho que foi por pura curiosidade de saber como eu iria me sentir ao beijá-lo.

Foi muito estranho. O beijo não parecia tão bom quanto eu achava que era quando a gente namorava. E enquanto ele acontecia, eu só conseguia pensar nisso... No quanto tudo parecia tão diferente agora. Então eu me afastei e disse:

- Espero que tenha percebido a mesma coisa que eu com este beijo: que não existe mais nada entre nós. Boa noite!

Saí rapidamente antes que ele pudesse dizer qualquer coisa.

Ao entrar em meu apartamento, deixei a bolsa no sofá e fui para o chuveiro. Quando saí, vesti o meu pijama, peguei o Puppy, fui para a cama e adormeci rapidamente. Lembro-me que antes de dormir eu pensei: *“se eu tinha alguma dúvida sobre o que eu sinto pelo Diego, agora já não tenho mais. Acabou mesmo”*.



Talvez, para quem está do lado de fora, tornei-me mais fria, mais distante, mais desapegada.

Para mim, que sinto tudo aqui dentro, tornei-me apenas mais protetora comigo mesma e

mais cautelosa com as pessoas.





Como eu havia ligado para o Dr. Júlio para saber se ele poderia me dar o exame médico que a editora solicitou, fui direto ao consultório dele no horário em que marcamos.

Ele me atendeu pontualmente, me examinou e perguntou sobre a dor de cabeça. Eu disse que estava tudo bem.

“Acho que a dose de paciência foi uma boa recomendação então”, disse ele com aquele sorrisinho de canto.

Eu dei risada e disse que não só a dose de paciência, mas também o novo emprego. Ele me parabenizou, perguntou sobre o novo cargo e então fez um convite um tanto quanto ousado e inesperado:

- O que acha de sairmos amanhã para comemorar a sua nova fase?

Eu definitivamente não esperava receber esse tipo de convite dele, mas no fundo eu gostei. Não precisei sequer pensar para dizer que era uma boa ideia, e então ele sugeriu um barzinho que eu gosto muito que fica a umas três quadras do meu apartamento. Combinamos de nos encontrar lá, eu peguei o papel do exame e saí, depois de cumprimenta-lo com um beijo no rosto. E o perfume dele... Ah, continuava incrível!



Passei o dia na correria resolvendo as questões que faltavam da editora, afinal já era sexta-feira e na segunda eu começaria a trabalhar.

No final da tarde o meu celular tocou e o número era restrito. Atendi e logo reconheci pela voz que era a Rebeca. Ela pediu para nos encontrarmos porque queria muito conversar pessoalmente comigo. Marcamos em uma lanchonete.

Na hora eu nem sequer consegui pensar no fato de que eu não queria ver a cara dela. Simplesmente aceitei e talvez tenha até sido melhor, para colocar um ponto final de vez em toda essa história entre eu, ela e Diego, ainda mais depois daquele beijo.

Quando cheguei, ela já estava me esperando. Sua cara era de choro e, mesmo assim, não me senti comovida. Nos cumprimentamos de forma fria, possivelmente porque eu deixei estampado em meu rosto que eu não estava à vontade com ela ali.

Ela começou a chorar e disse que sentia muito por ter magoado uma de suas melhores amigas. Disse que não conseguiu controlar o que sentia pelo Diego e que não me falou nada porque se sentia culpada, e que nunca achou que eles chegariam a ficar juntos, mas que simplesmente aconteceu.

Então eu disse exatamente o que falei para o Diego: que esse tipo de coisa pode mesmo acontecer, mas o que me magoou não foi isso, e sim a falta de honestidade de ambos comigo. O choro dela parecia sincero e eu não duvidei em momento algum que ela sentisse mesmo a minha falta, porque éramos próximas. Mas quando alguém quebra a nossa confiança, a gente não consegue olhar para essa pessoa e sentir a admiração que sentíamos antes. A gente se decepciona uma vez, pensa no clichê do “errar é humano”, perdoa, às vezes até deixa pra lá, tenta esquecer. Aí o tempo vai passando e outras decepções acontecem (porque eu confesso que depois de saber sobre ela e o Diego, percebi outras inúmeras mancadas que ela já tinha dado e que eu tentei ignorar), outros deslizos aparecem e aquela voz diz, mais uma vez, que “não seria assim se realmente se importasse com você”. E essa voz me fez abrir os olhos, fechar um pouco mais o coração, seguir a minha intuição e deixar de confiar em quem não demonstra ser confiável, como é o caso da Rebeca.

Não faria sentido eu mantê-la por perto agora, porque seria algo artificial, não seria de coração. Sei que a vida é muito curta para carregar mágoas e ressentimentos, mas ela também é muito curta para a gente desperdiçar o nosso tempo com quem não merece fazer parte dele, como diz a Selina. Eu queria sim perdoá-la, mas sem trazê-la de volta para a minha vida.

Nunca precisei da companhia de gente que não me traz um companheirismo sincero e não seria agora que eu precisaria disso.

Ouvi tudo o que ela tinha a dizer e eu também me permiti falar tudo o que senti vontade, tudo o que estava entalado. É claro que eu a perdoei, da mesma forma que fiz isso com o Diego. Mas deixei claro que não queria que ela me procurasse mais, que não faria sentido retomarmos o contato e que as coisas haviam mudado demais para nos reaproximarmos. Ela chorou, disse que queria reconquistar a minha amizade, que sempre desejou o meu bem... Mas foram coisas que não tocaram o meu coração.

É engraçado porque existem pessoas que eu jamais achei que fariam parte da minha vida. Hoje, muitas delas não só fazem parte dos meus dias, como também os tornam melhores. Da mesma forma, também existem pessoas (como a Rebeca) que eu poderia jurar que estariam sempre comigo.

“Algumas pessoas entram em nossa vida para se despedirem depois, apenas”.

Desde cedo fui obrigada a aprender a lição. Me apeguei em pessoas que partiram, algumas por escolha própria, outras por escolha do acaso. Sofri em ambos os casos, mesmo tendo a consciência de que, em algum momento, alguém importante poderia não estar mais ao meu lado.

Sim, eu sabia que alguns finais são inevitáveis e que as partidas fazem parte da vida. Sei até que às vezes elas acontecem para o nosso bem, já em outras vezes, elas acontecem para que a gente aprenda a se acostumar com a realidade.

Mas, quer saber? Das saudades que me doem, as que são sobre o que não existe mais ou nunca existiu, são as que mais me corroem. Talvez seja porque elas me trazem uma dúvida intrigante: eu já não sei dizer se um dia fomos próximas e, de repente, por uma mudança dela ou minha, deixamos de ser, ou se, na verdade, nunca tivemos um laço e tudo não passou de uma encenação.

A única certeza que eu tenho é que, por mais que a saudade grite aqui dentro, jamais voltaríamos a ser como éramos (se é que éramos de fato). Tudo está tão diferente e, ao mesmo tempo, tão indiferente... Já não sei mais nada da vida dela e, quando ouço alguém falar sobre ela, sinto que está falando sobre uma desconhecida. Deve ser recíproco, porque eu não sinto vontade de compartilhar minhas dores e alegrias com ela... Não seria natural, eu não me

sentiria à vontade e talvez até mesmo ela se sentiria desconfortável ao me ouvir, pensando que agora eu não passo de uma estranha.

É como se eu olhasse a nossa foto de anos atrás e sentisse falta do que estava ali, daquele momento, do sentimento que tínhamos naquele dia... Mas aí, quando olho para a sua foto de hoje, não enxergo a mesma pessoa que tanto admirei há tempos atrás. E sabe, a sensação que tenho quando me olho no espelho é exatamente a mesma: eu já não sou mais aquela que eu era quando amava você.

Por isso, sigo aqui com uma saudade que não faz sentido, do que um dia fomos... (e nunca mais poderemos ser).

A verdade é que, em alguns casos, as pessoas mudam. Em outros, elas se revelam. Às vezes somos até nós que mudamos, não importa. O importante mesmo é ter os pés no chão e um pouquinho de sabedoria para lidar com estas grandes e inesperadas mudanças da vida que, quase sempre, acontecem para o nosso próprio bem.

Saí da lanchonete e dei de cara com o Alex. “É a volta dos mortos-vivos”, pensei. Ele estava de mãos dadas com uma mulher ruiva que eu nunca tinha visto. Notei na mesma hora que deveria ser alguma namorada.

Antes que eu pudesse ter qualquer reação, ele logo foi me cumprimentando e me apresentando para a sua noiva, Alessandra. Conversamos rapidamente sobre todo aquele clichê de “como vai a vida” e nos despedimos.

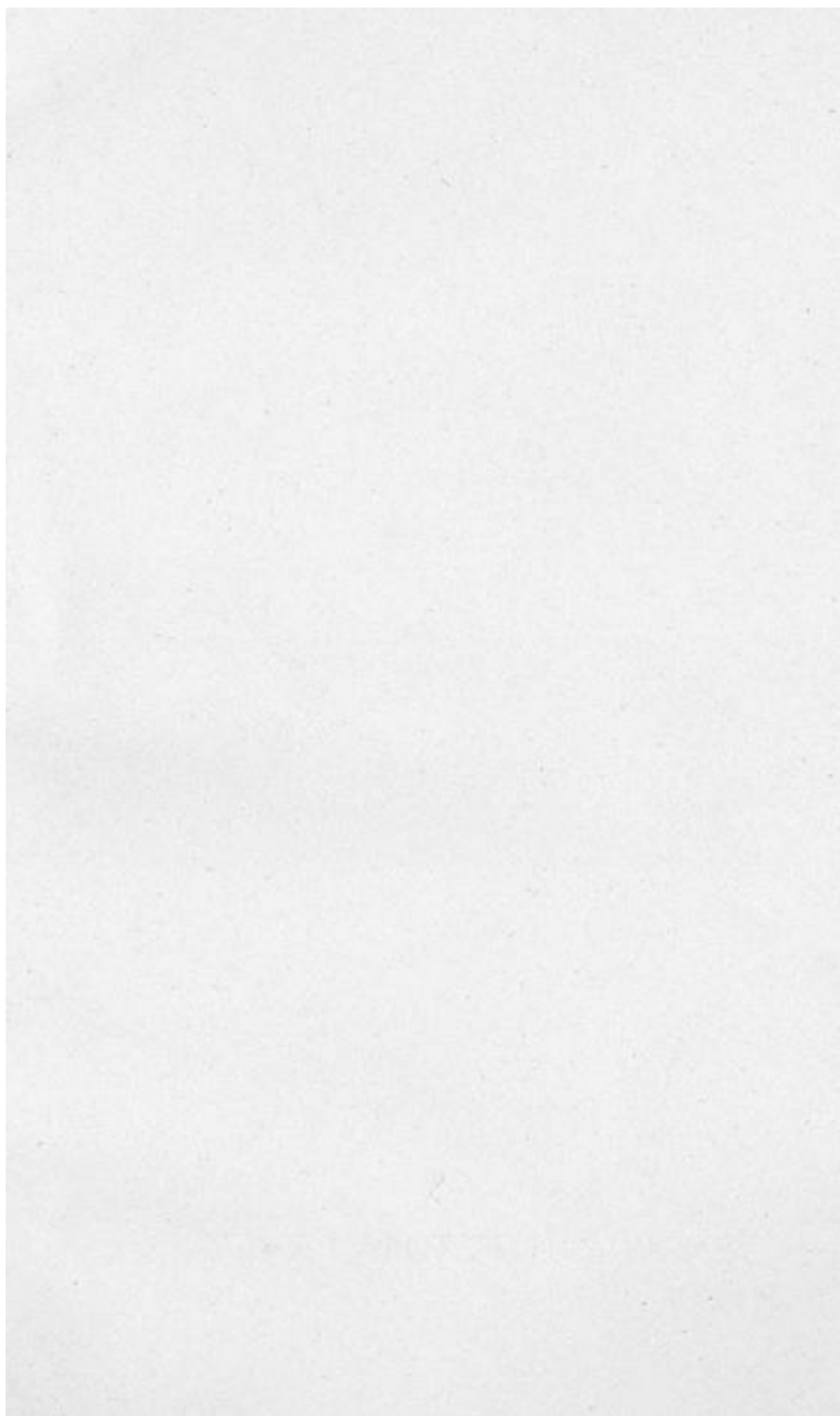
Não consegui sentir nada além de pena da Alessandra. Lembrei de quando eu aceitava as inúmeras desculpas do Alex, quando fingia não ver o que estava na minha frente e abandonava a mim mesma para estar ao lado dele. E hoje, depois de tanto tempo, vejo que não era amor em excesso por ele, nunca foi. Porque não dá para amar quem maltrata, machuca, desvaloriza. Não dá para amar quem não pensa em você, quem não se preocupa com os seus sentimentos, quem não te cuida... Ou seja, não era amor por ele, era falta de amor por mim.

Depois de tanto tolerar exigências desleais e comportamentos inaceitáveis, eu finalmente aprendi a largar aquele apego, aquela carência, aquele medo da solidão. Até mesmo quando eu

achava que o amava, sentia que algo estava errado e que aquilo era pesado demais pra mim. Sentia que não havia futuro, que não fazia sentido insistir em uma relação que me trazia tanto sofrimento e uma necessidade inesgotável de esforço...

E então, depois de tanto tempo, eu entendi que foi preciso me humilhar por alguém para criar aquele orgulho necessário, que faz a gente não aceitar mais aquilo que nos fere, que vai contra os nossos princípios, que não combina com a nossa essência. E foi isso o que aconteceu.

Agora eu até agradeço pelo que tivemos pelo amadurecimento que me trouxe, mas agradeço ainda mais pelo fim. E sobre o Alex, havia uma única coisa que ele estava certo: ele dizia que foi com ele que eu aprendi a amar e foi mesmo. Mas a mim mesma, em primeiro lugar.



Com você eu aprendi a amar...

A MIM MESMA,

em primeiro lugar.





Já passava das vinte horas e eu cheguei ao barzinho em que combinei com o Júlio, a quem eu não posso mais chamar de “doutor”, pelo menos neste encontro inesperado.

Ele estava sentado em uma mesa, segurando um copo que parecia ser de whisky. Era engraçado ver ele fora do consultório, com uma camiseta normal, bebendo como outras pessoas, sem aquele jaleco de médico e sem toda aquela aparência séria. Ele me viu, levantou da cadeira e me cumprimentou com um beijo no rosto, me fazendo sentir novamente o cheiro daquele perfume maravilhoso.

Muito cavalheiro, ele afastou a cadeira ao seu lado para que eu pudesse me sentar. Embora estivéssemos visivelmente tensos, com o tempo fomos nos soltando mais. Falamos sobre a rotina corrida do hospital, sobre a minha ansiedade para segunda-feira e sobre o quanto era estranho o fato de estarmos ali, sentados naquela mesa de bar. Ele me perguntou o motivo de eu não ter um namorado, sem que eu precisasse dizer que não tinha um. Acho que era óbvio pelo fato de eu estar ali com ele, em uma noite de sábado. Respondi que estava ligeiramente traumatizada e sorri. Ele deu risada e, sem que eu retribuísse a pergunta, foi dizendo:

- É bom saber que não sou o único traumatizado em termos de relacionamento. Sabe, eu gosto é de papo leve, de lugares em que fico à vontade, de gente sem frescura, que falha e não esconde.

Não me importo com quantos diplomas você tem, em quantas empresas já trabalhou ou quantos idiomas você fala. Não me interessa se você tem carro, se a tua roupa é de marca, se a tua casa é própria ou alugada, o que parece ser o que realmente importa para a maioria.

Mas para mim, o que interessa e importa é se você é capaz de sentir e se entregar sem dosagem, se você se aprova do jeito que você é, sem medo, sem vergonha e sem retoques para

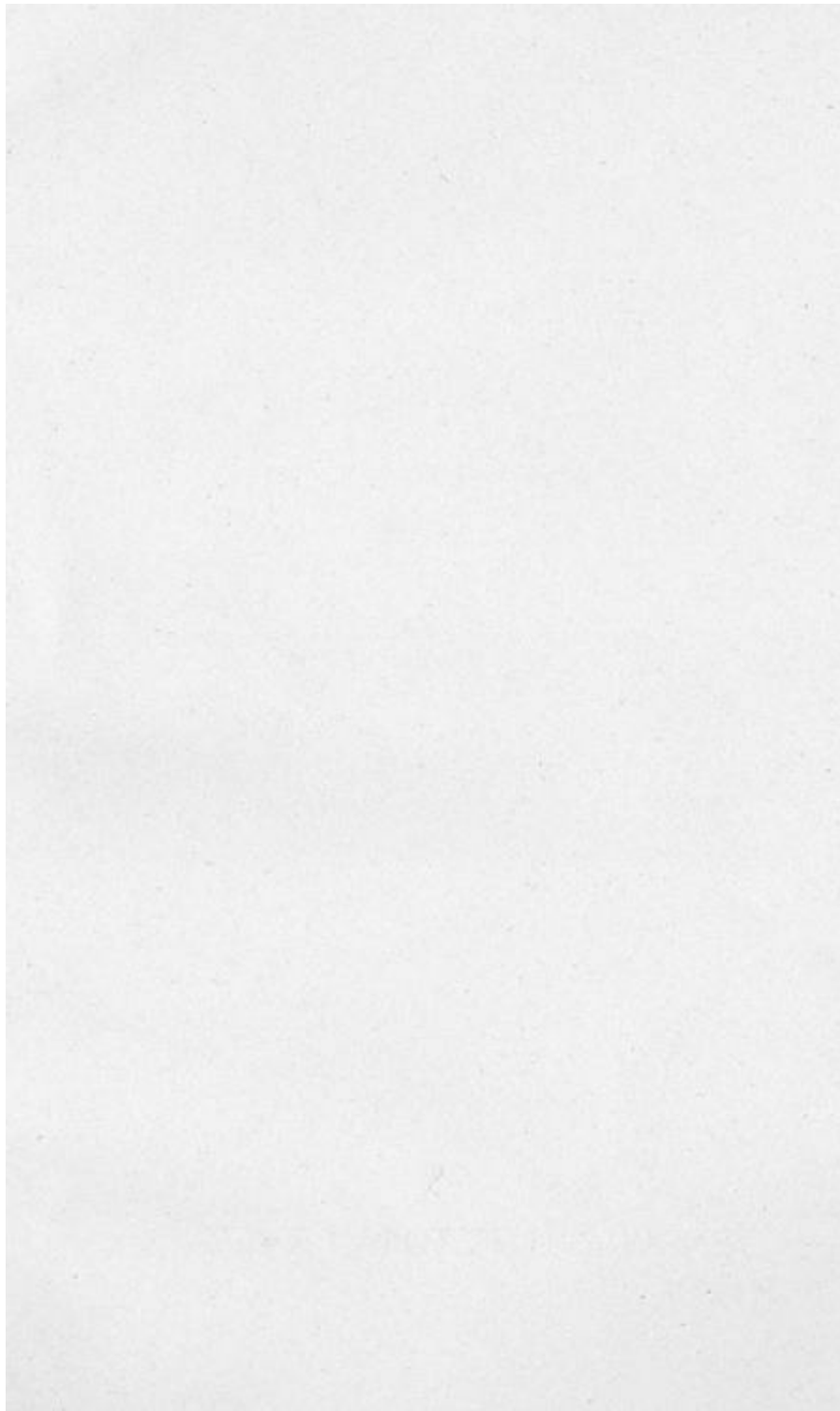
agradar ou conquistar.

E é por isso que estou solteiro: sinto falta de gente de verdade. Gente que me leva e se deixa levar, gente que busca e proporciona leveza, gente do tipo que dá vontade de ter sempre por perto.

Nesta altura do campeonato, ambos já tínhamos bebido consideravelmente. Achei bonita a filosofia dele, mas eu sabia que muito do mérito era do whisky.

De repente, nos beijamos. Foi agradável, mas eu ainda não me sentia pronta para me envolver com alguém, o que talvez tenha me feito não aproveitar tanto a noite depois que o beijo aconteceu.

Ele me atraía fisicamente, tinha um bom papo e era uma ótima companhia, mas a ideia de estar com alguém não me deixava confortável ainda.



O que me interessa e me importa é se você é capaz de sentir e se entregar sem dosagem, se você se aprova do jeito que você é, sem medo, sem vergonha e sem retoques para agradar ou

conquistar.





Passei o domingo todo ansiosa para o meu primeiro dia de trabalho na editora. Quando a segunda-feira finalmente chegou, eu me dei conta de que deveria estar muito mais tranquila. A Joana me recepcionou bem, como de costume. Me ensinou exatamente o que deveria ser feito, quais textos eu deveria revisar, quais matérias deveria colaborar com ideias e como eu deveria redigir as crônicas da coluna final da revista.

Enquanto eu estava editando um texto que seria publicado na próxima edição, uma moça simpática entrou na sala. Era a Martha, a responsável por um dos melhores cafés que eu já experimentei. Ela me serviu depois de me cumprimentar e perguntar pelo meu nome. Quando estava saindo, virou e me disse:

- Você é a primeira colunista que parece não ser esnobe dessa revista!

Gargalhei e fiquei pensando no quanto eu deveria fugir do padrão das colunistas anteriores para ela dizer isso.

Quando me dei conta, já estava na hora de ir para a casa. O dia passou rapidinho.

Como eu havia deixado o meu celular de lado a tarde toda, só fui ver a mensagem do Júlio quando estava entrando em meu carro. *“Aquela noite foi muito boa, quando podemos repetir a dose?”*.

Embora eu achasse ele atraente e muito interessante, eu não estava interessada a ponto de já cogitar um próximo encontro. Achei melhor responder depois.

Acordei e me lembrei que já era o dia de sessão com o Luís e o dia em que eu deveria escrever uma crônica para ser publicada na revista, a qual eu escrevi assim que cheguei na editora.

Decidi falar sobre como a gente se sente quando finalmente aprendemos a nos amar. E era exatamente assim que eu estava me sentindo.

SÓ ESTAMOS PRONTOS PARA AMAR ALGUÉM QUANDO

AMAMOS A NÓS MESMOS.

“Quando você realmente se ama, não permite que alguém te coloque para baixo nem deixa que nada a impeça de correr atrás dos seus sonhos.

Quando você realmente se ama, você tem força para deixar ir o que não merece ficar.

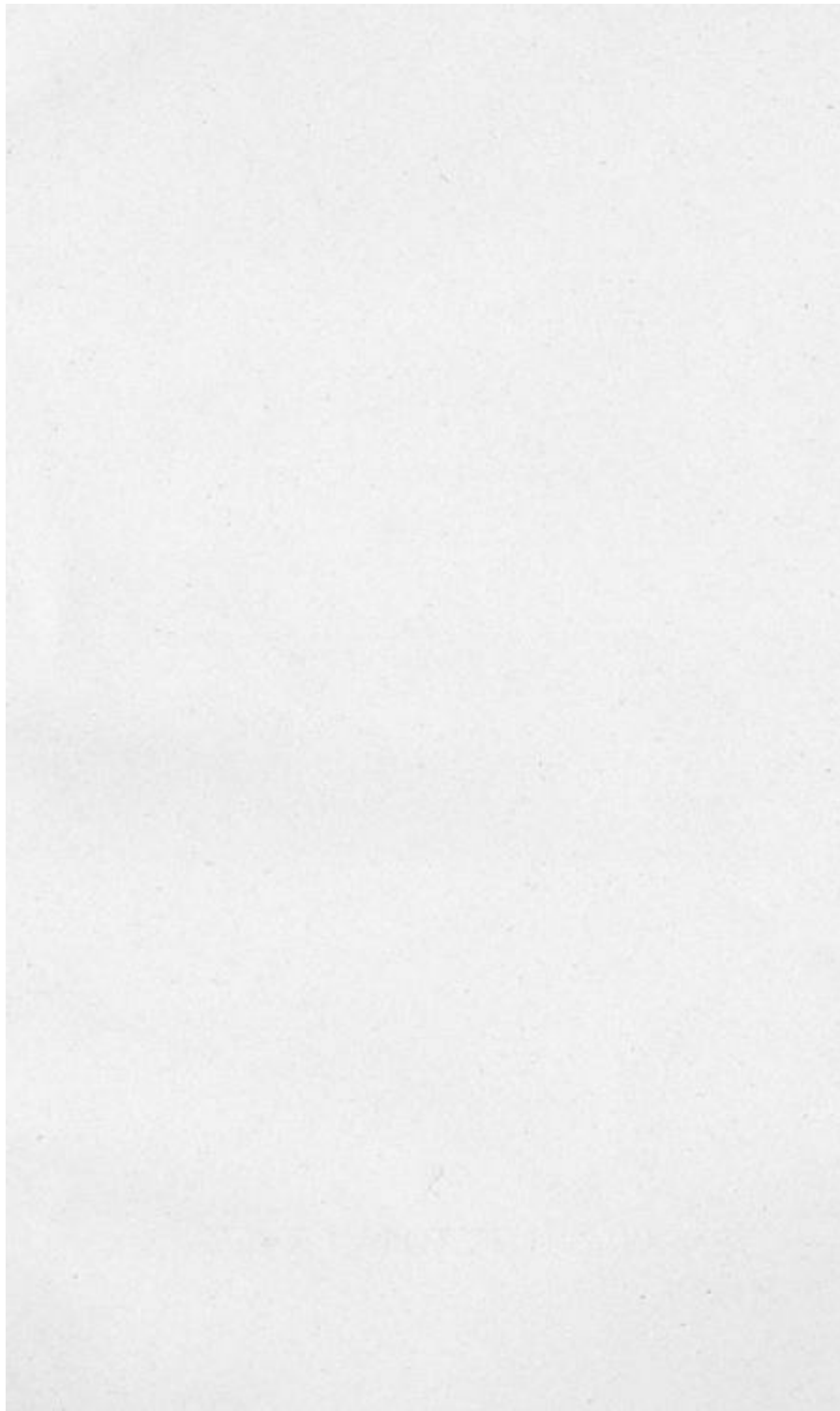
Quando você realmente se ama, não sente medo algum de se mostrar como é e ainda se orgulha disso.

Quando você realmente se ama, se sente à vontade com a sua própria essência, independente do que os outros falam.

Quando você realmente se ama, não insiste em relacionamentos que tragam mais sofrimento que felicidade.

Quando você realmente se ama, sente-se livre para seguir o seu coração, e não os padrões de beleza e de comportamento que tentam impor por aí.

Infelizmente, estamos em um tempo de abusos, exigências, pouca sensibilidade e pouco respeito. É preciso ignorar tudo isso e entrar mais em contato consigo próprio para encontrar a si mesmo e, quem sabe, encontrar alguém depois. Afinal, o mundo pode estar um caos aí fora, mas enquanto você se amar e se acolher, estará em paz aí dentro... (E só então estará pronta para dividir a sua paz com alguém que realmente a mereça.)”



O que me interessa e me importa é se você é capaz de sentir e se entregar sem dosagem, se você se aprova do jeito que você é, sem medo, sem vergonha e sem retoques para agradar ou

conquistar.





Passei o domingo todo ansiosa para o meu primeiro dia de trabalho na editora. Quando a segunda-feira finalmente chegou, eu me dei conta de que deveria estar muito mais tranquila. A Joana me recepcionou bem, como de costume. Me ensinou exatamente o que deveria ser feito, quais textos eu deveria revisar, quais matérias deveria colaborar com ideias e como eu deveria redigir as crônicas da coluna final da revista.

Enquanto eu estava editando um texto que seria publicado na próxima edição, uma moça simpática entrou na sala. Era a Martha, a responsável por um dos melhores cafés que eu já experimentei. Ela me serviu depois de me cumprimentar e perguntar pelo meu nome. Quando estava saindo, virou e me disse:

- Você é a primeira colunista que parece não ser esnobe dessa revista!

Gargalhei e fiquei pensando no quanto eu deveria fugir do padrão das colunistas anteriores para ela dizer isso.

Quando me dei conta, já estava na hora de ir para a casa. O dia passou rapidinho.

Como eu havia deixado o meu celular de lado a tarde toda, só fui ver a mensagem do Júlio quando estava entrando em meu carro. *“Aquela noite foi muito boa, quando podemos repetir a dose?”*.

Embora eu achasse ele atraente e muito interessante, eu não estava interessada a ponto de já cogitar um próximo encontro. Achei melhor responder depois.



Acordei e me lembrei que já era o dia de sessão com o Luís e o dia em que eu deveria escrever uma crônica para ser publicada na revista, a qual eu escrevi assim que cheguei na editora.

Decidi falar sobre como a gente se sente quando finalmente aprendemos a nos amar. E era exatamente assim que eu estava me sentindo.

SÓ ESTAMOS PRONTOS PARA AMAR ALGUÉM QUANDO AMAMOS A NÓS MESMOS.

“Quando você realmente se ama, não permite que alguém te coloque para baixo nem deixa que nada a impeça de correr atrás dos seus sonhos.

Quando você realmente se ama, você tem força para deixar ir o que não merece ficar.

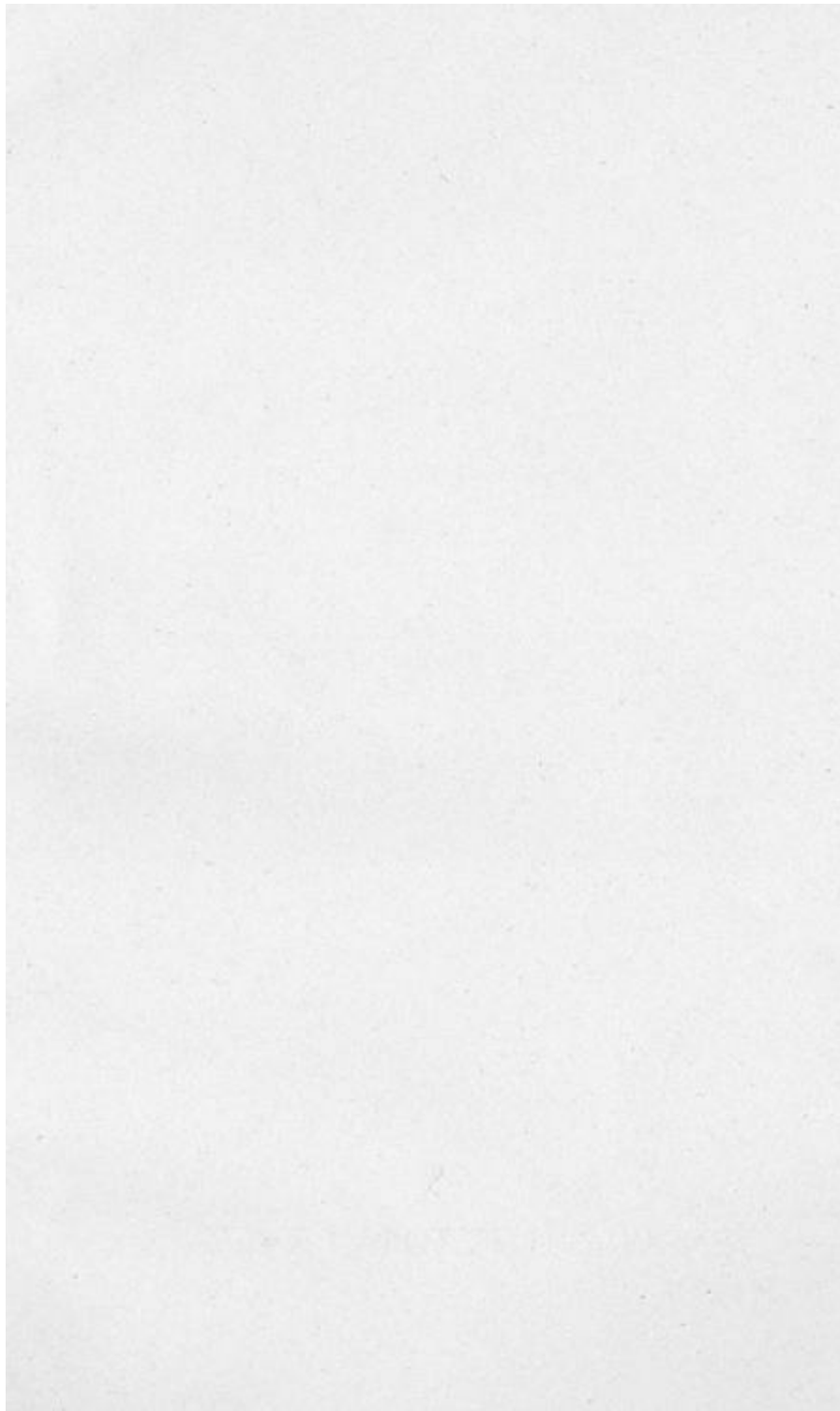
Quando você realmente se ama, não sente medo algum de se mostrar como é e ainda se orgulha disso.

Quando você realmente se ama, se sente à vontade com a sua própria essência, independente do que os outros falam.

Quando você realmente se ama, não insiste em relacionamentos que tragam mais sofrimento que felicidade.

Quando você realmente se ama, sente-se livre para seguir o seu coração, e não os padrões de beleza e de comportamento que tentam impor por aí.

Infelizmente, estamos em um tempo de abusos, exigências, pouca sensibilidade e pouco respeito. É preciso ignorar tudo isso e entrar mais em contato consigo próprio para encontrar a si mesmo e, quem sabe, encontrar alguém depois. Afinal, o mundo pode estar um caos aí fora, mas enquanto você se ama e se acolher, estará em paz aí dentro... (E só então estará pronta para dividir a sua paz com alguém que realmente a mereça.)”



O mundo pode estar um caos aí fora, mas enquanto você se amar e se acolher, estará em paz aí dentro.





Como eu previa, o dia passou rapidamente e lá estava eu, seguindo para o consultório do Luís.

Cheguei e já fui recebida por ele, então fomos direto para a sua sala. Ao subir as escadas, me dei conta de que ainda não havia respondido a mensagem do Júlio.

Antes mesmo que eu pudesse contar sobre a minha primeira semana na editora, eu senti vontade de dizer ao Luís que não sabia o que queria exatamente com o Júlio e que isso estava me incomodando. Ele me fez diversas perguntas, mas duas chamaram a minha atenção:

- E quem disse que você precisa saber agora? Quem disse que você precisa sempre ter respostas para tudo?

Tenho mesmo a mania de querer encontrar explicação para tudo, principalmente para o que eu sinto... E, ultimamente, os meus sentimentos são tão inconstantes, meus desejos são tão momentâneos e minhas certezas são quase nulas. Eu cheguei a cogitar que fiquei assim por pura defesa, medo de me entregar e sofrer, mas nem sobre isso eu consigo ter certeza.

Confesso que não sei o que quero, ou, como alguém muito sábio me disse, talvez eu ainda não tenha encontrado o que realmente quero.

A única certeza que tenho é a do que eu não quero. Essa sim é sólida o suficiente para resistir às mudanças que acontecem lá fora e até mesmo às reviravoltas que se passam aqui dentro.

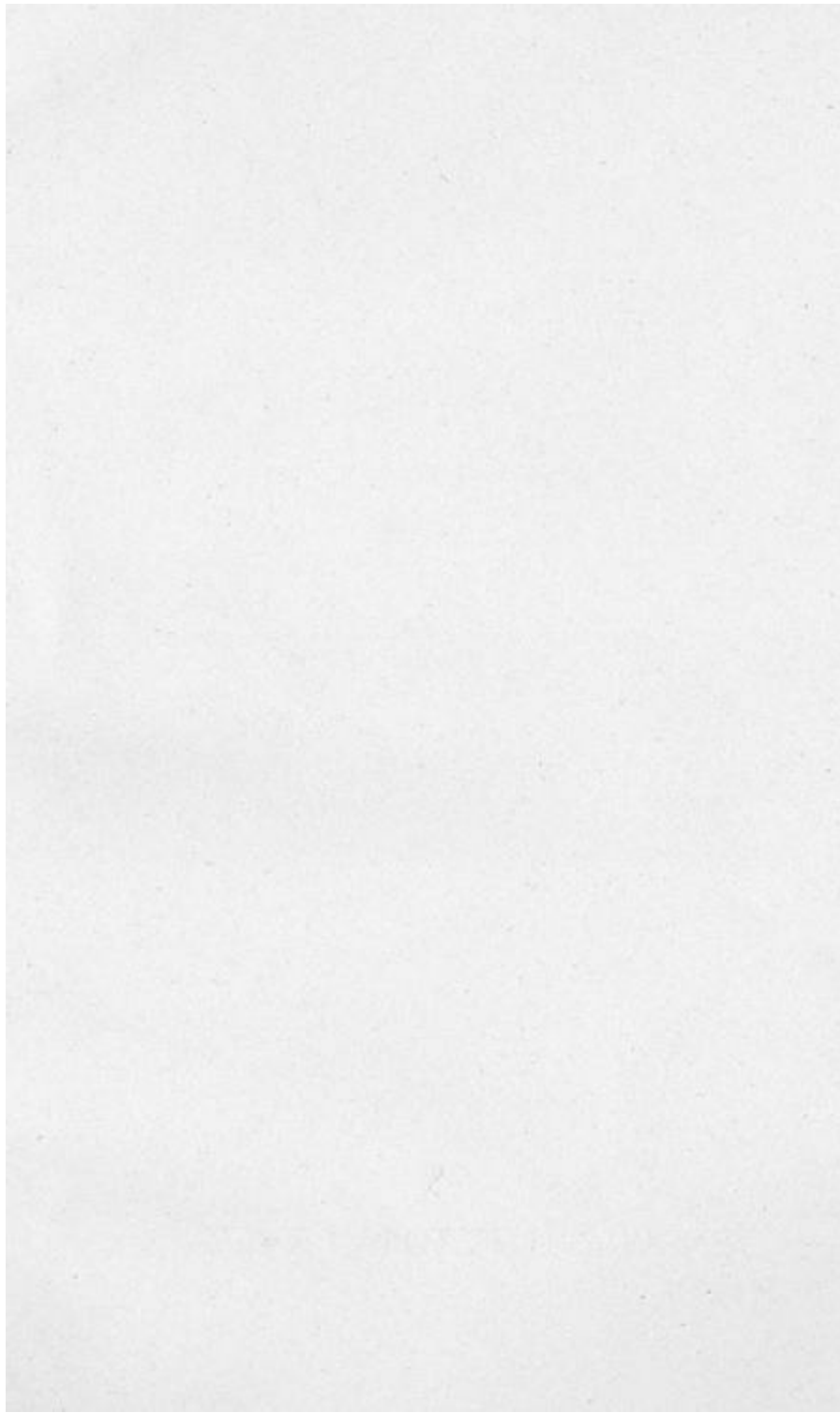
Quanto ao resto, sei que essa inconstância pode machucar quem está ao meu redor, mas eu prefiro ser totalmente sincera com ela, que é algo que faz parte de mim, do que iludir ou enganar alguém. Se tem algo que já me machucou demais nessa vida é a falta de honestidade das pessoas, mesmo quando ela acontece por puro medo de machucar o outro com a verdade. É

por isso que eu prefiro esclarecer tudo, mesmo sabendo que posso desagradar.

Se não for capaz de lidar com as minhas fraquezas e dúvidas, que sinta-se livre para partir, sem culpa alguma. Posso até sentir falta, mas eu me machucaria muito mais se soubesse que ficar ao meu lado é como um esforço para alguém, já que esse jeito imprevisível pode ferir quem está tão certo do que quer.

Tenho que deixar a vida seguir o seu rumo e ir trilhando os caminhos que acredito que sejam os melhores (e sem hesitar em mudar de rota a qualquer momento, se eu acreditar que é necessário ou sentir vontade de fazê-lo). Me aceito como sou e realmente estou em busca de viver, e não mais de (me) entender. Se consegue lidar com isso, nem precisa pedir licença para acompanhar, seja por um dia, um mês ou apenas um segundo, não importa. Se não consegue, que seja tão honesto consigo mesmo como eu sou comigo. Leve o que foi bom e siga em frente na busca do que você quer e do que você acredita ser o melhor caminho.

E quanto a mim? Bom, eu não sei e nem preciso saber.



Ousei obedecer o que sinto e me libertar da preocupação com o que pensariam a meu respeito.

Desde então, estando triste ou feliz, sinto-me mais

verdadeira e infinitamente mais fiel
à minha essência.





Alguns dias se passaram e tudo permanecia quase igual. Eu já me sentia à vontade na editora, saía de vez em quando com o Júlio e encontrava com a Luíza e a Selina ao menos uma vez por semana, já que logo a Selina iria embora.

O clima natalino invadia a minha cidade com aquelas lindas árvores de Natal que enfeitavam as lojas e todas aquelas luzinhas brilhantes que iluminavam as noites de São Paulo.

Como em todas as vésperas de Natal, eu segui para a casa da minha avó depois de embrulhar todos os presentes.

Quando cheguei, fui recepcionada pela minha tia, que sempre se importou mais em saber sobre meus casos amorosos do que se eu realmente estava bem. Já até esperava pela clássica pergunta: e os namoradinhos?

Entrei, cumprimentei todos os familiares e sentei no sofá da sala de estar.

Eu estava rodeada de gente sorrindo, falando alto e se fartando com aquela mesa repleta de comidas e bebidas. Por mais que o barulho das vozes fosse absurdamente alto, eu me desligava dele com facilidade, porque só conseguia prestar atenção na dor pulsante que eu sentia em meu coração. Tentei disfarçá-la com uma boa maquiagem no rosto, um vestido bonito e expressões alegres e forçadas. Não sei se obtive êxito, mas pelo menos eu tentei... Fiz até uma viagem com as amigas, fui conhecer um lugar novo e experimentar coisas inéditas na tentativa de esquecê-lo. Confesso que me peguei chorando por dentro diversas vezes em meio àquele mundo de copos cheios, decotes à mostra, beijos insinuantes e música alta. Mesmo assim, guardei a dor no bolso, fui dançar e tentar me divertir, mais uma vez para tentar me esquecer dele.

E então eu cansava e ficava ali sentada, sozinha, pensando no quanto você me fazia falta,

no quanto eu ficaria feliz se de repente você me ligasse para desejar um feliz Natal ou um feliz ano novo, acompanhado de um “estou com saudade”. Eu não tinha dúvidas de que o maior presente que eu poderia receber naquele final de ano era ter você de volta na minha vida, e eu rezei para que isso acontecesse durante muito tempo.

Hoje já faz um ano... Lembro-me que eu ficava tentando adivinhar como eu estaria no próximo Natal e no próximo réveillon. Cogitei que estaria feliz ao seu lado, com tudo resolvido e bem definido, como eu acreditava que era antes do término. Também cogitei que eu estaria com outra pessoa, alguém incrível que me fizesse ter a sensação de que valeu a pena sentir toda aquela dor que o nosso fim me causou, porque só assim eu estaria pronta para um relacionamento melhor e muito mais sólido.

Enfim, cogitei diversas hipóteses, mas não cheguei nem perto da que realmente aconteceu: eu, sozinha, sem nenhum sinal de paixão ou amor por algum cara.

Eu, sozinha, sem nenhum resquício de vontade de te ter de volta, de ainda te amar ou de sentir a sua falta.

Eu, sozinha, sabendo que aquele fim foi mesmo definitivo.

Eu, sozinha, renovada e sentindo uma paz e uma calma aqui dentro que surpreende a mim mesma.

Eu, sozinha, percebendo que não preciso de você e nem de nenhum cara incrível ao meu lado para entender que a vida é mesmo muito boa e que vale a pena ser vivida com o máximo possível de intensidade... Aliás, incrível mesmo fui eu, que tive que lidar sozinha com a verdade e, mesmo com o coração em pedaços, reaprender a viver sem ninguém ao meu lado.

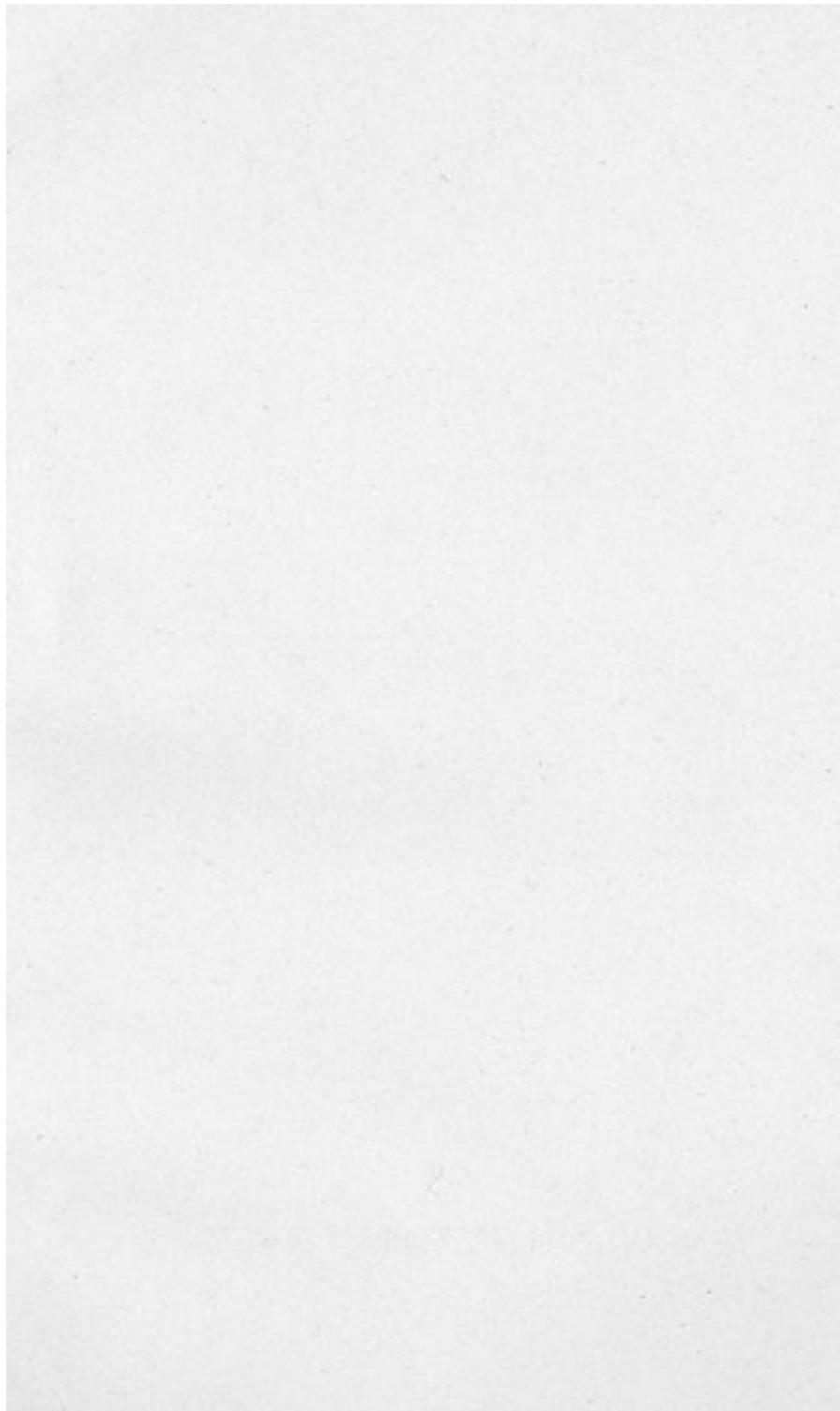
Incrível mesmo fui eu, que mesmo machucada, reagi e fui atrás do que eu queria, do que eu acreditava, do que eu merecia.

Incrível mesmo fui eu, que recomecei do zero e fui à luta mesmo com aquela ferida aberta e com aquele medo enorme de cair mais uma vez.

Incrível mesmo sou eu... Que estou aqui agora, rodeada não só de gente, sorrisos, comidas e bebidas, mas também de um amor pela minha vida que me envolve por completo e de uma

força que me mostra que eu sou capaz de enfrentar qualquer coisa, incluindo a sua ausência...
(Sem precisar de disfarce algum desta vez).

Incrível mesmo sou eu, que finalmente entendi que tudo é passageiro, que para toda dor existe cura e, principalmente, que o importante é que eu nunca estarei sozinha e nunca deixarei de me amar... Porque o que vem de fora pode até me tornar mais forte e me trazer sabedoria (mesmo que seja de uma forma dolorida), mas a minha felicidade somente eu sou capaz de me proporcionar.



E então me pego aqui sozinha, fazendo um brinde às minhas conquistas, me orgulhando do meu amadurecimento, aproveitando a presença daqueles que vale a pena estar por perto e agradecendo a

ausência de quem um dia me feriu, mas também me fortaleceu.





Por causa do Natal e do réveillon, a editora antecipava todas as edições antes do dia 23 de dezembro para dar entrada nas férias coletivas. Eu voltaria a trabalhar apenas no início de janeiro, então tive bastante tempo livre e só não fui viajar porque eu, a Selina, a Luíza e o Paulo passaríamos a virada juntos em São Paulo.

O Júlio pediu para que a gente se visse antes do ano acabar, então marcamos um encontro no dia 30. Fomos para um restaurante italiano que ele sugeriu. Ele me buscou em casa, já que eu havia emprestado o meu carro para a minha mãe.

Nos sentíamos muito à vontade um com o outro e assunto não faltava. Para mim era bastante claro que ele estava envolvido, porque ele demonstrava querer estar junto e sempre me procurava.

Às vezes eu até me perguntava como um cara tão bacana como ele estava solteiro. Mas eu sabia a resposta: assim como eu, ele havia se decepcionado muito em seu último namoro.

Ele ficou noivo da Melissa, com quem ele namorou por uns dois anos. Eles estavam à procura de um apartamento para casar. Um dia, ambos combinaram de se encontrar em um prédio recém-construído para conhecer o espaço. Então o Júlio ligou para ela e avisou que não conseguiria ir, porque havia surgido uma emergência no hospital. Ela ficou de ir sozinha e repassar tudo para ele.

Na verdade não havia emergência alguma. O Júlio queria fazer uma surpresa para ela, pois havia comprado uma joia que ela queria muito.

A ideia dele era deixar a joia em cima da cama da Melissa, já que ela não estaria lá e ele tinha a chave do apartamento em que ela morava.

Ao seguir para o apartamento, ele abriu a porta sem fazer barulho para não acordar o Max, o cachorro dela.

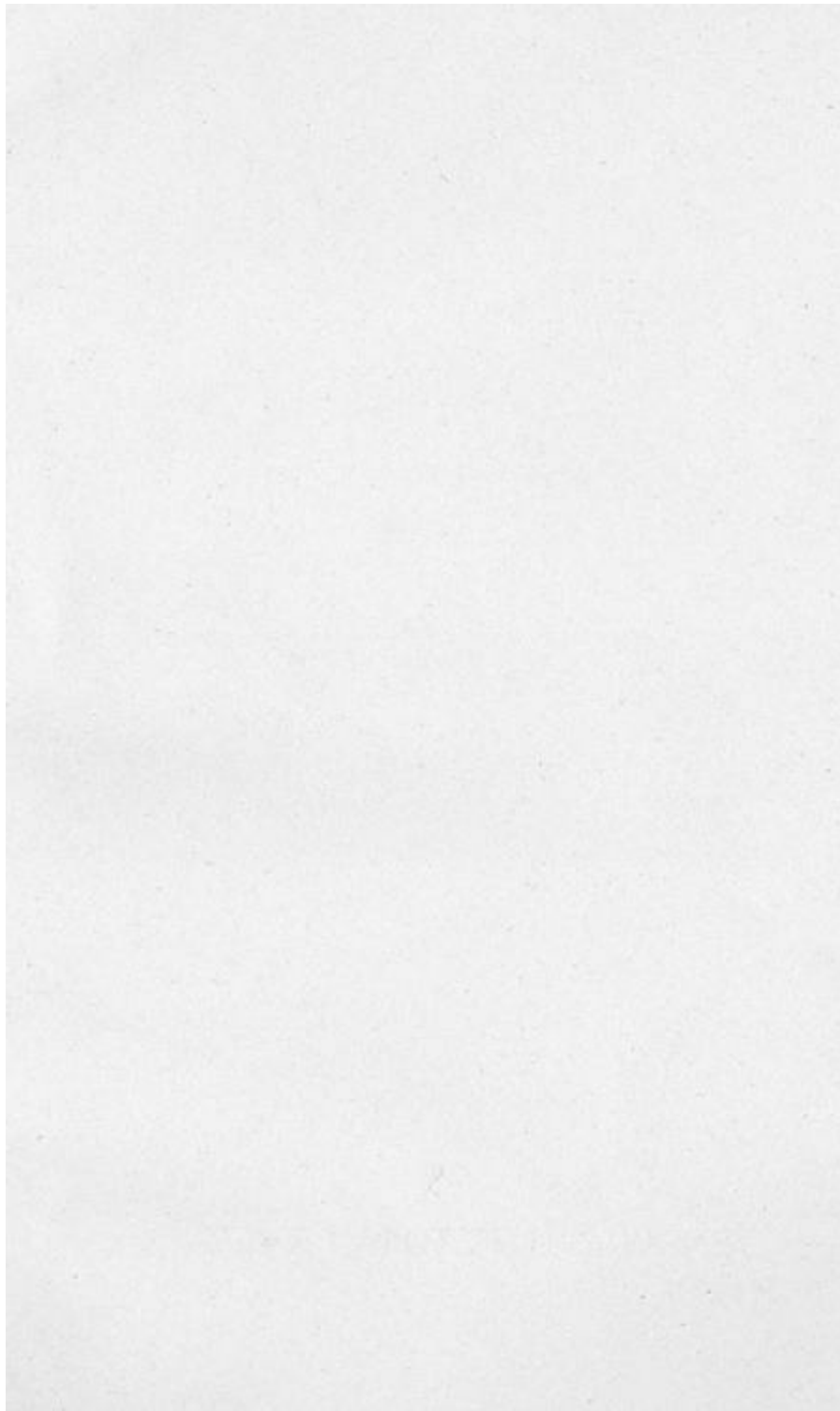
Ele viu que o Max estava dormindo no sofá e escutou algumas risadas que pareciam vir de algum dos quartos. Em total silêncio, ele caminhou até o quarto da Melissa, ouvindo a voz dela dizer: “não se preocupe, ele acha que estou olhando um apartamento”. Quando ele abriu a porta do quarto rapidamente, avistou ela nua, coberta apenas com o lençol da cama, abraçada a um rapaz que ele não conhecia.

Estava claro que haviam acabado de transar e que ela jamais pensou que ele apareceria por lá.

Segundo ele, a Melissa o procura até hoje, mas ele não quer nem ouvir falar no nome dela.

Embora isso seja motivo suficiente para alguém nunca mais querer um envolvimento amoroso, o Júlio não se deixou levar. É claro que ele ficou decepcionado e revoltado, porque todo mundo fica assim ao descobrir uma traição, mas isso não fazia com que ele tentasse se afastar de mim. Pelo contrário, ele parecia não ter medo algum de investir, mesmo em uma mulher confusa e complicada como eu.

Eu invejava isso nele. Eu não conseguia encarar da mesma forma depois de quebrar a cara com o Diego.



E então me pego aqui sozinha, fazendo um brinde às minhas conquistas, me orgulhando do meu amadurecimento, aproveitando a presença daqueles que vale a pena estar por perto e agradecendo a

ausência de quem um dia me feriu, mas também me fortaleceu.





Por causa do Natal e do réveillon, a editora antecipava todas as edições antes do dia 23 de dezembro para dar entrada nas férias coletivas. Eu voltaria a trabalhar apenas no início de janeiro, então tive bastante tempo livre e só não fui viajar porque eu, a Selina, a Luíza e o Paulo passaríamos a virada juntos em São Paulo.

O Júlio pediu para que a gente se visse antes do ano acabar, então marcamos um encontro no dia 30. Fomos para um restaurante italiano que ele sugeriu. Ele me buscou em casa, já que eu havia emprestado o meu carro para a minha mãe.

Nos sentíamos muito à vontade um com o outro e assunto não faltava. Para mim era bastante claro que ele estava envolvido, porque ele demonstrava querer estar junto e sempre me procurava.

Às vezes eu até me perguntava como um cara tão bacana como ele estava solteiro. Mas eu sabia a resposta: assim como eu, ele havia se decepcionado muito em seu último namoro.

Ele ficou noivo da Melissa, com quem ele namorou por uns dois anos. Eles estavam à procura de um apartamento para casar. Um dia, ambos combinaram de se encontrar em um prédio recém-construído para conhecer o espaço. Então o Júlio ligou para ela e avisou que não conseguiria ir, porque havia surgido uma emergência no hospital. Ela ficou de ir sozinha e repassar tudo para ele.

Na verdade não havia emergência alguma. O Júlio queria fazer uma surpresa para ela, pois havia comprado uma joia que ela queria muito.

A ideia dele era deixar a joia em cima da cama da Melissa, já que ela não estaria lá e ele tinha a chave do apartamento em que ela morava.

Ao seguir para o apartamento, ele abriu a porta sem fazer barulho para não acordar o Max, o cachorro dela.

Ele viu que o Max estava dormindo no sofá e escutou algumas risadas que pareciam vir de algum dos quartos. Em total silêncio, ele caminhou até o quarto da Melissa, ouvindo a voz dela dizer: “não se preocupe, ele acha que estou olhando um apartamento”. Quando ele abriu a porta do quarto rapidamente, avistou ela nua, coberta apenas com o lençol da cama, abraçada a um rapaz que ele não conhecia.

Estava claro que haviam acabado de transar e que ela jamais pensou que ele apareceria por lá.

Segundo ele, a Melissa o procura até hoje, mas ele não quer nem ouvir falar no nome dela.

Embora isso seja motivo suficiente para alguém nunca mais querer um envolvimento amoroso, o Júlio não se deixou levar. É claro que ele ficou decepcionado e revoltado, porque todo mundo fica assim ao descobrir uma traição, mas isso não fazia com que ele tentasse se afastar de mim. Pelo contrário, ele parecia não ter medo algum de investir, mesmo em uma mulher confusa e complicada como eu.

Eu invejava isso nele. Eu não conseguia encarar da mesma forma depois de quebrar a cara com o Diego.



Era 31 de dezembro e eu estava me arrumando para ir para a casa da Luíza. Ela havia rompido o seu namoro há alguns dias e nós sabíamos que ela deveria estar deprimida, então decidimos marcar a ceia na casa dela para que ela não pudesse escapar. Avisei que levaria o Puppy comigo, já que ele se assusta muito com os fogos.

Então, enquanto eu vestia a minha roupa, fiquei pensando em como o ano havia passado rápido. Era mais um ciclo se encerrando para que um novo pudesse começar.

E tudo mudou muito em minha vida. Não foi um novo amor, o novo emprego, uma nova casa, mas um novo EU. Finalmente eu estava pensando mais em mim, me colocando em primeiro lugar e deixando de me preocupar com os outros.

Segui para a casa da Luíza e percebi que ela estava visivelmente abalada, mas fingindo sorrisos, exatamente como eu fiz no Natal do ano passado.

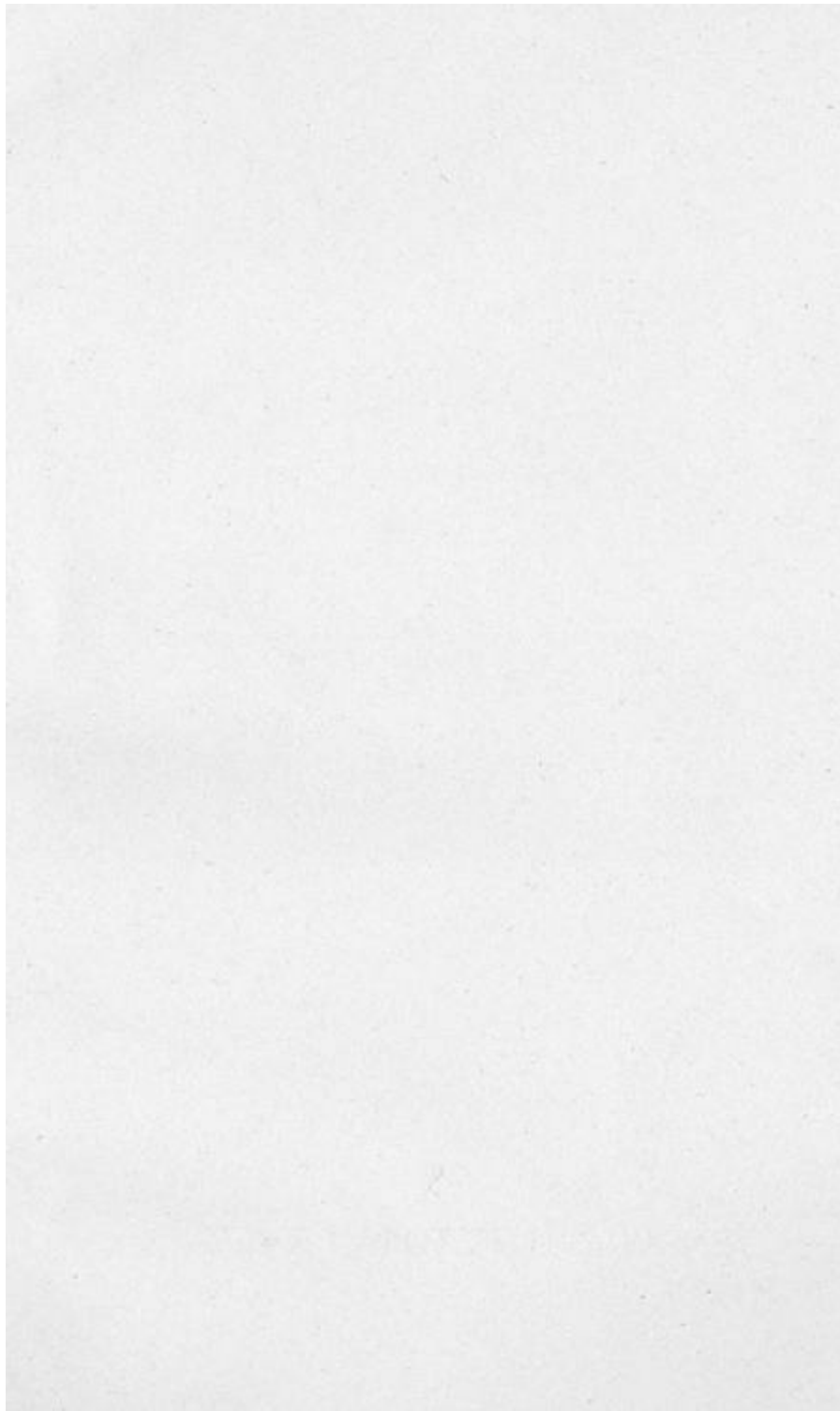
A Selina aproveitou quando o Paulo saiu com a namorada para tentar achar gelo, já que havíamos esquecido que o congelador da Luíza não funcionava muito bem.

- Você deveria agradecer por ter se livrado daquele traste, Lu. Sabe, eu acho que era apego e não amor. Acho que você precisa aprender a gostar da sua própria companhia e perceber que não precisa de nada que venha de fora, porque já possui o essencial dentro de si própria. É clichê, mas é verdade: a gente não precisa de ninguém para ser feliz. Então aproveita que se livrou de um babaca para aproveitar a vida do seu jeito, sem se preocupar com nada, sem a obrigação de ter que agradar a alguém. Eu mesma ainda não encontrei ninguém que tenha feito o meu coração vibrar. Nestes envolvimento repentinos e sem vínculos da minha vida eu sinto que falta alguma coisa, sabe? Falta sentimento, falta aquele “algo a mais”, falta o essencial para durar ou até mesmo para ter vontade de tentar, sei lá. Mas não importa. Eu estou bem

assim e quando tiver que aparecer alguém, vai aparecer.

- Eu li em algum lugar que quando a gente tem uma decepção, a gente renasce.

Acredito que as maiores decepções acontecem porque fechamos os olhos em um momento em que abrimos muito o coração... Aí a entrega e a confiança acontecem naturalmente, deixando-nos expostos e mais vulneráveis. E vocês sabem, eu tenho uma grande facilidade em abrir o coração mesmo, até com quem não merece. É claro que eu queria muito que desse certo, porque eu gosto dele. Pode ser apego sim, mas por enquanto eu sinto que gosto, não tem jeito. Sinto a falta dele, mesmo com todas as brigas que tínhamos quase sempre. Mas no fundo eu sei que o nosso término foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. Sei que os dias vão passar e a dor vai sumir. Sei que ficarei bem, só preciso mesmo é de um tempo para digerir tudo.



Prefiro a verdade nua e crua, sem censura.

A lágrima que cai é a mesma que abre os meus olhos.

A dor que me corta é a mesma que me regenera.





Voltei a trabalhar e me dei conta de que já faziam alguns dias que eu não tinha notícia alguma do Júlio. Percebi então que era sempre ele que me procurava e me perguntei se algo havia acontecido.

Mandei uma mensagem perguntando se estava tudo bem e ele disse que sim, que estava na correria no hospital. Ele foi seco e eu acho que sabia o motivo: cansou de só ele procurar, só ele demonstrar interesse, só ele se esforçar. E por mais que eu acreditasse totalmente na ideia de que não queria nada sério com ele e que seria indiferente tê-lo por perto ou não, me dei conta de que estranhei o seu sumiço porque senti a sua falta.

Então eu aproveitei a reflexão para escrever a crônica que seria publicada em minha coluna.

“Não é falta de sentimento por você, não é falta de vontade de estar ao seu lado, não é apenas medo de me machucar de novo. Na verdade são tantas coisas que eu mesma não consigo explicar. Logo eu, que sempre fui tão boa com as palavras, agora me vejo completamente perdida através delas... Mas uma coisa eu posso dizer com plena certeza e sem pestanejar: o que me afetou mesmo foram as experiências passadas, aquelas que deixaram marcas que eu noto em meu olhar e feridas que sinto pulsar aqui dentro, todos os dias. São lembranças que atormentam, são dores que não se calam, são traumas que não se curam, pecados que não se perdoam. Sou eu não sendo mais a mesma desde que alguém me feriu e algo me partiu... Porque desde aquele momento eu soube que nunca mais eu enxergaria o mundo da mesma maneira, jamais sentiria a

vida como sempre senti, jamais resgataria a inocência que naquele momento eu perdi.

Já não me importo se ninguém entende, porque sei que somente eu senti, somente eu vivi. E é também por isso que não posso ser egoísta e pedir para que você fique, que tenha paciência com a minha entrega incompleta, com os meus sentimentos confusos, com os meus pensamentos contraditórios. Não posso ser egoísta e pedir pra que você tente entender o que não é passível de compreensão, porque só quem viveu é que sabe dessa dor. Não posso ser egoísta e considerar apenas a minha vontade quando sei que você almeja e merece mais, muito mais que alguém quebrada em pedaços que ainda não se encaixam. Não pedirei para que você se vá porque seria pedir por algo que não quero, mas entenderei se você decidir ir... Só quero que saiba que mesmo assim, entre indecisões e feridas, a única coisa que tem me feito sorrir verdadeiramente é você.

(E se um dia me esquecer, que não se esqueça de que você é capaz de fazer feliz até mesmo quem tem medo da felicidade. Que não se esqueça de que você fez alguém sentir vontade de estar junto e de acompanhar, mesmo quando este alguém só relutava em confiar e amar... Porque com você, sei que no fundo senti vontade de me libertar dos meus medos e de me entregar por inteiro.)”

Depois de pensar por alguns bons minutos, decidi enviar o texto para o Júlio por e-mail.

Pouco depois chegou a resposta dele. Confesso que meu coração quase pulou para fora da boca quando vi o seu nome na minha caixa de entrada.

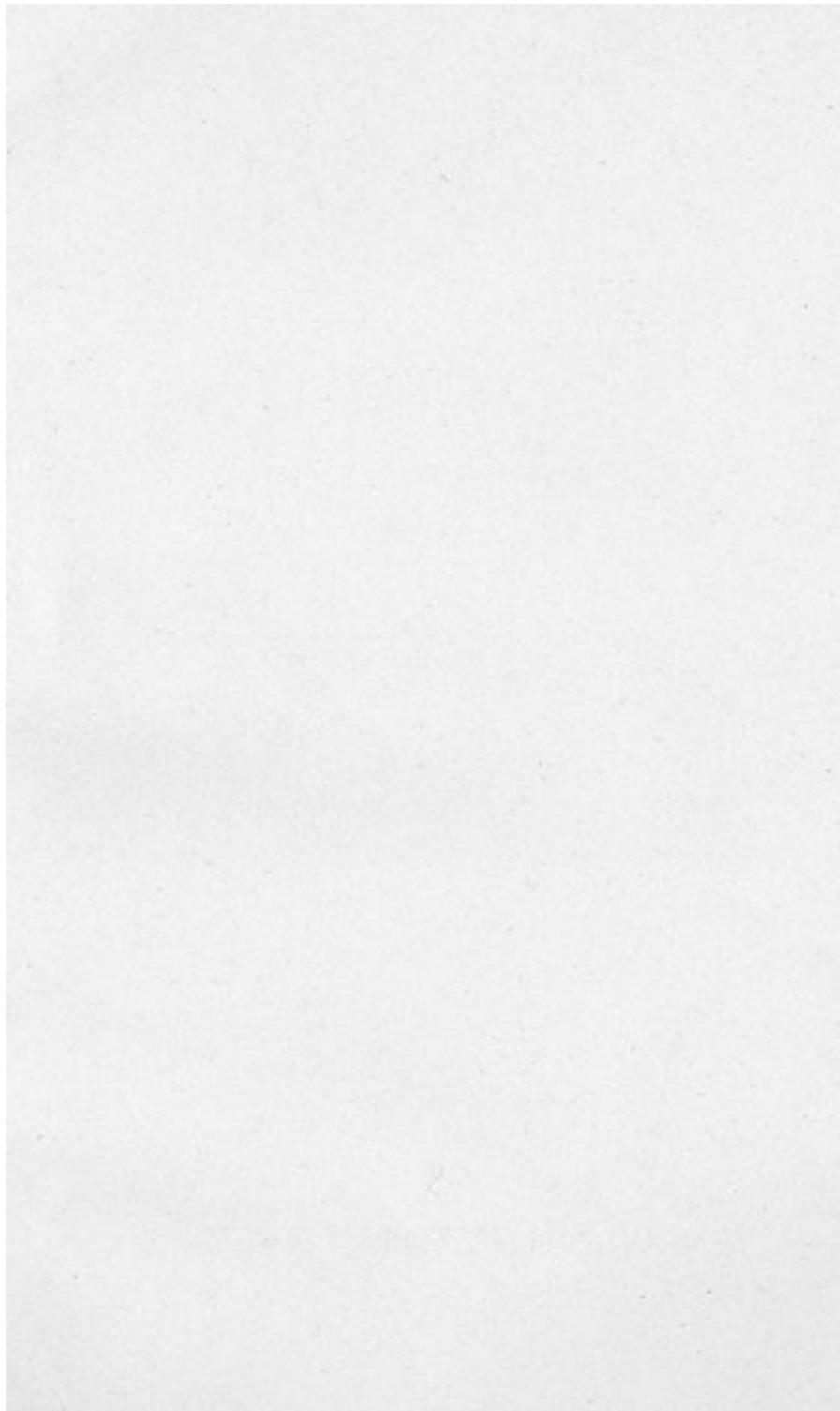
“Depois de levar tanto tempo para juntar os cacos que sobraram de mim com a última decepção que tive, finalmente encontrei a minha paz.

Aprendi a vivenciar a leveza de ser eu mesmo, de fazer as minhas

vontades, de não me comprometer com obrigações e satisfações. Resgatei o que havia deixado de lado e intensifiquei ainda mais o laço com tudo aquilo o que faz sentido para mim, com tudo aquilo que é compatível comigo.

E então, quando estava distraído e sem nenhuma expectativa, você apareceu. Ao contrário de toda aquela crença de que é exatamente quando não esperamos que chega o que é para valer, eu confesso que achei que não passaria de um casinho qualquer ou uma mera amizade repentina... No começo eu até não quis me envolver também. Entre dúvidas e uma enorme inconstância aí dentro de você, que tanto tentou me afastar, talvez sem perceber, eu quase tive a certeza de que realmente não era para ser. Acho que você tem medo do que pode dar certo. Medo de você quebrar toda a armadura que levou tanto tempo para construir. Medo de enxergar que, ao contrário do que você pensava, ainda existe gente especial e confiável neste mundo. Medo de você quebrar as suas sólidas teorias de que não quer mais saber dessa coisa de amar ou de ter alguém ao seu lado. Medo de perceber que o seu coração, mesmo machucado e desiludido, ainda é capaz de se encantar por alguém, derrubando toda a sua defesa. Mas sabe, acho que quando alguém gosta de uma pessoa para valer, por mais traumatizada que ela esteja, por mais que tenha todas as razões do mundo para não querer se envolver, chega uma hora em que as emoções superam as razões. Chega uma hora em que a chegada de alguém te faz partir dos seus próprios receios para viver por novos sentimentos. Chega uma hora em que a vontade de estar junto é maior que o medo de se ferir novamente. E se esta hora chegar, aí sim você pode me procurar. Do contrário, prefiro permanecer com a distância.”

A minha vontade era de sair correndo, de dizer que eu queria tentar, de abraçar ele e não soltar mais, mas eu sabia que em questão de minutos eu poderia me arrepender. Sabia que os meus sentimentos e vontades andavam inconstantes demais e tudo o que eu não queria era machucar o Júlio. Eu teria que machucar a mim mesma com esta distância para finalmente decidir o que eu queria e ser capaz de entender o que eu sentia. Já não sabia se eu gostava mesmo dele e tinha medo de tentar de novo, por tudo o que eu já havia sofrido, ou se eu não gostava e, no fundo, continuava querendo me apegar a alguém para não ficar sozinha. A cada hora eu pensava uma coisa e eu me sentia muito mal comigo mesma por isso. A única certeza que eu tinha é a de que precisava ir para casa, deitar em minha cama e não ouvir nada além do meu próprio silêncio, mas a Selina viajaria no dia seguinte e eu fiquei de jantar com ela e a Luíza. Eu sabia que se eu não fosse, provavelmente a veria somente depois de um ano. Era a minha última chance de ter uma noite agradável com a minha amiga antes de sua partida, assim como também poderia ser a minha última chance de convencer o Júlio de que valia a pena me esperar...



Com você eu senti vontade de me libertar dos meus medos e me entregar por inteiro.





Fui para o restaurante combinado com a Selina e a Luíza. Foi uma noite de muitos abraços, lágrimas e declarações.

- Quanto mais o tempo passa, menos amigos ficam. Alguns vão culpar a falta de tempo, outros se vão pela perda da sintonia. Às vezes é a gente que se afasta porque finalmente percebe que qualquer relação é uma via de mão dupla. E aí a gente cansa de ser o que mais procura, o que mais oferece colo e o que mais dá apoio a quem não faz o mesmo pela gente.

A gente também perde aquela mania de achar que bacana é estar rodeado de gente e com uma porção de “amigos”. Bacana mesmo é contar com aqueles poucos e bons que podemos confiar em qualquer momento.

A verdade é uma só: talvez os encontros demorem mais para acontecer, mas quando existe um bem-querer, quando você realmente se importa, dá um jeito de falar algumas palavrinhas, de perguntar como vai a vida e de demonstrar que está com saudade. E quando a gente aprende isso e nota certas ausências, a gente abre os olhos e, conseqüentemente, fecha algumas portas.

Quando algo é recíproco, as coisas fluem naturalmente, e quando alguém quer estar perto, dá um jeito de se fazer presente.

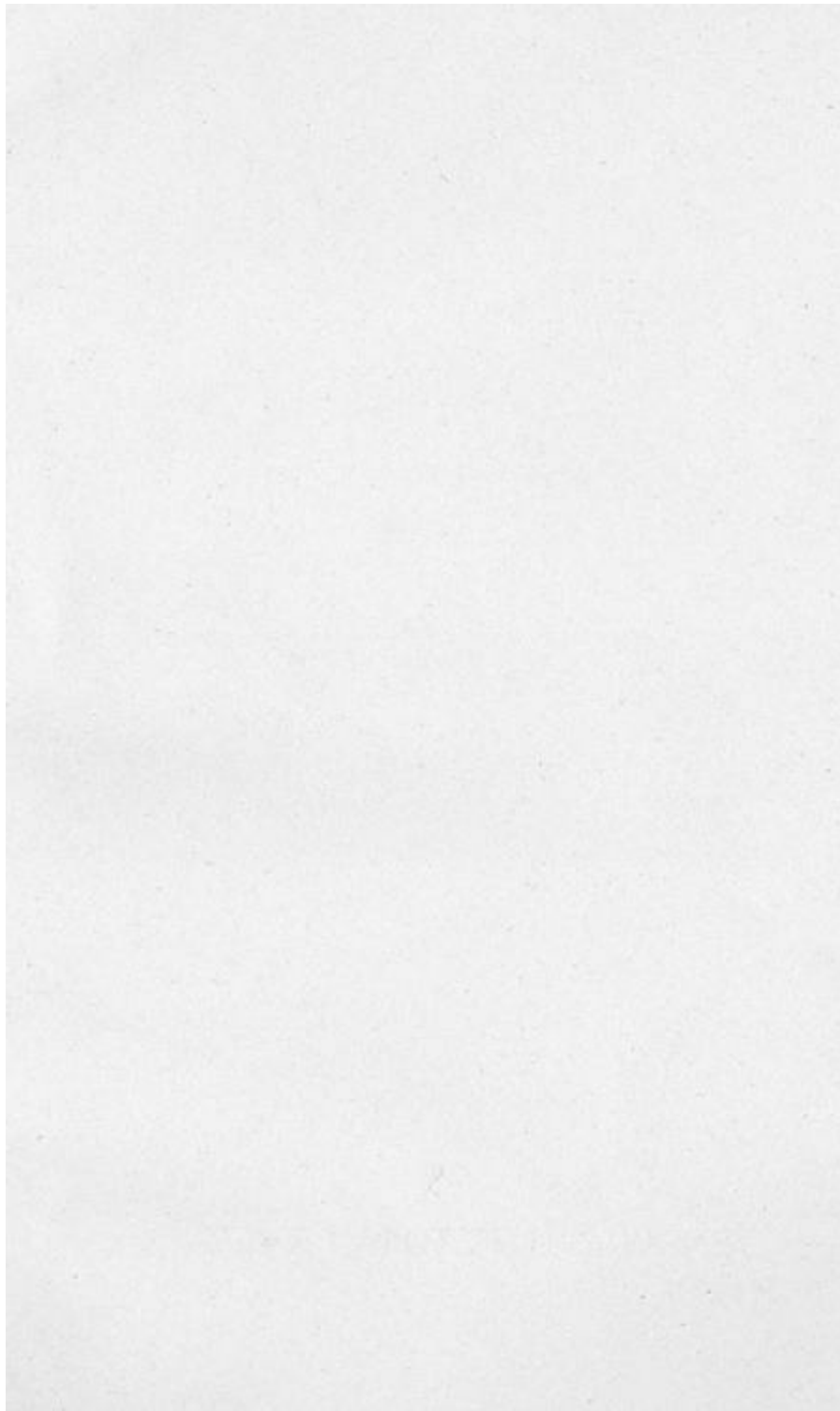
Eu sabia que a Selina estava falando isso porque duas amigas dela não apareceram, mas acho que também foi uma forma de dizer que sempre estaríamos presentes uma na vida da outra, mesmo longe.

Confesso que foi difícil encarar que uma grande e tão presente amiga estaria do outro lado do mundo em poucas horas, mas eu sabia que a nossa amizade estava acima de qualquer distância. Nunca tivemos uma relação superficial, daquelas em que você só pode contar com a pessoa nos momentos felizes, nos encontros com a turma, nas horas de cerveja e risadas. Com

a Selina eu sabia que podia contar em qualquer momento. E essa é a diferença relevante quando se trata de amizades: a conveniência estabelece um tempo para o laço. A lealdade o fortalece a ponto de decretar sua eternidade.

Quando o jantar terminou, a Luíza me perguntou sobre o Júlio. Contei tudo o que vinha acontecendo e ela disse:

- Ninguém é igual ao Diego. Ninguém é igual ao Lucas. E você já não é mais a mesma Clarice de antes. O Júlio não tem culpa de tudo o que os babacas que passaram pela sua vida fizeram. Eu entendo que você, finalmente, tenha aprendido a ficar sozinha, que tenha aprendido que ser feliz depende apenas de você. Mas, infelizmente, acho que também aprendeu algo de forma errada: que para se bastar, você precisa afastar qualquer cara da sua vida, até aquele que parece gostar mesmo de você. Te conheço há muitos anos e sinto que você gosta sim dele, mas não é capaz de admitir isso para si própria por puro medo de se machucar de novo. E na boa? Você já está se machucando por não se permitir, não se entregar. Acho que você não precisa de um tempo para pensar, e sim que você precisa sentir e deixar vir à tona o que está aí dentro.



A conveniência estabelece um tempo para o laço.

A lealdade o fortalece a ponto de decretar sua eternidade.





Acordei com uma sensação estranhamente boa depois de um sonho que tive. Nele eu bati na porta de uma casa e esperei que alguém viesse me atender, mas foi em vão. Fiz isso porque enquanto eu caminhava pela rua, um ruído chamou a minha atenção. Era um som diferente, eu não conseguia identificar o que era e, por algum motivo, eu não iria sossegar até descobrir.

Depois de aguardar alguns minutos, bati mais uma vez na porta, que se abriu. Não bati com força, mas bati mais forte que da primeira vez, o suficiente para ela abrir.

Entrei e me deparei com uma sala. Nela havia um sofá de estampa florida, uma televisão de umas quarenta polegadas e uma porção de enfeites de pássaros na estante e na mesinha central. Notei que o ruído se tornava mais alto a cada passo que eu dava, me chamando para um cômodo do corredor.

Quando decidi segui-lo, avistei o que parecia ser a porta de um quarto. Ela estava entreaberta e eu entrei. Ao lado da cama havia uma pequena cômoda de algumas gavetas com uma gaiola de ferro em cima. Logo avistei o que estava fazendo o ruído: um pássaro estava preso dentro da gaiola.

A gaiola era tão pequena para ele que as suas asas pareciam dobradas e uma delas estava um pouco machucada. Sua cabeça pouco se mexia e ele se debatia enquanto soltava o que pareciam ser pedidos de socorro.

Não sei qual foi a intenção de quem o deixou ali, mas também não me importei em saber, afinal nenhum motivo justificaria aquele sofrimento todo. Como todos os pássaros, ele merecia ser livre em sua natureza.

Logo eu tive o impulso de abrir a gaiola. A ave saiu e começou a bater as asas, sem muito

sucesso. Caiu nas quatro tentativas que fizera em minha frente. Levei algum tempo para conseguir pegá-la porque ela estava assustada. Pudera, sabe-se lá quanto tempo passou presa ali e o quanto já havia aguentado.

Quando finalmente consegui colocá-la em minhas mãos, notei que, para a minha surpresa, era uma gaivota. Ali naquela gaiola ela parecia tão pequena, quase como um filhote de pássaro... Mas não, ela era muito maior do que parecia. A jaula é que a deixava pequenina.

Corri até a rua e lembrei-me de um parque que estava a poucos metros. Fui até ele, sentei-me ao pé de uma árvore e soltei a gaivota de minhas mãos, colocando-a na terra. Mais uma vez, ela fez algumas tentativas de voo sem sucesso, até que, finalmente, conseguiu voar. Minha última visão dela foi com a luz do sol de fundo, tão alto foi o seu voo.

Então eu fiquei ali parada, me sentindo grata pela conquista da gaivota e pensando que, muitas vezes, eu me senti exatamente como ela.

Quantas vezes permaneci em lugares que me apequenavam?

Quantas vezes deixei que cortassem minhas asas?

Quantas vezes me tornei pequena por não ser capaz de mostrar minha grandiosidade onde estava?

Quantas vezes não caí ao tentar levantar voo?

Aí eu percebi que, mesmo com tudo isso, a gaivota voou. Mesmo assim, ela esperou pela sua liberdade e foi capaz de vivê-la quando teve a chance.

Sem saber, ela também me salvou por me fazer enxergar que, independente do que passamos, independente das nossas quedas, devemos insistir em pedir socorro quando necessário e continuar tentando. E, principalmente, devemos nos afastar de lugares e pessoas que nos apequenam. Só assim conseguiremos voar o mais alto que pudermos e, conseqüentemente, perceber o quão grande podemos ser.



Uma semana havia se passado e eu decidi procurar o Júlio porque eu continuava sentindo a falta dele. Pedi para nos encontrarmos no restaurante italiano que gosto. Ele topou e disse que talvez se atrasaria um pouco. Não perguntei o motivo e falei que tudo bem.

Cheguei ao restaurante uns quinze minutos antes do horário marcado e pedi um vinho. Eu estava ansiosa e nervosa demais para conversar com ele totalmente sóbria, confesso. Bebi a primeira taça rapidamente e, quando estava prestes a encher a segunda, vi o Júlio entrando. Ele não se atrasou, chegou pontualmente no horário em que marcamos.

Acenei para ele e quando ele se aproximou de mim, dei um abraço apertado nele e um beijo no rosto. Conversamos um pouco naquele clichê de como vai a vida, está tudo bem, como vai o trabalho... Até que eu interrompi:

- Eu quis te ver porque sinto a sua falta. Sei que talvez eu tenha agido como uma babaca com você. Logo eu, que já tive tantos babacas na minha vida para querer agir de forma contrária.

- Você não agiu como uma babaca, mas talvez como uma medrosa. Disse ele com aquele sorrisinho de canto.

- Sim, eu sou mesmo medrosa. Já me machuquei tanto que prefiro evitar qualquer envolvimento para não passar por tudo de novo. Mas sei que é impossível eu passar pela mesma coisa, principalmente com uma pessoa diferente. E é por isso que eu tomei a atitude de marcar este encontro com você. Eu quero tentar, quero dar uma chance a nós dois, só peço para irmos com calma, justamente para que dê certo. Quero saber quem o Júlio realmente é, quero conviver com ele para saber quais serão os nossos desafios, no que a gente se encaixa e o que merece maior atenção. Quero também que você me conheça, que saiba quem eu realmente sou

e que tenha a certeza de que quer estar ao meu lado, caso a gente decida ficar junto para valer.

Então ele segurou nas minhas mãos, que estavam perto da minha taça de vinho. Ficou me olhando por alguns segundos até sair do seu lugar para se sentar ao meu lado. E, pela primeira vez, eu percebi que não haveria lugar melhor para ele estar.



Eu não sei se amanhã estarei na editora, se meu trabalho ali vai render em bons frutos, se eu continuarei atuando na minha área daqui um ou dois anos. Também não sei se eu estarei com o Júlio no próximo Natal, se a nossa relação vai dar certo e se vamos nos casar algum dia.

O que eu sei é que eu passei por alguns rompimentos e todos foram difíceis. Acho que é inevitável ser assim, porque a gente se acostuma com a presença do outro, mesmo que não o ame mais. E quando ainda ama, acaba sendo difícil porque a gente quer estar junto. Ou seja, independente do motivo do término, ele sempre traz uma certa tristeza... Talvez também por essa mania que a gente tem de achar que só vale a pena se dura muito ou para sempre.

Até que o tempo passa, a tristeza também e aí a gente tem a certeza de que nos tornamos mais fortes e preparados para lidar com uma decepção, que será mais fácil se acontecer de novo. É bem verdade que a cada fim eu me fortalecia mais mesmo, mas também é verdade que preparada para sofrer eu nunca estive. Sei que não existe sofrimento igual e que cada um foi de um jeito, é claro... Mas imune a ele nós nunca estaremos, não tem como ser inatingível.

Eu até cheguei a acreditar que, depois de colocar um ponto final em um relacionamento abusivo, eu finalmente tinha conquistado o auge do meu amor-próprio, que eu finalmente tinha entendido como seguir em frente, depois de tanto mendigar o amor de alguém, me cansar e dar um basta naquela entrega sem sentido - que podia ser tudo, menos amor. Hoje eu vejo que esta experiência foi mesmo válida, porque me fez enxergar que o amor acontece de forma natural, não exige esforço, não é unilateral.

Mas ela não me tornou imune ao sofrimento e eu percebi isso com o Diego.

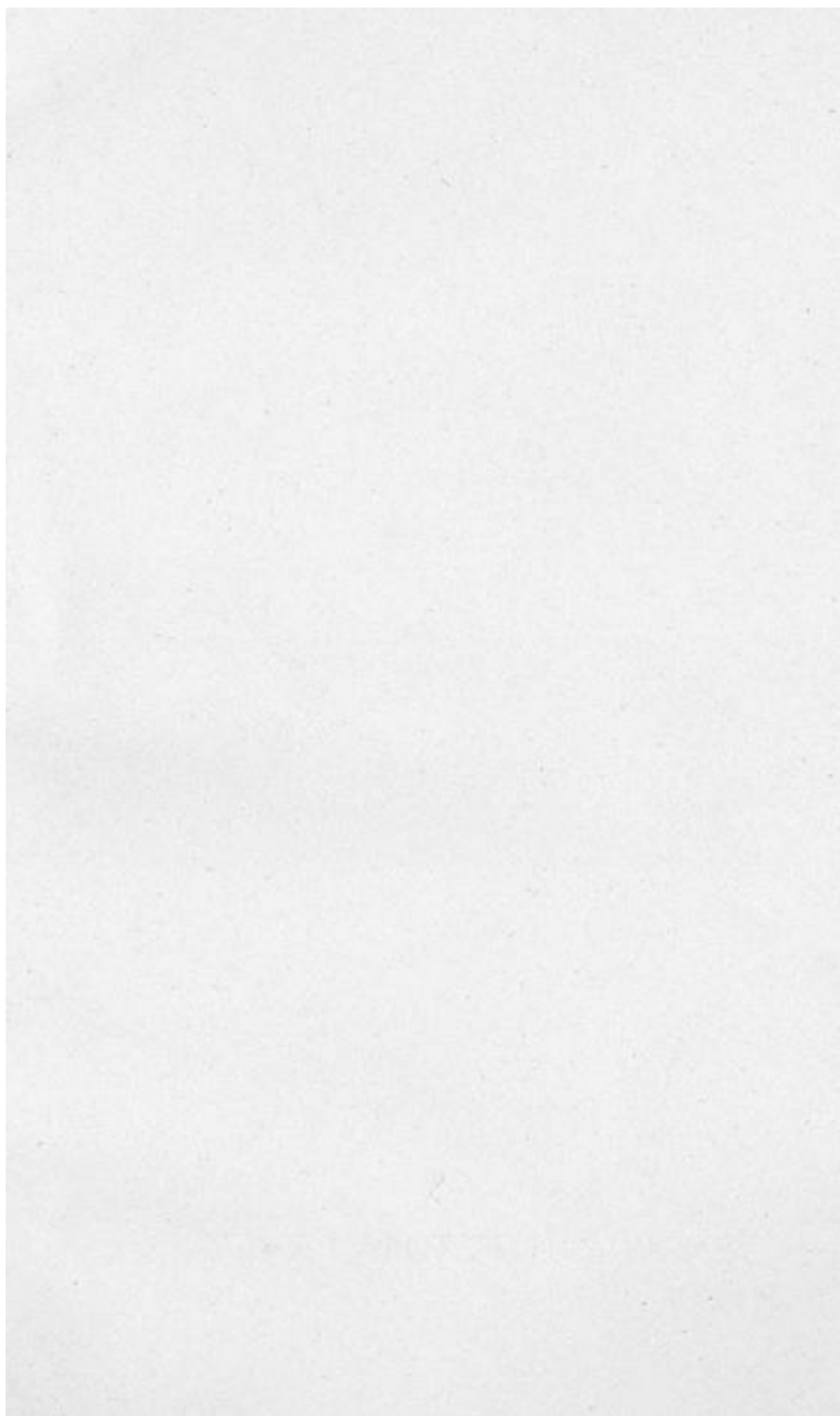
Com ele eu me via em um envolvimento saudável e com uma perspectiva de futuro feliz...

Até que, de repente, acabou. E acabou daquele jeito que a gente não espera, do jeito que a gente mais teme: com uma decepção daquelas que faz a gente questionar tudo. Doeu muito e eu achei que desta vez eu não suportaria, que não conseguiria superar... E quer saber? Eu nem sei se “superar” é a melhor palavra para esse tipo de coisa. A verdade é que eu aprendi a lidar, o tempo foi amenizando a dor e a vontade de estar com ele deixou de existir quando eu me dei conta de que ele era alguém que, além de não estar ao meu lado por uma escolha própria, também era alguém que não merecia estar comigo. E então eu peguei só o aprendizado que tirei daquela história para levar, agradecendo por ela não existir mais.

E foi assim que eu percebi que é possível se machucar até mesmo com quem a gente mais confia, que a segurança que a gente tem em uma relação pode ser destruída em segundos com palavras ou atitudes e, finalmente, percebi que todos aqueles clichês de que ninguém é de ninguém, que nada é eterno e que tudo muda o tempo todo no mundo, são reais. Mas, acima de qualquer coisa, eu percebi que não existe abandono quando a gente tem a si próprio, quando a gente deixa a vontade de seguir em frente ser maior que a ferida, quando a gente encara que nenhuma outra pessoa pode ser dona da nossa felicidade e da nossa vida.

Eu me dei conta de que eu tinha a mim mesma e isso me tornou livre... E agora a liberdade está enraizada em meu ser. Quem quiser ser minha companhia deve compreender que eu jamais vou deixar de também voar sozinha.

E aí você pode me perguntar: “então você não vai mais amar, não vai mais sofrer por ninguém?”. Vou te dizer que eu estou aberta a amar e que posso sim sofrer por alguém de novo, e quando isso acontecer, provavelmente eu vou desconfiar mais das pessoas, vou me resguardar mais uma vez... Mas a diferença é que agora eu tenho uma certeza que antes eu não tinha: sou plenamente capaz de me reerguer sozinha. Se me faltar amor do lado de fora, sigo com o único e eterno amor que me transborda: o daqui de dentro.



Se me faltar amor do lado de fora, sigo com o
único e eterno amor que me transborda: o
daqui de dentro.





Agradecimentos

Agradeço a Deus, à minha família, ao meu amor, aos meus amigos, aos leitores e todos aqueles que me apoiam e inspiram (não preciso citar nomes porque vocês sabem quem são).

Agradeço também a você que está lendo este livro por tornar mais um sonho meu real!